



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA**

RUNDESTH SABOIA NOBRE

**PROCESSO DE GRAFIA DA LÍNGUA DE SINAIS
UMA ANÁLISE FONO-MORFOLÓGICA
DA ESCRITA EM *SIGNWRITING***

Tradução e interpretação
Jonathan Sousa

Santa Catarina
2011.1

RUNDESTH SABOIA NOBRE

PROCESSO DE GRAFIA DA LÍNGUA DE SINAIS
UMA ANÁLISE FONO-MORFOLÓGICA
DA ESCRITA EM *SIGNWRITING*

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

Orientadora: Profa. Dra. Marianne Rossi Stumpf

Santa Catarina
2011.1

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Nobre, Rundesth Saboia

Processo de grafia da língua de sinais : Uma análise
fono-morfológica da escrita em signwriting / Rundesth
Saboia Nobre ; orientadora, Marianne Rossi Stumpf -
Florianópolis, SC, 2011.
201 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-
Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Libras. 3. Bilinguismo. 4. Escrita de
Língua de Sinais. 5. SignWriting. I. Stumpf, Marianne Rossi
. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

RUNDESTH SABOIA NOBRE

PROCESSO DE GRAFIA DA LÍNGUA DE SINAIS
UMA ANÁLISE GRAFO-FONOLÓGICA
DA ESCRITA EM *SIGNWRITING*

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

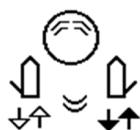
BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marianne Rossi Stumpf (Orientadora)
Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC

Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros
Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC

Prof. Dr. Vilmar Silva
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC

Título da dissertação em escrita de sinais



AGRADECIMENTOS



Sinal 1 - Obrigado

Mesmo considerando a natureza técnica deste trabalho, meus agradecimentos permeiam o mundo subjetivo dos sentimentos em que se destaca a gratidão.

Agradeço a minha família: meus pais, Paulo D`Orleans e Selma Saboia que foram os meus gigantes em cujos ombros tenho me apoiado em minha caminhada. Meus irmãos Jonathan D`Orleans e Stephanie D`Orleans, parceiros de caminhada.

Aos meus avós, tios e familiares pelo incentivo constante.

À Universidade Federal de Santa Catarina pela oportunidade de crescimento profissional e pessoal, agradeço na pessoa da Dra. Ronice Müller de Quadros pela idealização e criação do curso Letras-Libras que possibilitou a Comunidade Surda Brasileira acesso ao ensino superior em sua própria língua.

À todos os Mestres e Doutores Surdos pelas colaborações científicas dadas ao Povo Surdo, e conseqüentemente a Comunidade Surda mundial, na luta pela consolidação linguística da Libras e por uma educação bilíngue de fato.

Aos professores membros da banca de qualificação e defesa desta dissertação:

À Profa. Dra. Marianne Stumpf, minha orientadora e pioneira na escrita de sinais no Brasil - exemplo de professora. Agradeço a atenção *materna* e paciência diante das minhas dificuldades.

À Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros por todas as contribuições ao longo da minha formação.

À Profa. Dra. Ana Regina Souza e Campello pelas contribuições durante o processo de qualificação.

Ao Prof. Dr. Vilmar Silva pelas importantes considerações oferecidas na defesa desse sonho.

Aos docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada pelos momentos de aprendizado compartilhados.

Aos meus amigos Surdos Sérvulo, Sandro, Cristiano e Hermeson pelas longas discussões sobre a escrita de sinais e pelo companheirismo e privilégio de aprendermos juntos.

Aos sujeitos desta pesquisa obrigado pela colaboração.

Ao intérprete Jonathan Sousa pela aceitação e disponibilidade diante das longas horas de tradução e transcrição presentes nesta dissertação.

À todos que me incentivaram, motivaram e torceram por mim durante esta etapa da minha vida, em especial aos alunos surdos e ouvintes do Pólo da Universidade Federal do Ceará – UFC

Ao CAPES, pelo apoio com a manutenção da bolsa de auxílio no início desta pesquisa.

Há um grande número de pessoas que de alguma maneira foram construtores do caminho que me trouxe até aqui. A todas elas, a minha gratidão.

Para mim, a Língua de Sinais corresponde à minha voz, meus olhos são meus ouvidos. Sinceramente, nada me falta. [...] Olho do mesmo modo com que poderia escutar. Meus olhos são meus ouvidos. Escrevo do mesmo modo que me exprimo por sinais. Minhas mãos são bilíngües. Ofereço-lhes minha diferença. Meu coração não é surdo a nada deste duplo mundo.

Emmanuelle Laborit

RESUMO

A Comunidade Surda do Brasil legitima a Língua Brasileira de Sinais - Libras como língua oficial para a maioria dos surdos dos centros urbanos deste país, sendo então a língua portuguesa adotada (na modalidade escrita) como segunda língua. Partindo desse princípio, o fortalecimento da cultura do bilinguismo se consolidará a partir do estabelecimento de uma alfabetização escolar que preconize o aprendizado da escrita e da leitura das duas línguas que coadunam este ambiente linguístico. O bilinguismo pleno acontece quando o Surdo é capaz de escrever em sua própria língua, através de um sistema que compreenda a língua de sinais - uma língua visual. Desde modo, a presente pesquisa visa analisar o desenvolvimento da Escrita de Língua de Sinais - ELS de Surdos usuários do sistema *SignWriting*. A pesquisa analisou quais ocorrências explicam a padronização ou variação da ELS de Surdos brasileiros. Para isso foi elaborado um quadro modelo com 20 sinais da Libras escrito em SW, cuja finalidade foi compará-los com os produzidos pelos sujeitos Surdos. Esse trabalho foi desenvolvido por meio de um estudo de caso, do tipo multicaso. Participaram do experimento quatro Surdos conhecedores do sistema. Os instrumentos de coleta utilizados foram: uma entrevista semi-estruturada e uma atividade de produção escrita. A análise das entrevistas indicou que o curso de Letras-Libras teve significativa contribuição na difusão e uso do sistema criado por Sutton, e que a leitura em SW tem um ritmo próprio mais lento, porém mais compreensiva para os sujeitos Surdos que a leitura em LP. As entrevistas também sugerem uma atualização no sistema de edição SW-Edit quanto à organização das CM's. A análise da produção escrita revelou que as ordens predominantes dos símbolos dos parâmetros grafológicos da Libras em pilha são as seguintes: a) para todos os sinais; CM no centro, símbolo de contato à esquerda e símbolo de movimento à direita, ou seja, (Contato<CM>Mov.) b) para sinais com PA na cabeça; símbolo de cabeça no centro, símbolo de contato, de configuração de mão e de movimento à direita, ou seja, (Cabeça: Contato>CM>Mov). Além disso as produções evidenciaram que

o símbolo de contato é o principal elemento de ligação de uma pilha, onde não é permitido mais de um tipo por pilha. A particularidade da escrita se apresentou nas escolhas dos símbolos de contato e de movimento, visto que cada sujeito escreve o mesmo sinal a partir da sua “pronúncia” com suas variações característica da alofonia da língua. Deste modo, a ELS, conforme as ocorrências aqui registradas, se desenvolve em aspectos fono-morfológicos semelhantes aos níveis de escrita da língua oral. Esta pesquisa é pioneira e pode colaborar com os pressupostos da Psicogênese da Língua Escrita para crianças surdas.

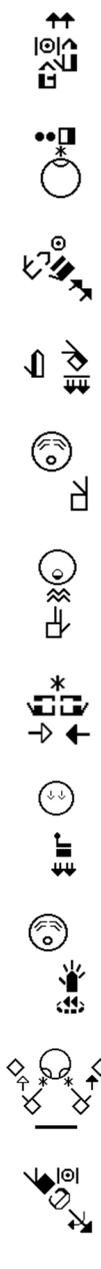
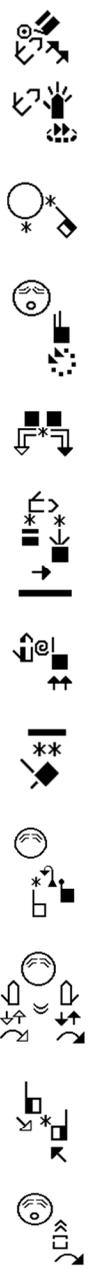
Palavras-chave: Libras. Bilinguismo. Escrita de Língua de Sinais. *SingWriting*.

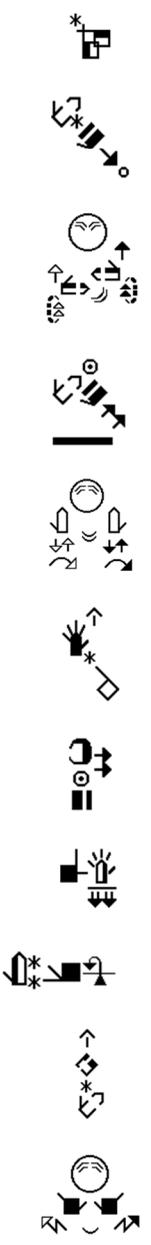
ABSTRACT

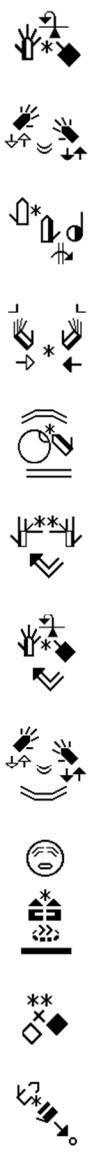
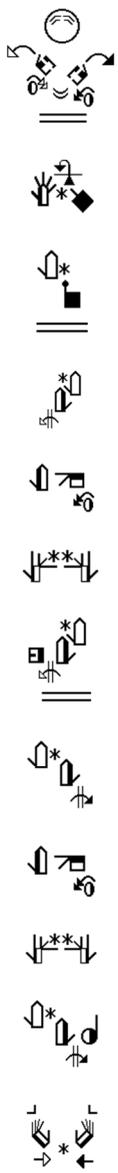
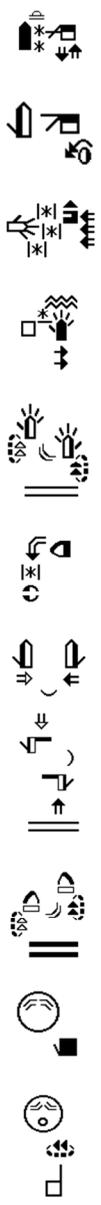
Brazilian deaf community has just recently legitimated the Brazilian Sign Language – Libras, as its own official language. For that reason the Portuguese language has stepped down and is now considered the community's second language (L2). This is seen as a platform for the strengthening of a bilingual culture that will consolidate with the establishment of a teaching program that advocates the learning of writing and reading the two languages that is now part of Brazilian linguistic environment. Full bilingualism is reached when a deaf person is able of writing in his own language by means of a system that comprehends sign language. Therefore this research reviewed the process of utilization of sign language writing by deaf users of the *SignWriting* system. It also reviewed a number of different events that account for standardization or variation in sign language writing. Four deaf subjects with previous knowledge of *Sign Writing* took part in the research which comprised of a case study of the multi-case type. A template with 20 signs of LIBRAS written in *SignWriting* was used for the purpose of comparing them to the subjects' own production of the same signs. Interviews and writing tests were used for data collecting. Interview assessment later indicated that the Letras-Libras course substantially contributed to the spread and usage of the system created by Sutton and despite its slower paced reading feature SW provides high level of understanding. The interviews also suggested the need for updates of the SW-Edit computer program concerning Hand Configuration arrangement. Results of the writing tests revealed that the prevailing orders of the symbols of LIBRAS graphological parameters in a stack are: a) for all signs: Hand Configuration at center, contact symbol to the left and movement symbol to the right (Contac<HC>Mov); b) for signs with articulation point on the head: head symbol in the center; contact symbol, hand configuration and movement symbols to the right

(Head: Contact>HC>Mov). It was also demonstrated that the contact symbol is the main connecting element in a stack. A stack can only have one connecting element type. The particularity of Sign Writing surfaced in the choices for contact and movement symbols as each participant writes the same symbol according to his own 'pronunciation' together with its variations which are peculiar to the allophones of the language. This research showed that the grapho-morphological aspects of Sign Language Writing evolve along the same levels of writing of the spoken language. This is a pioneer research that will greatly aid broadening the concepts and reach of the psychogenesis of written language for deaf children.

Key words: LIBRAS. Bilingualism. *Sign Language Writing*. *Sign Writing*.









LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –Localização de cursos de ELS no Brasil.....	57
Figura 2 –Modelo de casa brasileira.....	72
Figura 3 –Modelo de casa americana.....	72
Figura 4 –Modelo de casa chinesa.....	72
Figura 5 –Historinha “A menina e o cão” em ELS/SW escrita manual.....	86
Figura 6 –Historinha “A menina e o cão” em ELS/SW escrita padrão.....	86
Figura 7 – <i>SignWriter Tiger Java (5.0)</i>	88
Figura 8 – <i>SW-Edit</i> (tela de edição).....	89
Figura 9 – <i>SignPuddle</i> (página da internet).....	106

LISTA DE SINAIS ESCRITOS EM SIGNWRITING.

Sinal 1- Obrigado.....	09
Sinal 2- Início.....	33
Sinal 3- Teoria.....	43
Sinal 4- Básico.....	43
Sinal 5- Ensino.....	44
Sinal 6- Surdo.....	44
Sinal 7- História.....	44
Sinal 8- Resumo.....	44
Sinal 9- Metodologia.....	50
Sinal 10- Bilíngue.....	50
Sinal 11- Alfabetização.....	58
Sinal 12- Escrita de sinais.....	58
Sinal 13- Língua de sinais.....	67
Sinal 14- Vários.....	67
Sinal 15- Língua.....	67
Sinal 16- Natural.....	67
Sinal 17- Iconicidade.....	70
Sinal 18- Libras.....	73
Sinal 19- Sistema.....	75
Sinal 20- Roch Bébian.....	76
Sinal 21- William C. stokoe.....	77

Sinal 22-	HamNoSys.....	78
Sinal 23-	Paul Jouison (J-O-U-I-S-O-N em datilolog.....	79
Sinal 24-	François Neve (N-E-V-E em datilologia).....	80
Sinal 25-	Mariângela Estelita.....	81
Sinal 26-	ELiS.....	81
Sinal 27-	Valerie Sutton.....	82
Sinal 28-	<i>SignWriting</i>	83
Sinal 29-	Estrutura.....	91
Sinal 30-	Registro.....	100
Sinal 31-	Sinais.....	101
Sinal 32-	Composto.....	101
Sinal 33-	Espaço.....	102
Sinal 34-	Regra.....	105
Sinal 35-	Padrão.....	105
Sinal 36-	Pesquisa.....	109
Sinal 37-	Qualitativa.....	109
Sinal 38-	Escolher.....	111
Sinal 39-	Sujeitos.....	111
Sinal 40-	Perfil.....	112
Sinal 41-	Coleta.....	113
Sinal 42-	Dados.....	113
Sinal 43-	Tradução.....	119
Sinal 44-	Interpretação.....	119
Sinal 45-	Análise.....	123
Sinal 46-	Discussão.....	123
Sinal 47-	Resultado.....	123
Sinal 48-	Entrevistas (sinalizadas).....	124
Sinal 49-	Combina.....	136
Sinal 50-	Não combina.....	136
Sinal 51-	Produção.....	138
Sinal 52-	Pilha.....	138
Sinal 53-	Sugestões.....	160
Sinal 54-	Encontro.....	163
Sinal 55-	Opinião.....	167
Sinal 56-	Final.....	167

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-	Exemplo de escrita de surdos.....	60
Quadro 2-	Exemplo de sinais icônicos.....	72
Quadro 3-	Exemplos de escrita em SW e EliS.....	84
Quadro 4-	Exemplos de sinais em <i>SignWriting</i> no <i>SW-Edit</i>	89
Quadro 5-	Ponto de visão.....	91
Quadro 5-	Ponto de visão (cont.).....	92
Quadro 6-	Símbolos básicos do <i>SignWriting</i>	92
Quadro 7-	Variações dos símbolos básicos.....	93
Quadro 8-	Agrupamento dos símbolos de CM's conforme Sutton.....	93
Quadro 9-	Símbolos de contato do <i>SignWriting</i>	94
Quadro 10-	Símbolos de pontuação do <i>SignWriting</i>	94
Quadro 11-	Símbolos de movimento de dedos.....	95
Quadro 12-	Símbolos de movimento com identificação do plano da mão.....	95
Quadro 13-	Sinal “FICAR” em SW com símbolos de movimento com sentido identificado.....	96
Quadro 14-	Símbolos da dinâmica dos movimentos em <i>SignWriting</i>	97
Quadro 15-	Símbolos da dinâmica dos movimentos em <i>SignWriting</i>	97
Quadro 16-	Exemplo de símbolos de expressões faciais do <i>SignWriting</i>	98
Quadro 17-	Exemplo de símbolos de posição e movi- mentos do corpo em <i>SignWriting</i>	99
Quadro 18-	Glosas de exemplos de ENM em adjetivos da Libras.....	101
Quadro 19-	Glosas de exemplos de sinais compostos da Libras.....	102
Quadro 20-	Glosas de exemplos com uso de referentes espaciais na Libras.....	103
Quadro 21-	Glosas de exemplos de sinais com uso de dêixis em Libras.....	104
Quadro 22-	Glosas de exemplos de sinais com uso de dêixis de pessoa em Libras.....	105
Quadro 23-	Sujeitos da pesquisa.....	113

Quadro 24-	Lista das 20 palavras/sentenças	117
Quadro 25-	Lista dos sinais no <i>SignPuddle™ Online</i>	118
Quadro 26-	Comparação <i>SignPuddle™ Online</i> X Quadro modelo.....	118
Quadro 27-	Entrevista (pergunta 2 - Onde aprendeu a ELS?)	125
Quadro 28-	Entrevista (pergunta 3 - Há quanto tempo que você conhece a escrita da língua de sinais?)....	126
Quadro 29-	Entrevista (pergunta 4 - Você usa a escrita de língua de sinais?).....	126
Quadro 30-	Entrevista (pergunta 5 - Você mantém contato com pessoas através da escrita da língua de sinais?).....	127
Quadro 31-	Entrevista (pergunta 6 - Qual o seu nível de interesse na escrita da língua de sinais?).....	128
Quadro 32-	Entrevista (pergunta 7 - Já ensinou a escrita de língua de sinais? Onde?).....	129
Quadro 33-	Entrevista (pergunta 8 - Pesquisa sobre escrita da língua de sinais na internet ou em outros meios?).....	130
Quadro 34-	Entrevista (pergunta 9 - Qual sua opinião sobre o sistema da escrita da língua de sinais (é bom ou é falho). Por quê?).....	131
Quadro 35-	Entrevista (pergunta 10 – Do que sente falta na ELS?).....	132
Quadro 36-	Entrevista (pergunta 11 – Consegue ler mais rápido em escrita da língua de sinais?).....	133
Quadro 37-	Entrevista (pergunta 12 – Você faz registros (em diário, agenda etc.) em ELS ou Português?)	134
Quadro 38-	Variações da escrita do sinal “CACHORRO” em <i>SignWriting</i>	160
Quadro 39-	Proposta de escrita padronizada no sinal “CACHORRO” em <i>SingWriting</i>	160
Quadro 40-	Variações da escrita do sinal “CONVERSAR” em <i>SignWriting</i>	161
Quadro 41-	Proposta de escrita padronizada no sinal “CONVERSAR” em <i>SingWriting</i>	161
Quadro 42-	Decomposição fono-morológica dos sinais.....	166

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ACT – Ação
- AM – Amazonas
- APILCE – Associação dos Profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras do Ceará
- ASL – *American Sign Language*
- AVEA – Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem
- BA – Bahia
- CAS – Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CE – Ceará
- CM – Configuração de Mão
- CO – Configuração
- DAC – *Deaf Action Committee*
- EaD – Educação à Distância
- ELiS – Escrita das Línguas de Sinais
- ELS – Escrita de Língua de Sinais
- ENM – Expressões Não-Manuais
- FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
- ICES – Instituto Cearense de Educação de Surdos
- INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos
- L1 – Primeira língua
- L2 – Segunda língua
- L3 – Terceira língua
- LIBRAS – Língua de Sinais Brasileira
- LO – Língua Oral
- Lo – Localização
- LP – Língua Portuguesa
- LS – Língua de Sinais
- LSB – Língua de Sinais Brasileira

LSF – *Langue des Signes Française*

M – Movimento

MEC – Ministério da Educação

NUPPES – Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos

OR – Orientação

ORI – Orientação

PA – Ponto de Articulação

PLN – Processamento de Língua Natural

PLS – Processamento de Línguas de Sinais

PROLIBRAS – Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa

RJ – Rio de Janeiro

RN – Rio Grande do Norte

RS – Rio Grande do Sul

S1 – Sujeito Um

S2 – Sujeito Dois

S3 – Sujeito Tres

S4 – Sujeito Quarto

SC – Santa Catarina

SEDUC – Secretaria de Educação do Estado do Ceará

SP – São Paulo

SW – *SignWriting*

TILRS – *Theoretical Issues in Sign Language Research Conference*

TILS – Tradutor Intérprete de Língua de Sinais

UCPEL – Universidade Católica de Pelotas

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UFC – Universidade Federal de Ceará

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

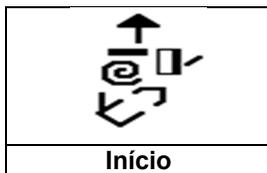
UNIFOR – Universidade de Fortaleza

SUMÁRIO

	LISTA DE FIGURAS.....	xxv
	LISTA DE SINAIS ESCRITOS EM SW.....	xxvi
	LISTA DE QUADROS.....	xxvii
	LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	xxix
1	INTRODUÇÃO	31
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	41
2.1	EDUCAÇÃO DE SURDOS	42
2.1.1	Breve histórico	42
2.1.2	A abordagem bilíngue	48
2.1.3	A alfabetização em escrita de sinais	56
2.2	AS LÍNGUAS DE SINAIS	65
2.2.1	A língua de sinais como língua natural	65
2.2.1.1	Iconicidade nas línguas de sinais	68
2.2.1.2	A Libras	71
2.2.2	Os sistemas de escrita de sinais	73
2.2.2.1	A escrita através do <i>SIGNWRITING</i>	81
2.3	ESTRUTURA DO <i>SignWriting</i>	89
2.3.1	Libras em <i>Sign Writing</i>	98
2.3.1.1	Sinais compostos	99
2.3.1.2	Espaço de sinalização	100
2.3.1.3	A padronização do <i>SignWriting</i>	103
3	METODOLOGIA	107
3.1	ABORDAGEM DA PESQUISA	107
3.2	ESCOLHA DOS SUJEITOS	109
3.3	PERFIL DOS SUJEITOS	110
3.4	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	111
3.4.1	Entrevista	112
3.4.2	Atividade de Escrita	114
3.5	PARTICULARIDADES DA PESQUISA	117
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	121
4.1	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	122
4.2	PRODUÇÕES ESCRITAS	134
4.2.1	Produções em pilha	136
4.2.1.1	Algumas sugestões ortográficas	158

4.3	REFLEXÕES SOBRE A ANÁLISE FONO- MORFOLÓGICA	161
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
	BIBLIOGRAFIA	169
	APÊNDICE A - A Menina e o cão	178
	APÊNDICE B – Sondagem	185
	APÊNDICE C – Entrevistas	187
	APÊNDICE D – Quadro modelo	195
	APÊNDICE E – Produções escritas	196

1 INTRODUÇÃO



Sinal 2 - Início

Esta pesquisa foi motivada após meu ingresso no curso de Letras/Libras¹ no ano de 2006 na modalidade EaD², da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, cursando-o no Pólo³ da Universidade Federal do Ceará – UFC onde, através das disciplinas Escrita de Língua de Sinais I, II, III e IV, fui levado a explorar esta área pouco conhecida. Segundo Stumpf (2005), a escrita de sinais é um sistema de escrita direta de sinais, ou seja, a representação do sistema primário de comunicação da Língua Brasileira de Sinais. Desde o início percebi a relevância do assunto e decidi que, quando possível, aprofundaria meus conhecimentos através de um curso de mestrado sobre a Escrita

¹ O curso foi estruturado em oito semestres e teve como público-alvo instrutores surdos de Libras, surdos fluentes em língua de sinais (curso de Licenciatura) e ouvintes fluentes em língua de sinais que tenham concluído o ensino médio (curso de Bacharelado).

² EaD – Educação à Distância é o termo utilizado pelo site do curso referido no texto. Disponível em <http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/_moodle/_preloqin/index.htm>. Acesso em 20 out. 2010.

³ Existem outros pólos em todas as regiões do Brasil. Na região norte as universidades com pólos do curso de Letras/Libras são: Universidade do Estado do Pará e Universidade Federal do Amazonas. Na região nordeste existem os pólos do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte, da Universidade Federal da Bahia, da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Federal do Pernambuco. No Centro-Oeste os pólos deste curso estão no Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás, na Universidade Federal de Grande Dourados e na Universidade de Brasília. No Sudeste as Universidades contempladas com pólos de Letras/Libras foram o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, o Instituto Nacional de Educação de Surdos – Sede Rio de Janeiro, a Universidade Federal do Espírito Santo, a Universidade de São Paulo e a Universidade Estadual de Campinas. Na região sul existem pólos na Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na Universidade Federal do Paraná

de Sinais através do sistema *SW*⁴, contribuindo assim para a educação de surdos e propagação do uso deste sistema na comunicação da comunidade surda brasileira.

Em 2009, comecei um trabalho de monitoria na disciplina de Escrita de Sinais do curso de Letras/Libras na modalidade EaD da UFSC para a turma de alunos aprovados em 2008. A partir do 2º semestre do mesmo ano iniciei também monitoria da mesma disciplina para alunos do curso presencial da UFSC. No decorrer da disciplina notei que alguns símbolos do manual original disponível no endereço virtual: <http://www.SignWriting.org/archive/docs6/sw0569-BR-2008-Stumpf-ELSIII.pdf> foram excluídos. Então, percebi a característica diacrônica⁵ desta escrita e uma variação dos símbolos componentes do sistema durante algumas atividades propostas pela disciplina, ou seja, variações de grafia no uso do *SignWriting*. Essas foram algumas das questões que me levaram a iniciar minha pesquisa orientada pela Professora Dra. Marianne Stumpf.

Percebendo o potencial de desenvolvimento do uso da escrita pela comunidade surda e a possibilidade de representação gráfica para os Surdos de sua língua materna⁶ desde tenra idade, compreendi que minha pesquisa poderia influenciar positivamente na aquisição desta representação, já que a proposta de padronização na ordem dos símbolos facilitaria as interações entre os usuários deste sistema. Nessa perspectiva para a alfabetização de Surdos, Stumpf (2005), sugere que a criança surda precisa representar sua língua, que neste caso é visual-espacial.

O Brasil vem evoluindo bastante sua concepção sobre o Surdo e sua educação. Com base nisso, o Decreto nº.5.626/05 regulamentou a “Lei de Libras” n.10.436/02 que declara a Língua

⁴ O termo *SW* se refere ao sistema usado neste trabalho para escrever sinais. Trata-se do sistema criado em 1974 por Valerie Sutton que será descrito com mais detalhes nessa pesquisa. Atualmente o *SW/SignWriting* é um sistema bastante usado pela Comunidade Surda brasileira.

⁵ Diacronia ou linguística diacrônica é a descrição de uma língua ao longo de sua história, com as mudanças que sofreu. (COSERIU, 1979)

⁶ Neste trabalho o termo Língua Materna faz alusão à concepção levantada por Vygotsky (1987) quando diz que, na língua materna, os aspectos primitivos da fala são adquiridos antes dos aspectos mais complexos. Este termo também será usado referindo-se ao conceito dado por Crystal (1997), segundo o qual a língua materna ou primeira língua de uma pessoa diferencia-se de quaisquer outras línguas que ela possa adquirir (L2, L3 e outras) neste caso a Língua de Sinais.

Brasileira de Sinais – Libras, como língua oficial do Brasil e reconhece o Português escrito como língua padrão, legitimando os Surdos como sujeitos bilíngues.

Portanto, a escrita de sinais representa para a Comunidade Surda mundial mais um avanço, na medida que fornece possibilidades de escrita em sua língua materna.

A escrita das línguas orais está basicamente relacionada a representação dos fonemas, ao passo que a escrita de sinais está relacionada à representação gráfica dos parâmetros fonológicos⁷ das LS⁸. Nessa situação, os sistemas linguísticos primário (pensamento) e secundário (representação) para os surdos são os mesmos, quanto à modalidade e estrutura da língua. Diferentemente da situação de surdos que *pensam* em língua de sinais e escrevem em língua portuguesa.

A escrita de sinais assume um papel extremamente significativo para o povo Surdo, não como substituto do Português escrito, mas como expressão de sua cultura⁹ e ferramenta auxiliadora na alfabetização de surdos. Quanto ao conceito de Povo Surdo Perlin (2003), esclarece:

Povo Surdo é a comunidade constituída apenas de surdos, e a *Comunidade Surda* constituída hibridamente de surdos e ouvintes. Neste trabalho, foi utilizada a nomenclatura “Comunidade Surda” para referência aos usuários do sistema SW, sejam eles surdos ou ouvintes.

Conforme Silva (2009), a questão central sobre o nível de alfabetização de surdos em língua portuguesa [...], “está no acesso as informações veiculadas ao seu redor. Diante dessa

⁷ Para Salles et al. (2004), os parâmetros fonológicos das línguas de sinais são: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação (Or) e expressões não-manuais (ENM).

⁸ LS é a abreviação de Língua de Sinais.

⁹ O termo “Cultura”, é definido aqui como um campo de forças subjetivas que dá sentido ao grupo. Para complementar este sentido Lane (1992) ressalta que a cultura surda, além da língua, é composta de literatura específica, sua própria história ao longo do tempo. Poche (1989) afirma que, por cultura, entende-se os esquemas perceptivos e interpretativos segundo os quais um grupo produz o discurso de sua relação com o mundo e com o conhecimento, ou qualquer outra proposição equivalente; a língua e a cultura são duas produções paralelas [...].

constatação será que os surdos compreendem as informações quando estão lendo em língua ortuguesa? Que diferença sobre o entendimento dessas informações haveria se fossem escritas num código linguístico mais próximo da língua de sinais, como a escrita de sinais/*SignWriting*?”

Na realidade, o principal entrave para os surdos quando lêem e escrevem em uma língua oral está na sintaxe. A estrutura gramatical da língua oral é diferente da língua sinalizada. Esse é um dos motivos pelos quais a maioria dos Surdos escreve em *Librés* ou em *Português errado* como costumam dizer, pois escrevem de acordo com a estrutura da língua sinalizada, no caso, utilizam as palavras da língua portuguesa na estrutura da Libras.

As línguas orais e de sinais possuem representações simbólicas diferentes que devem ser observadas durante o processo de alfabetização de Surdos em Língua Portuguesa, devido as suas peculiaridades. Sobre isso Stumpf declara que:

A criança transfere para sua nova língua o sistema de significados que já possui na sua própria língua e quando ela aprende a ver sua língua como um sistema específico entre muitos, passa a conceber seus fenômenos dentro de categorias mais gerais e isso leva à consciência das operações lingüísticas. (STUMPF, 2005, p.45)

Muitas vezes a *educação alfabetizante* não acontece devido a falta de conscientização social a respeito da identidade surda e da importância da língua de sinais como língua de instrução e mediadora das interações educativas e culturais. Por isso, muitas tentativas frustradas de alfabetizar surdos se devem em parte à associação da surdez à alguma deficiência mental feita por alguns educadores. O universo do Surdo é desconhecido pela grande maioria das pessoas, e em consequência disso quase nenhuma importância é dada à língua de sinais no processo de ensino da escrita e da leitura para surdos. Para Perlin (2004), as identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda e são moldadas de acordo com uma maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural surge também a luta política ou

consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social.

A Pedagogia Surda¹⁰ propõe que o surdo seja este alfabetizador, pois ninguém melhor que o nativo¹¹, que se apropria da língua de sinais cotidianamente em suas relações e que tem como língua materna a própria língua de sinais, para transmiti-la a seus pares.

O professor surdo é o sujeito essencial para o ensino da língua de sinais e da sua escrita. A identificação do professor com seus alunos passa a ser total. Pode-se dizer, de forma simples, que é uma relação de igual para igual. Portanto, durante a alfabetização, a escrita de língua de sinais é vital para uma maior compreensão das informações que cercam a pessoa surda. Sobre isso Reis (2006), afirma:

(...) é importante entender uma explicitação do lugar a partir do qual se produz uma nova identificação do professor surdo. É esse profissional que revela sua cultura, sua língua de sinais, sua identidade, e sua alteridade, a partir da qual foi construído seu jeito de ser. (*ibid*, p. 88)

Em relação às interações linguísticas no ambiente educativo Quadros (2005) diz que:

[...] Com base nisso, a questão da língua passa a ser também um instrumento de poder nas relações com as crianças e alunos surdos. Sendo a língua de sinais brasileira a língua de instrução, professores e/ou instrutores surdos são os que mais dominam a língua. Quando são professores, são mais indicados para garantir o processo da língua. (*ibid*, p.31)

¹⁰ De acordo com Skliar (1999), os estudos surdos que defendem uma *pedagogia surda*, se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizados e entendidos a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político. (grifo do autor).

¹¹ Neste trabalho o termo nativo se remete ao conceito trabalhado por Quadros & Karnopp (2004), quando dizem que, surdo, enquanto falante nativo tem a sua competência lexical, conhece milhares de sinais e associa os sinais com seus significados.

Retomando a minha experiência, enquanto no curso de Letras/Libras comecei a ministrar aulas de escrita de sinais, no período do estágio obrigatório para a colação de grau no Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez – CAS. CAS é um centro criado pelo Ministério da Educação – MEC em parceria com a Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC), atualmente sobre a administração do Instituto Cearense de Educação de Surdos - ICES.

Nos planos de aula, anexo ao meu trabalho de conclusão de curso concluído no segundo semestre de 2010, decidi incluir a escrita da língua de sinais por meio de algumas obras da literatura surda¹² produzidas em ELS. A abordagem de ensino neste trabalho teve ênfase na produção dos símbolos das posições básicas da mão¹³ e de alguns sinais representativos de alguns personagens principais das histórias apresentadas.

No Brasil já existem algumas obras literárias produzidas em escrita de sinais, tais como: *Uma Menina Chamada Kauana, Cinderela Surda, Rapunzel Surda, O Menino, o Pastor e o Lobo, Davi*.

A importância do uso das produções em escrita de sinais é também ressaltada por Rangel e Stumpf, quando afirmam que:

No Brasil este ensino deve começar a fazer parte do currículo das escolas. Daí surge a necessidade de disponibilizar livros infantis e adultos a fim de que haja desenvolvimento da escrita de sinais SW – meio importante para divulgação e conhecimento da própria escrita de língua de sinais dos surdos do Brasil. (RANGEL; STUMPF, 2004 p.91)

A escrita de sinais em sala de aula aparece como característica da cultura Surda, assim como o estabelecimento da literatura Surda. A aquisição da escrita torna possível a tradução para a língua de sinais de um volume quase que infinito de informações. Ao mesmo tempo a escrita é importante para a comunicação em qualquer nível e para qualquer fim, podendo ser utilizada para escrever um bilhete, uma anotação, um ‘alô’, um

¹² Nesta pesquisa a expressão *literatura surda* refere-se a obras que discorrem e discutem sobre cultura e identidade surdas, considerando as produções voltadas a comunidade surda.

¹³ O sistema *SignWriting* é definido por três estruturas básicas: a posição de mão, movimentos das mãos e pelo contato. As posições básicas das mãos são: fechada, circular e aberta.

convite. Seja um único pensamento ou um livro volumoso, tudo pode ser registrado através da escrita de sinais.

Também é a escrita que irá eventualmente criar, estabelecer e divulgar a literatura e identidade surdas. Nessa perspectiva Strobel (2008) elabora um pensamento sobre a importância da literatura surda:

A literatura surda refere-se às várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõem as dificuldades e/ou vitórias das opressões ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militantes surdos e sobre a valorização de suas identidades surdas. (ibid, p. 56)

Atualmente é possível inferir que a comunidade surda brasileira está em pleno progresso de evolução da ELS através do sistema *SW*, ao passo que projeta esta escrita como oportunidade de letramento para surdos, pela capacidade de registro de uma língua visual. Esse sistema tem potencial para ser utilizado não somente nas escolas, mas em qualquer espaço onde os surdos interajam por meio da escrita, como forma de expressão de sua subjetividade e cultura.

Sobre a compreensão da sua produção, Silva (2009) investigou a compreensão leitora do sistema *SignWriting* por sujeitos surdos fluentes em Libras e conhecedores deste sistema de escrita. O autor analisou a coerência/coesão em língua de sinais. Os resultados mostraram que ao ler em *SW* o leitor associa informações novas a informações já adquiridas e demonstra habilidade em acrescentar, interpretar e sintetizar. Silva (op. cit.) concluiu que com o aprimoramento do sistema *SignWriting* e sua adaptação à Língua de Sinais Brasileira¹⁴ os surdos terão mais acesso ao conhecimento e mais um meio de registro de seu pensamento.

Assim como a leitura, a escrita em *SW* é um processo individual e único. Único porque a produção de um texto em ELS implica em escolhas pessoais quanto à ordem e organização dos

¹⁴ A Libras é também conhecida como Língua de Sinais Brasileira e em alguns estudos aparece na forma da sigla (LSB). No presente estudo será utilizada a sigla Libras, termo presente na Lei n°.10436/02.

símbolos na escrita do sinal¹⁵, *o que dizer e como dizer*, que refletirão seu estilo de dizer.

Nesta dissertação foi investigada a produção de 20 sinais/sentenças de quatro sujeitos surdos fluentes em Libras e usuários da escrita de sinais, com ênfase na produção gráfica dos sinais e na ordem dos símbolos componentes da escrita do sinal.

Este trabalho teve como objetivo conhecer mais profundamente essa realidade. Para isso pretendeu determinar quais ocorrências indicam padronização ou variação da ELS de surdos com utilização do SW.

Com base nos pressupostos teóricos apresentados o presente estudo analisou o desenvolvimento da ELS de surdos usuários do sistema *SignWriting*. Os objetivos gerais foram os seguintes:

- Identificar as principais similaridades e particularidades na escrita dos sujeitos;
- Identificar as regularidades e irregularidades mais recorrentes durante a escrita dos sinais;
- determinar como ocorre a composição do sinal escrito em pilha.

Essa dissertação investigou também o comportamento dos sujeitos da pesquisa. Eles apresentaram características que não podiam ser generalizadas, mas consideradas como parte de uma realidade. Para Goode e Hatt (1967), o estudo de caso é um meio de organizar dados preservando do objeto estudado o seu caráter unitário. Eles consideram a unidade como um todo, incluindo o seu desenvolvimento. Por isso, o método de estudo de caso foi escolhido por respaldar a abordagem e amostra da pesquisa.

A pesquisa foi realizada em duas etapas. Na primeira, foi feito um mapeamento dos sujeitos através de entrevistas semi-estruturadas e focalizadas, posteriormente indentificado-os e caracterizando-os pelo nível de escrita e tempo de conhecimento do sistema. Após acesso a essas informações, foi solicitado a escrita de 20 sinais/sentenças, considerando suas condições particulares de surdez e linguística. Na segunda etapa as ações se desenvolveram nas análises do material coletado, focalizando

¹⁵ O termo *sinal* corresponde ao que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas oral-auditivas.

na identificação de estratégias de organização individuais segundo as condições já citadas. A pesquisa contou com a participação efetiva de quatro sujeitos surdos que já tinham contato com o sistema proposto e que estavam cursando Letras/Libras e que também tiveram acesso aos símbolos e suas regras durante a disciplina ofertada no curso.

O processo metodológico das análises das entrevistas e das produções escritas foi de natureza qualitativa. Através das respostas das entrevistas foi possível entender as características individuais dos sujeitos. Esse entendimento serviu de base para a elaboração das conclusões. Por meio da análise das produções escritas, foram identificados as principais similaridades e particularidades da escrita de surdos em ELS. Para responder os objetivos específicos da pesquisa, foram utilizadas as produções escritas dos vinte sinais, contudo as entrevistas serviram de base para a confirmação de algumas hipóteses.

Para análise das produções foram utilizadas como parâmetro as regras de grafia e modificações gráficas observadas anteriormente por Stumpf (2008)¹⁶: ponto de vista expressivo, posição do contato, movimento e configuração de mão, além das observadas nesta pesquisa: escrita em pilha e ordem dos símbolos. Com relação aos fatores que influenciaram o uso dessas estratégias, o trabalho de Silva (2009) colaborou na observação das singularidades e subjetividades presentes.

Este sistema foi desenvolvido em 1974 e pesquisas sobre a escrita de sinais são quase inexistentes no Brasil. Isso torna esse campo de pesquisa novo e bastante desafiador.

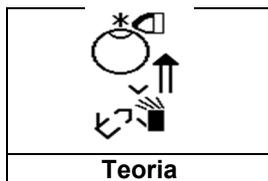
Esta investigação poderá ainda auxiliar a prática de professores de surdos, não somente de escrita de língua de sinais, mas de outras disciplinas, já que este estudo dá ênfase a aspectos da escrita em língua materna, uma vez que ao valorizar a língua materna dos surdos, esta desempenha função vital na

¹⁶ As regras de grafia propostas por Stumpf (2008) foram retiradas do manual “Lições sobre o *SignWriting*” – (texto base) aplicadas nas disciplinas Escrita de Sinais I, II, III e IV, ministradas pela autora no curso de Letra/Libras. Disponível em: <http://www.SignWriting.org/archive/docs6/sw0569-BR-2008-Stumpf-ELSIII.pdf>. Acesso em 20 out. 2010.

aprendizagem de outros conteúdos. Diante disso, professores poderão compreender que a aquisição de uma escrita materna ajudará seus alunos desenvolverem sua língua e expressividade aumentando assim as possibilidades de interação com o mundo.

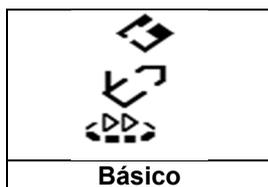
Este trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro apresenta os pressupostos teóricos que embasam as análises. O segundo descreve o processo metodológico e os caminhos percorridos; tipo de pesquisa, sujeitos, etc. O terceiro trata das análises e discussões a respeito dos resultados obtidos.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS



Teoria

Sinal 3 – Teoria



Básico

Sinal 4 – Básico

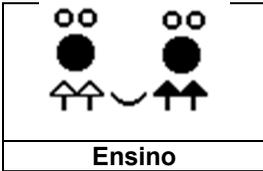
Este capítulo apresenta os pressupostos teóricos nos quais se fundamenta a pesquisa aqui desenvolvida. Estes foram formados para delimitar um quadro teórico sob cuja perspectiva os resultados da pesquisa em questão possam ser analisados e discutidos.

Assim os pressupostos foram divididos em três partes. A primeira apresenta um breve histórico da educação de surdos e a abordagem educacional bilíngue no letramento¹⁷ de surdos. A segunda parte apresenta a língua de sinais, suas características, a Libras e os sistemas de escrita existentes. A terceira parte explora especificamente o *SignWriting*, sua estrutura, aplicabilidade e regras de grafia.

Cada tópico ou item numérico desta dissertação recebeu uma legenda em ELS através do sistema *SignWriting*.

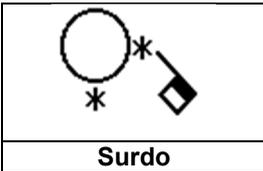
¹⁷ Letramento é o resultado da ação de ensinar a ler e escrever. Neste trabalho a abordagem do termo não se distingue de alfabetização.

2.1 A EDUCAÇÃO DE SURDOS



Ensino

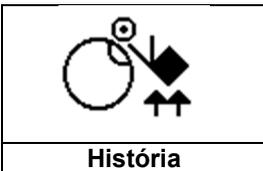
Sinal 5 – Ensino



Surdo

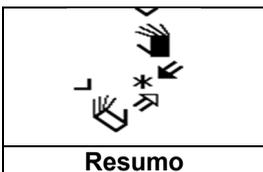
Sinal 6 – Surdo

2.1.1 Breve Histórico



História

Sinal 7 – História



Resumo

Sinal 8 - Resumo

Os acontecimentos relatados aqui são breves e pontuais. Não houve intenção de exaurir o assunto. Assim, foi traçada uma linha temporal em consonância com as ilustrações feitas por Moura (2000), Rocha (2000), Sousa (2008) Frizanco e Honora (2009) e Barros (2011) em seus trabalhos retrospectivos.

Os surdos durante muito tempo foram considerados irracionais e privados do direito a educação formal. As concepções mais antigas do ocidente associavam a surdez a

alguma punição divina e com isso disseminavam o descrédito e piedade, dando ao surdo o *status* moral de louco e no pior dos casos levando-o ao sacrifício. Em parte essa visão partia da hipótese de que quem não conseguia falar não conseguia pensar. O que distinguia o humano do animal era a capacidade da fala, logo, os surdos eram considerados animais irracionais. Grande parte desses pensamentos foi influenciada pelos gregos, como por exemplo, o filósofo Aristóteles. Segundo Aristóteles (384-322 a.C), as pessoas que nasciam surdas eram também mudas e, conseqüentemente, não podiam falar nenhuma palavra. Essa visão permaneceu praticamente até o final da Idade Média. Entre os séculos XI e XV não houve interesse na educação de surdos e os registros sobre estes fatos são escassos e obsoletos.

Na idade média havia muitos casamentos entre nobres consangüíneos, o que aumentava a probabilidade de nascimento de filhos surdos. Como na época a escolarização dos indivíduos nobres estava ligada à Igreja Católica, conseqüentemente também estava a educação dos filhos surdos destes nobres. O nascimento de surdos na nobreza certamente colaborou para o início da educação de surdos.

A partir do século XVI surgem os primeiros educadores e pesquisadores de surdos. Entre eles o monge espanhol Pedro Ponce de León foi um dos pioneiros. Ponce de León (1520-1584) começou a ensinar crianças surdas que faziam parte da aristocracia espanhola. Conforme Guarinello (2007), Ponce de León utilizava uma espécie de alfabeto manual, no qual cada letra correspondia a uma configuração de mão. No entanto, seu objetivo era ensinar aos surdos a língua oral. O uso do alfabeto manual era apenas um meio para se atingir esse objetivo.

Neste período, além da Espanha, outros países como França, Inglaterra e Alemanha deram início também a educação de surdos. Entre os educadores podemos citar: Girolamo Cardano (1501-1576), Juan Pablo Bonet (1579-1633) e entre os que defendiam o método de ensino do oralismo¹⁸ temos Van

¹⁸ A comunidade surda da qual este autor faz parte e pesquisa, entende o oralismo como método ineficaz e ineficiente quando prioriza a leitura labial e a vocalização

Helmont (1614 – 1699), Johann Conrad Amman (1669-1724).

O oralismo durante muito tempo foi apresentado como instrumento de imposição. Segundo Goldfeld (1997) o oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada através da estimulação auditiva. Nesta perspectiva Samuel Heinicke criou esta outra corrente de ensino, atualmente não adotada nas escolas de/para surdos no Brasil.

Ainda no século XVI o educador francês Abade Charles–Michel de l'Épée também conhecido como Abbé de l'Épée (1712-1789), se destacou por ser um dos primeiros a reconhecer a importância de uma língua de sinais. Reily (2007) relata que de l'Épée, ao perceber que existia uma comunicação fluente entre duas irmãs surdas que encontrou numa visita a um bairro pobre de Paris começou a defender que “a única maneira de chegar ao espírito dos surdos era pela via ‘dos mesmos sinais pelos quais a natureza os inspira’.” De l'Épée foi o fundador da primeira escola pública para surdos no mundo: o Instituto Nacional para Surdos-Mudos¹⁹ de Paris, em 1760. Esse fato suscitou uma verdadeira onda de escola de surdos no mundo todo. Sacks (1998) relata :

Esse período que agora parece uma espécie de época áurea na história dos surdos, testemunhou a rápida criação de escolas para surdos em todo o mundo civilizado; a saída dos surdos da negligência e da obscuridade; sua emancipação e cidadania; a rápida conquista de posições de eminência e responsabilidade - escritores, engenheiros, filósofos e intelectuais surdos, antes inconciliáveis, tornaram-se subitamente possíveis.(SACKS *ibid*, p. 37)

Neste mesmo período Samuel Heinicke (1727-1790) também fundou a primeira escola pública baseada no método oral. Ele é considerado o precursor do oralismo.

No Brasil, a fundação do primeiro instituto de surdos-mudos ocorreu no período do segundo império. A convite de Dom Pedro II, Ernest Huet, professor ensurdecido aos 12 anos,

(estimulando a fala) em detrimento do desenvolvimento de uma língua natural e materna.

¹⁹ Na literatura antiga o termo “mudo” era utilizado. Atualmente o termo Surdo com “S” maiúsculo é usado para designar aquele que se define como pertencente a um povo, que possui uma cultura e uma língua “surda”.

veio ao Brasil em 1855 e funda o Imperial Instituto de Surdos-Mudos, hoje chamado de Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) em 1857 no Rio de Janeiro. A escola seguia os mesmos métodos de de l'Epée até o Congresso de Milão de 1880²⁰.

A partir do século XVIII, instaurou-se um confronto entre os métodos de ensino de surdos (o Gestual de de l'Epée e o Oral de Heinicke). Conforme determinado pelo Congresso de Milão o método oralista era o mais adequado para educar surdos e assim, o oralismo começou a ser imposto nas escolas de surdos no mundo inteiro, ao passo que a língua de sinais era proibida, negada e *amordaçada*. Durante quase 100 anos as línguas de sinais foram usadas de maneira clandestina pelos surdos. Como podemos ver, houve um movimento de resistência da comunidade surda por causa da dificuldade de comunicação que o Oralismo apresentou.

Diante desse eventual fracasso a filosofia oralista começou a declinar. Na década de 1960, alguns pesquisadores americanos desenvolveram a metodologia Comunicação Total²¹, método que utiliza todas as técnicas disponíveis para o aprendizado da língua falada, inclusive o uso de sinais através do bimodalismo²².

A partir 1960 com a publicação do artigo "*Sign Language Structure: An Outline of the Usual Communication System of the American Deaf.*" de William Stokoe, as línguas de sinais começam a ter *status* de língua. Neste artigo Stokoe comprova

²⁰ No congresso de Milão de 1880 foi determinado que o método mais adequado de ensino de surdo era o Oralismo. Neste congresso os surdos não tiveram direito a voto, e a partir daí, os professores surdos foram excluídos do processo educativo de surdos e os direitos lingüísticos da comunidade surda foram negados por quase 100 anos.

²¹ "[...] a Comunicação Total foi definida oficialmente como uma filosofia que incorpora as formas de comunicação auditivas, manuais e orais apropriadas para assegurar uma comunicação efetiva com as pessoas surdas. [...]" (SCHINDLER, 1988, p.10 apud MOURA, 2000, p. 57).

²² Bimodalismo se refere ao uso concomitante de uma língua de sinais e de uma língua oral. Esta prática não é suficiente para a aquisição de uma língua. O que o surdo tem acesso, nessa situação, são fragmentos de línguas.

que as línguas de sinais (no caso, a ASL²³) possuem todas as características inerentes das línguas naturais. Decorrente disso várias pesquisas foram e são feitas a fim de corroborar cientificamente a fundamentação das línguas de sinais comprovando seu *status* linguístico.

Surge então na década de 1980 a filosofia da educação bilíngue, também chamada de bilinguismo²⁴. Ao contrário da proposta do bimodalismo, a educação bilíngue preconiza o uso da língua de sinais e da língua oral em momentos diferentes (não mais simultâneos) dependendo da necessidade comunicativa do falante.

A despeito das filosofias apresentadas neste tópico a proposta bilíngue é a mais aceita pela comunidade surda atualmente, pois esta reserva espaço para a diferença linguística não como deficiência, mas como particularidade. Neste sentido a visão sócio-antropológica de surdez é a mesma defendida por Skliar (1998). Para Skliar (1998) a surdez deve ser vista:

[...] como uma “diferença” [...] não como espaço retórico, mas como uma construção histórica e social, efeito de conflitos sociais, ancorada em praticas de significação e de representações compartilhadas entre os surdos. (SKLIAR *ibid*, p.13)

A conjuntura histórica da educação de surdos aponta para onde devemos ir. Atualmente, no Brasil, é visível a adoção da educação bilíngüe nas escolas de/para surdos. Nas escolas bilíngues os surdos podem usufruir de todas as oportunidades de aprendizagem disponíveis aos ouvintes inclusive possibilidade de letramento em sua língua materna e natural - a Libras.

Hoje várias metodologias coadunam mesmo após as orientações claras do Decreto nº.5.626/05, que declara o direito dos surdos a escolas e classes bilíngues, tendo a Libras e a modalidade escrita do português como línguas de instrução.

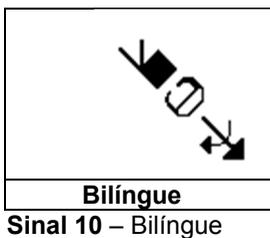
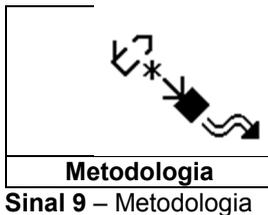
²³ A Língua de Sinais Americana, cujo nome original é *American Sign Language*, também conhecida pelas iniciais ASL, é a língua de sinais dominante através da qual a comunidade surda nos Estados Unidos da América, nos lugares de expressão anglófona do Canadá, e algumas partes do México, se comunica.

²⁴ O termo Bilinguismo nesta pesquisa se refere às práticas educativas que priorizam o desenvolvimento da língua de sinais como língua natural e da língua falada como alternativa comunicativa e não como língua padrão.

Essa decisão política impulsionou a criação, em 2006, do primeiro curso de licenciatura em Letras/Libras da América Latina, oferecido pela UFSC.

A presente pesquisa se embasa nessa concepção de bilinguismo. Estas reflexões teóricas trazidas pela concepção sócio-antropológica da surdez consideram que as línguas não existem fora do contexto cultural, sendo assim condicionadas ao desenvolvimento de uma identidade bicultural envolvendo a comunidade surda e ouvintes.

2.1.2 A Abordagem Bilíngue



O Bilinguismo²⁵ para Silva²⁶(2004), parte do princípio de que o surdo deve dominar, enquanto língua materna, a língua de sinais, que é a sua língua natural, e como L2 a língua oficial de seu país. Nesse sentido, é de fundamental importância o convívio da criança surda com outros surdos mais velhos, que dominem a Língua de Sinais.

A partir da promulgação da Lei nº.10.436/02 regulamentada pelo Decreto n.5.626/05, o Brasil vem refletindo sobre o mito de ser um país monolíngue. No entanto, o Brasil é um país de dimensões continentais, assim, a maioria das unidades da federação, em especial as de fronteira, convivem com diversas línguas, desde línguas indígenas a línguas de sinais. No Brasil, não se pode ignorar a existência de contextos de educação bilíngues de minorias linguísticas²⁷.

²⁵ Bilinguismo nesta dissertação trata da prerrogativa escolar e não da condição social de um sujeito falante de duas línguas. Assim ao usar o termo bilinguismo o mesmo faz referência à educação bilíngue formal no contexto escolar, isto é, as escolas bilíngues.

²⁶ Vilmar Silva (2004). Educação bilíngue: o início de uma nova luta. Disponível em: <http://www.virtual.udesc.br/Midiateca/Publicacoes/Educacao_de_Surdos/artigo02.htm>. Acesso em 20 fev. 2011

²⁷ A contextualização do termo “minorias linguísticas” foi retirada do estudo intitulado - Estudos Sobre Educação Bilíngue e Escolarização em Contextos de Minorias Linguísticas no Brasil, de Marilda C. Cavalcante produzido 1999. Disponível em

Vários autores confirmam que o posicionamento político dos movimentos surdos tem defendido uma abordagem educativa mais próxima da expectativa do Povo Surdo, ou seja, um modelo que respeite a sua língua e cultura. Entre os autores podemos citar Silva (2008) e Stumpf (2009)²⁸.

Segundo Hornberger (1991), existem três modelos para a educação bilíngue: a) *transição*, b) *manutenção* e c) *enriquecimento*.

a) O modelo de *transição* se concretiza em programas de transição, onde se vê a língua como um problema a ser resolvido para se chegar à língua-alvo. A primeira língua do aluno (a língua da comunidade) serve de ponte para a língua dominante.

b) O modelo de *manutenção*, também concretizado em vários tipos de programas de manutenção, embora considere a língua da comunidade como direito, pode, em última instância, servir de transição para a língua da sociedade dominante.

c) O modelo de *enriquecimento* utiliza a língua como recurso, não somente para alunos de comunidades minoritárias, bem como para os que são parte da sociedade dominante, aparece em programas tais como: de imersão, de línguas de herança imigratória, de duas línguas, de imersão bilíngue, de mão dupla. (FREEMAN, 1998.).

Neste sentido, entre os modelos apresentados acima o modelo de enriquecimento parece ser o mais apropriado à filosofia educacional do Bilinguismo. No entanto, é consenso entre os pesquisadores que não existe um modelo pronto e preparado de educação bilíngue para escolas de/para surdos para ser usado em qualquer parte do mundo. Em relação a isso, Skliar (1997) cita o pensamento de Paulo Freire, que é enfático ao afirmar que nenhuma prática pedagógica pode ser transplantada. Skliar (1997) diz que:

Uma mesma compreensão da prática

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501999000300015&script=sci_arttext>. Acesso em 12 jan. 2011

²⁸ Trata-se dos trabalhos públicos na coleção de series de pesquisas “Estudos Surdos III e IV respectivamente. Aqui me refiro especificamente aos artigos “As representações em ser surdo no contexto da educação bilíngüe” de Vilmar Silva (2008) e “A educação bilíngüe para surdos: relatos de experiências e a realidade brasileira” de Marianne Rossi Stumpf (2009).

educativa e uma mesma metodologia de trabalho não operam necessariamente de forma idêntica em contextos diferentes. A intervenção é histórica, é cultural, é política. É por isso que insisto tanto em que as experiências não podem ser transplantadas, se não reinventadas. (SKLIAR *ibid*, p.9)³².

Nessa perspectiva Skliar (1997), diz que:

As comunidades surdas que estão refletindo sobre essa temática divergem de propostas unilaterais e defendem um bilinguismo que reconheça o direito da aquisição e do uso das línguas de sinais, não para serem oralizados, mas sim para poderem participar com sua própria língua dos debates que circundam a sociedade atual, no mesmo nível de igualdade e de condições, porém reconhecendo sua singularidade e especificidade.

A regulamentação da Libras como língua oficial da Comunidade Surda Brasileira, fortaleceu a compreensão da importância de uma abordagem bilíngue na educação de surdos e conseqüentemente, sobre o papel da língua de sinais na alfabetização, aprendizado da leitura e escrita.

A situação torna-se cada vez mais satisfatória à medida que esta abordagem de ensino é implementada e aceita pela comunidade escolar: funcionários, alunos, pais, dentre outros. Assim, as condutas educativas devem ser orientadas conforme as orientações que o Ministério da Educação – MEC propõe através de políticas públicas a serem adotadas tanto nos espaços públicos quanto privados: a formalização desta língua no cotidiano da escola deve estar presente no programa, na pedagogia e na avaliação da escola.

O Bilinguismo para surdos vem se desenvolvendo desde a década de 1980, em decorrência das pesquisas encadeadas por Stokoe (1960). No Brasil, o início de pesquisas sobre a temática ocorreu a partir do I Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos, realizado no Rio de Janeiro em 1995. No ano seguinte foi criado o Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos – NUPPES, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob a coordenação do professor Carlos Skliar, baseado nas pesquisas de Ferreira-Brito

(1993, 1997), Felipe (1988), Fernandes (1989), Góes (1997), dentre outros.

Muitas vantagens podem ser concedidas a sujeitos incluídos na educação bilíngue. Nesse sentido pesquisas afirmam que os sujeitos bilíngues são capazes de comparar e contrastar os modos como as duas línguas organizam a realidade, o que gera uma maior reflexão linguística e cognitiva. Com base nisso, outras vantagens são apontadas por Lane (1992), ao relatar o seguinte:

[...] os bilíngues são mais sensíveis às relações semânticas entre as palavras do que os monolíngues; são melhores na análise da estrutura da frase e geralmente na descoberta das regras; são mais capazes de reorganizar situações perceptuais; são mais criativos na solução de problemas.

Quadros (1997; 2005) levantou algumas ações pedagógicas que sustentam o princípio básico dessa metodologia ao preconizar a língua de sinais como língua materna e primeira dos surdos. Entre as ações propostas estão:

- presença de professores surdos na educação infantil agindo como modelo linguístico, identitário e cultural para as crianças surdas;
- oportunidade de os pais aprenderem a Libras, pois a criança só permanece parte do dia na escola, onde se supõe que ela interaja em língua de sinais, e o restante do tempo com a família. Para garantir a aquisição da língua de sinais por essa criança, a família também precisa usar a Libras em casa;
 - currículo organizado em uma perspectiva visual-espacial;
 - currículo que trate de aspectos da Libras e da comunidade surda (história, cultura surda etc.);
 - Língua Portuguesa ensinada como segunda língua por pessoas especializadas em ensino de L2;
 - o acesso a todos os conteúdos escolares na Libras;
 - a presença de professores ouvintes fluentes em Libras;
 - a presença de intérpretes de Libras na escola;
 - cursos de Libras para os funcionários e comunidade escolar.

Nessa perspectiva a língua de sinais não é vista apenas

num caráter instrumental. É ela que vai desencadear todo o processo de aprendizagem dos estudantes surdos. Diante das práticas recentes, Quadros (2011)²⁹, orienta que:

[...] o currículo deveria estar organizado partindo da perspectiva visual-espacial para garantir o acesso a todos os conteúdos escolares na própria língua da criança, pois a língua oficial da escola precisaria ser, desde o princípio, a língua de sinais brasileira. [...] ao expressar um pensamento em língua de sinais, o discurso utilizado na língua de sinais utiliza uma dimensão visual não captada por uma língua oral-auditiva e, da mesma forma, o oposto é verdadeiro.

O primeiro problema que deve ser reconhecido é que a escrita alfabética da Língua Portuguesa no Brasil não serve para representar significado para conceitos elaborados em Libras - uma língua visual espacial. Um grafema, uma sílaba, uma palavra escrita em português não apresenta qualquer analogia com um fonema³⁰, um morfema ou a um sinal em Libras, mas sim com o português falado. A Língua Portuguesa não é a língua natural da criança surda. A língua em que o processo de aquisição da linguagem ocorre naturalmente em crianças surdas brasileiras é a Libras.

Stumpf (2007)³¹ identificou dois componentes fundamentais ao processo e alfabetização frente a escrita de sinais que habitualmente não se evidenciam quando a alfabetização em língua oral é desenvolvida com crianças surdas:

1- O aspecto afetivo: a criança surda quando se depara

²⁹ Fragmento retirado do *artigo Educação de surdos: e feitos de modalidade e práticas pedagógicas* de Ronice Muller de Quadros (2011). Publicado no Livro pós-congresso "Temas em Educação Especial IV", pela EDUFSCar http://www.sj.cefetsc.edu.br/~nepes/docs/midiateca_artigos/pratica_ensino_educacao_surdos/texto22.pdf.

³⁰ As articulações manuais e não-manuais nas línguas de sinais podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de parâmetros. Os parâmetros da Libras serão exemplificados posteriormente nesta pesquisa.

³¹ Informações retiradas do "*Caderno pedagógico e DVD para o ensino de escrita de sinais – projeto de pesquisa*" do Núcleo de Estudos e Pesquisas em educação de Surdos do Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina – CEFET/SC Disponível em http://www.sj.cefetsc.edu.br/~nepes/docs/projeto_escrita_sinais-.pdf. Acesso em 22 mar. 2011.

com a aprendizagem do *SignWriting* sente-se gratificada, sente-se feliz. O reconhecimento de que sua língua de sinais também é importante, que pode ser escrita, a relação que se estabelece entre os colegas para cooperar e trocar conhecimentos, as produções animadas, o poder contar em casa que são possuidores de um conhecimento reconhecido pela escola, são fatores de apropriação de um sentimento de auto-estima do qual elas muitas vezes carecem e de empenho em aprender.

2- O aspecto de evolução na aprendizagem: a rapidez com que elas conseguem adquirir o sistema, começam a ampliar seu sinalário e a construir mensagens faz com que se sintam estimuladas a avançar. As dificuldades que encontram são passíveis de superação, ao contrário das encontradas na escrita da língua oral, que ensinada aos surdos com os mesmos métodos utilizados para ouvintes, não respeita o raciocínio nem a lógica da criança surda.

Através da educação bilíngue o ensino da ELS pode ser incorporado como instrumento simbólico. A escrita de sinais pode ser o suporte fundamental que está faltando aos surdos para tornar sua educação um processo racional e efetivo. Por ser uma escrita ideográfica não alfabética, a criança surda para ser considerada alfabetizada não precisará chegar ao nível alfabético da língua oral. A perspectiva aplicada e difundida nesta pesquisa para as escolas bilíngues é que a inclusão da escrita de sinais consolida o bilinguismo através de um letramento de fato, no qual os surdos poderiam ler e escrever nas duas línguas que coadunam o ambiente escolar. O *SignWriting* é fundamental porque promove o bilinguismo pleno.

A educação de surdos tem passado por constantes mudanças pedagógicas e linguísticas ao longo da história. O oralismo restrito foi à filosofia educacional de maior impacto da história dos surdos. Diante disso Capovilla (2004) afirma que :

A escrita de língua de sinais é uma ilustração do significado, o que permite à criança surda aprender diretamente o sentido do sinal sem depender do português, o que facilita a sua memorização e o seu uso. A escrita visual direto do sinal em *SignWriting*, cuja leitura sinaliza diretamente a mente do surdo, assim

como a decodificação da escrita alfabética fala diretamente à mente do ouvinte, “o método oralista objetivava levar o surdo a falar e a desenvolver competência linguística oral”.

Ao passo que o método bilíngue para surdos objetiva o desenvolvimento da competência linguística em todas as dimensões e não restrita ao falar, tendo em vista que os Surdos estão em uma situação peculiar, pois são letrados em uma língua que não é sua, aprendem a escrever palavras e símbolos de uma língua oral, enquanto usam uma língua visual-espacial que pode ser representada através de uma escrita própria. Através da ELS os surdos estabelecem uma relação visual aos significados.

No Brasil, alguns estados oficializaram a escrita da língua de sinais *SW* como disciplina curricular nas escolas de/para surdos. A figura abaixo apresenta em vermelho os estados que iniciaram esse processo. Em 1995 (RS), em 2006 (SC) e em 2009 (CE).

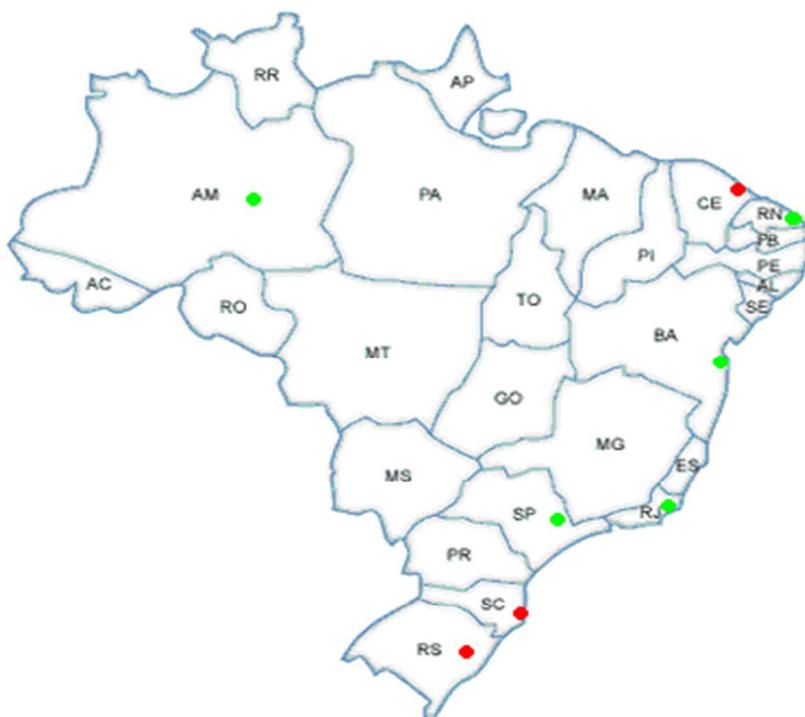


Figura 1 - Localização de cursos de ELS no Brasil.

No mapa acima os pontos representam os estados (AM, RN, BA, RJ, SP) que estão em processo de inclusão da disciplina ou em experiência de aprendizado da ELS através de cursos desde 2005.

2.1.3 A Alfabetização em Escrita de Sinais



Sinal 11 – Alfabetização



Sinal 12 – Escrita de sinais

As práticas pedagógicas alfabetizantes para a aquisição de uma língua escrita devem ser inseridas no contexto que propicie uma formação sociocultural.

No caso dos surdos, é imprescindível que seja analisado o conceito de alfabetização, levando em conta que esse conceito tem sido refutado por diferentes análises e enfoques sobre a escrita da Língua Portuguesa para surdos. Entre elas podemos citar os trabalhos de Fernandes (1989; 1999), Campello (2007), Silva (2008) e Sousa (1999). Nessas investigações conclui-se um novo olhar sobre a alfabetização de surdos, privilegiando em alguns casos uma abordagem não mecânica do processo de aquisição da língua escrita.

Em diversas pesquisas alguns apontamentos são feitos contra o mecanicismo do aprendizado da escrita fundamentada na racionalidade técnica, cuja preocupação central é aprender a fazer, ao invés de direcionar o aprendiz surdo a entender o processo de como fazer. Corroborando com esse pensamento Fernandes, Quadros (1999; 2005) dizem que grande parte dos surdos desconhece o valor e a funcionalidade da escrita, tendo uma noção muito precária da estrutura, conteúdos, características formais e convenções dos textos escritos. Se não encontram sua função no uso diário, como poderá atribuir-lhe significado?

Contribuições de diferentes áreas como Linguística, Sociologia, Psicologia, dentre outras, destacam esse caráter processual e complexo da aquisição da língua escrita.

A alfabetização se dá num processo interativo com a língua escrita onde as crianças constroem o aprendizado testando suas hipóteses através da relação fala/escrita. Sobre isso Soares (1998) destaca:

Consideremos a interferência desses dois fatores – a influência das ciências lingüísticas e a concepção psicogenética da aprendizagem da escrita – em duas faces do processo ensino e aprendizagem da língua escrita, aqui destacadas para fins de melhor clareza da exposição, já que não representam momentos sucessivos, mas contemporâneos, não são processos independentes, mas inseparáveis: uma face é a aquisição do sistema de escrita [...]; a outra face é a ‘utilização’ do sistema de escrita para interação social, isto é, o desenvolvimento de habilidades de produzir textos. (SOARES *ibid*, p. 52).

Esta relação fala/escrita não acontece com as crianças surdas, uma vez que o canal comunicativo da língua oral e o da língua de sinais são de modalidades diferentes. A escrita do Português é de base alfabética, o que implica o uso de símbolos (grafemas) para representar os fonemas (sons) que para o surdo não faz qualquer sentido.

Diante dessas considerações iniciais, entende-se que os surdos podem se apropriar da leitura e da escrita da Língua Portuguesa num processo de letramento diferenciado (FERNANDES, 1989), em um contexto onde a leitura e a escrita tenham sentido e façam parte de suas vidas cotidianas. Sendo assim, as práticas de letramento precisam estar intimamente ligadas a práticas de leituras significativas e do uso da Libras na construção de sentidos.

Conforme Freire (1988, p. 13), a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Neste sentido, a leitura do mundo para o Surdo se faz por meio de sua língua natural, pois ela lhe possibilita construir significados e formular sua idéia sobre o

mundo. Essa formulação se dá de forma interativa através da língua de sinais, por meio da qual o sujeito surdo dá vida aos significados.

A língua portuguesa na modalidade escrita formal ainda não faz parte da realidade da comunidade surda brasileira, visto que, sendo a segunda língua (L2) para a maioria dos surdos, ela foi imposta para as suas interações sociais e até pouco tempo era a única alternativa de escrita. Na maioria das vezes a alfabetização de surdos se dá sem uma interação comunicativa efetiva entre o professor ouvinte e o aluno surdo. Os textos escritos por alunos surdos costumam apresentar, de acordo com Salles *et al.*, (2004), enunciados curtos, vocabulário reduzido, ausência de artigos, de preposições, de concordância nominal e verbal, uso reduzido de diferentes tempos verbais, ausência de conectivos (conjunções, pronomes relativos e outros), falta de afixos e verbos de ligação, além de uma suposta colocação aleatória de constituintes na oração.

Na maioria das vezes, as palavras da língua portuguesa são utilizadas pelos Surdos brasileiros na forma e na estrutura da Libras. Conforme Sousa (2009) isso acontece porque o surdo escreve, pois, numa interlíngua³², combinando características lexicais e gramaticais da língua que está aprendendo com a estrutura da Libras. Para exemplificar esta situação o Quadro 1 apresenta exemplos de frases em língua portuguesa e a forma como a frase foi sinalizada e escrita por este autor, que demonstram algumas peculiaridades da escrita de surdos.

Português padrão	Português de surdo não fluente
1- Eu sei escrever. 2- Eu não sei escrever corretamente. 3- Meu amigo tem escrita razoável.	1- Eu saber escrever. 2- Eu saber não escrever certo. 3- Meu amigo saber escrever simples.

Quadro 1 – Exemplo de escrita de surdos

Para Stumpf (2005) o fator fundamental para a criança surda que está impedida de adaptar-se ativamente ao meio sonoro é o de que a língua oral, cuja representação sonora é a

³² De acordo com Brown (2000), a interlíngua se refere a um sistema com estrutura própria, resultante da interação entre as estruturas da língua materna e as da língua-alvo. Normalmente os surdos mesclam a estrutura gramatical da língua que estão estudando (L2, L3...) com a estrutura da sua L1.

palavra, não pode ser adquirida naturalmente. Nesse sentido as observações realizadas por Karnopp (2001) colaboram com o entendimento de que:

Na aquisição da Libras, investigam-se três aspectos do desenvolvimento infantil: a questão da percepção visual, da produção manual e da importância do *input* visual. O *input* em língua de sinais é, obviamente, importante para que a criança passe para etapas posteriores no desenvolvimento da linguagem. (KARNOPP E QUADROS, 2001 *apud* STUMPF, 2005 p. 33-34).

As observações acima não desconsideram as tentativas de alfabetizar os surdos através da escrita de uma língua oral, mas possibilitam refletir sobre uma alfabetização através da escrita de sinais - uma grafia não alfabética, mas ideográfica que possui representação simbólica mais próxima da cultura visual.

As línguas de sinais não possuem relação fônica em seus léxicos³³, por isso a escrita de uma língua oral é dificilmente adquirida por um surdo, visto que o mesmo não possui consciência fonológica (sonora), e desta forma, a alfabetização em escrita de sinais se apresenta como parte do processo histórico social do Povo Surdo. Processo esse de múltiplas dimensões que possibilita análises numa perspectiva ampla, sem contudo, negar sua especificidade.

Os pressupostos teóricos de Vygotsky (1998), de contribuição valiosa no campo educacional, iluminam a discussão sobre o aprendizado da escrita, considerada como um sistema de signos socialmente construídos, descrevendo o processo de apropriação da escrita como processo cultural, de caráter histórico, envolvendo práticas interativas. A aprendizagem da escrita refere-se pois, à aquisição de um sistema de signos que, assim como os instrumentos, foram produzidos pelo homem em resposta às suas necessidades socioculturais concretas.

³³ Para Cabré (1999) um dos componentes básicos de uma língua é o léxico, o qual consiste de palavras de uma língua e as regras que controlam a criatividade do falante. As palavras são unidades de referências da realidade e nos conectam ao mundo real.

Nesta perspectiva a escrita da língua de sinais se apresenta como artefato cultural da comunidade Surda, pois se trata de um sistema simbólico construído e idealizado pelo povo Surdo.

A escrita então não deve ser considerada como mero instrumento de aprendizagem escolar, mas como produto cultural. Daí surge a idéia de alfabetização em uma escrita oriunda da Comunidade Surda. Assim entendida, ela possibilita a exploração desta forma em diferentes contextos, explicando os variados usos e funções que são inerentes numa sociedade letrada.

Apesar dos muitos avanços significativos nos estudos sobre o processo de alfabetização de surdos, ainda é possível observar, em alguns casos, que a prática da escola parece distanciada da funcionalidade da escrita no contexto da sociedade, limitando-se aos usos mecânicos e descontextualizados. Corroborando esse pensamento Vygotsky (1998) afirma:

Até agora, a escrita ocupou um lugar muito estreito na prática escolar, em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Ensina-se as crianças a desenhar letras e a construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que acaba-se obscurecendo a linguagem como tal (VIGOTSKI *ibid*, p. 139).

Ao surdo faz-se necessário relacionar o sentido (significado) à forma (palavra) e não ao som. Portanto, entende-se que alfabetizar transcende a mecânica do ler e escrever (codificação/decodificação), ou seja, a alfabetização é um processo histórico-social multifacetado, envolvendo a natureza da língua escrita e as práticas culturais de seus usos.

Observa-se assim que a concepção de alfabetização de surdos tem se ampliado no cenário sócio educacional, estimulando práticas mais culturais e diferenciadas uma vez que tais questões, de uma forma ou de outra, chegam à escola.

É importante registrar que a criança surda no Brasil, no seu cotidiano, usa a escrita de um *Português errado* que se escreve para comunicar alguma coisa pensada na modalidade viso-

espacial que obrigatoriamente é escrita em um sistema pertencente a uma língua de modalidade oral-auditiva. Da mesma forma recorrem à escrita da Língua Portuguesa, através da leitura para, mesmo que de forma incompleta, obter informações e buscar entretenimento. É necessário então que as escolas bilíngues para surdos parem de simplesmente ensinar uma escrita mecânica de representação sonora, mas ensinar ao surdo uma escrita dinâmica, explorando as idéias, emoções e inquietações da percepção visual. Stumpf (2005, p. 100), afirma que:

Escrita de língua de sinais não tem ainda reconhecimento formal na educação dos surdos, também a língua de sinais tem muito pouco espaço nos currículos das escolas e classes especiais. A escrita visual direta de língua de sinais ELS pode levar ao bilinguismo pleno (...).

Consequentemente, a escola precisa pensar a alfabetização como processo dinâmico, como construção social, fundada nos diferentes modos de participação das crianças nas práticas culturais de uso da escrita, transcendendo a visão linear, fragmentada e descontextualizante presente nas salas de aula onde se ensina/aprende a ler e a escrever. Oliveira (1998), acerca desta questão reconhece que:

[...] é de fundamental importância que, desde o início, a alfabetização se dê num contexto de interação pela escrita. Por razões idênticas, deveria ser banido da prática alfabetizadora todo e qualquer discurso (texto, frase, palavra, “exercício”) que não esteja relacionado com a vida real ou o imaginário das crianças, em outras palavras, que não esteja por elas carregado de sentido.

O processo de alfabetização de surdos, ao longo do tempo, tem sido organizado e orientado por metodologias oralistas propostas nas cartilhas das escolas *ouvintizantes*³⁴.

³⁴ Termo utilizado para referi-se a escolas de/para surdos que utilizam resquícios de métodos oralistas, que tendem priorizar a fala oral em detrimento do desenvolvimento da linguagem.

Essas metodologias supõem que alfabetizando surdos detenham os mesmos conhecimentos e as mesmas experiências com a escrita que as crianças ouvintes possuem ou, na pior das hipóteses, presumem que as crianças surdas chegam à escola sem construções teórico-práticas a respeito do ler e do escrever. Por essa razão, a proposta escolar de alfabetização para surdos tem o mesmo ponto de partida sem considerar os diferentes níveis ou graus de inserção da criança surda no mundo letrado.

Percebe-se ainda que o desenvolvimento da escrita na criança surda deve está relacionado às práticas cotidianas (socioculturais) de participação em eventos de leitura e escrita. Nesta direção, os estudos sobre letramento (TFOUNI, 1997; ROJO, 1998; KLEIMAN, 1995) focalizam as dimensões sócio-históricas na aquisição da língua escrita, mostrando que indivíduos não-alfabetizados, mas partícipes das sociedades letradas (da cultura, dos modos de produção e dos valores sociais) constroem concepções a respeito do sistema de escrita e identificam seus diferentes usos e funções.

Essa questão mostra que as práticas de alfabetização possuem dimensão histórica e significado ideológico. Nelas estão presentes relações de poder e dominação que continuam presentes em relação às concepções ouvintistas, onde presume que o ouvinte que escreve “bem” é superior ao surdo não letrado, tendo o ouvinte o domínio desta forma comunicativa.

A língua escrita, desde sua origem, está ligada aos processos de dominação/poder, participação/exclusão inerentes às relações sociais, no entanto, pode estar ligada também ao desenvolvimento sociocultural e cognitivo dos povos, provocando mudanças significativas nas práticas comunicativas (TFOUNI, 1997).

Desta forma, podemos perceber que a dominação dos ouvintes e a exclusão de surdos que não sabem ler e escrever como ouvintes aqui, não se restringe às ações oficiais voltadas à educação bilíngue, envolvendo também as relações de poder entre surdos e ouvintes que provocam embates e conflitos no espaço escolar. Sobre isso Silva (2008, p. 85) diz que:

As representações do ser surdo, em um universo essencialmente regulado pelo som, ouvir e falar, traduzidas na prática pedagógica pelo ler e escrever tornaram-se tão essencializadas no espaço escolar que

qualquer outra forma de ensino não centrado na Língua Portuguesa provoca estranhamento e sofre profundas restrições, se não impedimentos legais no processo de implantação. Entretanto, esse exercício não se focaliza na lógica explicativa das oposições binárias – línguas de sinais/línguas orais, educação bilíngüe/educação monolíngüe, mas na complexidade efêmera que transita entre esses extremos. A idéia é colocar em dúvida se a produção e a socialização do conhecimento acadêmico só são possíveis a partir da norma ouvinte. (SILVA, *ibid*, p. 85)

À luz dessas reflexões, convém lembrar que o aprendizado da escrita na escola, coloca a criança diante de alguns dilemas referentes à natureza desse objeto cultural (a própria escrita). Como exemplo, citamos a arbitrariedade presente na representação gráfica de palavras, a segmentação da escrita e, ainda, a organização espacial da grafia. Quanto à representação gráfica das palavras para as crianças surdas, elas não são feitas a partir de hipóteses construídas sobre a relação fala/escrita, tendo em vista que ela fala uma língua e escreve em outra, por isso não tende a escrever como fala, não fazendo uma transcrição fonética como ocorre com as crianças ouvintes.

A aquisição da escrita ortográfica, no entanto, constitui campo fértil em dificuldades para a criança. Comumente, no processo de alfabetização, as normas da convenção ortográfica não são socializadas, prevalecendo como mecanismo importante na aprendizagem da ortografia as atividades de cópias e ditados. É fundamental, então, a compreensão de que a aquisição da escrita ortográfica não ocorre passivamente, e não se constitui em armazenamento/memorização de formas corretas de grafar palavras, mas pressupõe e requer um processo ativo de aprendizagem. (MORAIS, 1997,2000).

Portanto, compreender as idiosincrasias presentes na aprendizagem da escrita pode assegurar ao professor determinadas e conscientes intervenções pedagógicas. Por exemplo, torna-se fácil para o alfabetizador entender que a escrita infantil possui uma lógica particular, resultante de suas

experiências com o universo letrado, que não se coaduna com a lógica da escrita ortográfica. A análise da lógica da escrita infantil pode mostrar ao professor o caminho percorrido pela criança, evidenciando suas interpretações e hipóteses na leitura e na escrita, bem como indicar a ação didática adequada a cada situação.

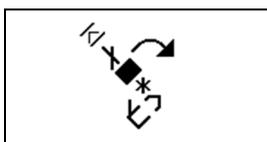
Até pouco tempo pensavam que surdos não poderiam ser *alfabetizados* em sua própria língua, precisamente por não haver ainda um sistema de escrita de línguas de sinais altamente difundido e usado pela Comunidade Surda. Contudo a situação presente é outra, e a escrita de sinais proposta por Sutton (1974), é hoje um sistema altamente eficaz, justificado e, principalmente, autorizado pela comunidade surda.

2.2 AS LÍNGUAS DE SINAIS



Língua de sinais

Sinal 13 – Língua de sinais



Vários

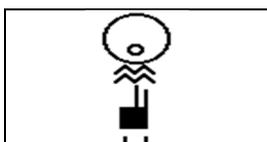
Sinal 14 – Vários

2.2.1 A Língua de Sinais como Língua Natural



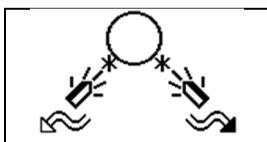
Língua de sinais

Sinal 13 – Língua de sinais



Língua

Sinal 15 – Língua



Natural

Sinal 16 – Natural

A seguir serão apresentadas algumas características das línguas³⁵ de sinais presentes também nas línguas naturais. Posteriormente, serão elencados alguns aspectos formais da Língua de Sinais Brasileira - LSB conforme Karnopp e Quadros (2004), com foco nos parâmetros fonológicos.

As línguas de sinais são usadas amplamente pelas comunidades surdas do mundo inteiro. Cada comunidade surda possui pelo menos uma língua de sinais diferente da língua oral falada na mesma área geográfica (país), assim, as línguas de sinais usadas pelas comunidades linguísticas de Surdos são também naturais. Colaborando com isso Skliar (1999) considera que língua natural:

[...] não se refere a uma certa espontaneidade biológica. Língua natural, aqui, deve ser entendida como língua que foi criada e é utilizada por uma comunidade específica de usuários, que se transmite de geração em geração, e que muda, tanto estrutural como funcionalmente, com o passar do tempo. (SKLIAR *ibid*, p. 26-27)

As línguas de sinais são consideradas línguas naturais das comunidades surdas e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação, como por exemplo, código, linguagem, etc. Algumas características básicas das línguas naturais são:

- Produtividade: as línguas naturais possuem produtividade ilimitada, o que lhes possibilita produzir uma quantidade infinita de sentenças;

- Criatividade: as línguas naturais não precisam de estímulo para gerar novas mensagens ou sentenças. Elas podem produzir frases nunca antes ditas e compreender frases nunca antes ouvidas/vistas;

- Arbitrariedade: as línguas naturais não se restringem à relação entre significante e significado, entre signo e o referente, pois se articulam em dois planos: o do conteúdo e o da expressão; (SAUSSURE, 1969, p 83)

³⁵ Usa-se o termo *línguas* a fim de evitar neste momento o entendimento de que a língua de sinais seja universal, uma vez que cada comunidade linguística constrói sua língua como parte da cultura de seus usuários. O termo *língua de sinais* no singular trata-se de uma generalização.

- Dupla articulação: unidades maiores, significativas (morfemas) são formadas a partir de unidades menores, sem significado (fonemas).

Essas são algumas das características que justificam a aplicação do termo específico *língua* e não de termos de outros sistemas de comunicação à língua de sinais, visto que a LS possui algo que não pertence aos outros sistemas comunicativos existentes. Para complementar essa afirmação Saussure (1969), afirma que:

A língua não se confunde com linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (SAUSSURE *ibid*,p.17).

As características acima citadas estão presentes nas línguas de sinais, assim como nas línguas orais. Segundo Sousa (2009)³⁶, a principal diferença entre as línguas de sinais e as línguas orais se dá no canal de comunicação. Enquanto as línguas orais fazem uso do canal oral-auditivo (recepção por meio da audição e produção por meio da oralidade/vocalização), as línguas de sinais fazem uso do canal viso-espacial (recepção por meio da visão e produção por meio do uso do espaço). Além dessas características, existem outras específicas das línguas de sinais:

- Iconicidade; as línguas de sinais são produzidas e percebidas na modalidade gestual-visual-espacial, por isso alguns sinais carregam uma relação icônica ou representacional de seus referentes. Esta característica decorrente da natureza linguística das línguas de sinais gera o mito de que a motivação icônica seja uma regra nas línguas de sinais, desconsiderando a arbitrariedade das línguas naturais. No entanto, a maioria dos sinais das línguas de sinais é arbitrária e não mantém relação alguma com o referente.

³⁶ Sousa, Aline Nunes de (2009). Surdos brasileiros escrevendo em inglês: Uma experiência com o ensino comunicativo de línguas. Disponível em <www.uece.br/posla/dmdocuments/alinenunesdesousa.pdf>. Acesso em 20 mar. 2010.

2.2.1.1 Iconicidade nas línguas de sinais



Sinal 17 – Iconicidade



Sinal 13 – Língua de Sinais

O conceito icônico faz referência a outro conceito: plasticidade. Segundo Simões (1994):

[...] plasticidade é a propriedade da matéria de adquirir formas sensíveis por efeito de uma força exterior, a partir do que a imagem pode ser gravada na mente do observador, mesmo em ausência. E mais: a plasticidade torna possível a modelagem de seres imaginários que não têm referente material, objetivo por meio de imagens. (SIMOES 1994, *apud* DRUTA 2004, p. 39)

Iconidade é uma categoria da plasticidade e trata da capacidade de um signo representar figurativamente ou pictoricamente um objeto tomado como referente, ou seja, reproduz a imagem do referente.

Este conceito se contrapõe com o de Arbitrariedade trabalhado por Saussure (1969), pois para ele, uma vez estabelecida uma relação do significante com o significado, instaura-se a convencionalidade, logo, não é arbitrário.

A convencionalidade dos sinais icônicos, assim como as línguas de sinais, não é universal. Cada sociedade capta facetas diferentes do mesmo referente, representadas através de seus próprios sinais convencionalmente, (FERREIRA-BRITO, 1993). Cada língua de sinais representa seus referentes de maneira

particular, ainda que de forma icônica. São convencionais porque cada uma vê os objetos, seres e eventos representados em seus sinais ou palavras sob determinada perspectiva.

Por exemplo, o sinal ÁRVORE em Libras representa o tronco da árvore através do antebraço e os galhos e as folhas através da mão aberta e do movimento interno dos seus dedos. Porém, o sinal para o mesmo conceito em CSL (Língua de Sinais Chinesa) representa apenas o tronco com as duas mãos semi-abertas e os dedos dobrados de forma circular. Em Libras, o sinal CARRO/DIRIGIR é icônico porque representa o ato de dirigir, porém, é também convencional porque em outras línguas de sinais não toma necessariamente este aspecto dos referentes carro e *ato de dirigir* como motivação de sua forma, mas sim outros elementos.

Um outro exemplo, o sinal de “CASA” tem motivação icônica tanto na Língua Brasileira de Sinais quanto na língua usada pela comunidade surda da China, porém a iconicidade do sinal CASA em cada língua leva em consideração a imagem do referente e da cultura daquela região, logo, a convencionalidade será construída socialmente.

Os parâmetros fonológicos usados para representar fisicamente a casa no Brasil serão aqueles que retratem a figura dos modelos de casas do Brasil, ao passo que os parâmetros escolhidos na China procuram representar a figura e o modelo das casas chinesas, bem diferentes das brasileiras.

Contudo, a arbitrariedade dos signos linguísticos³⁷ nas línguas de sinais é presente como em qualquer língua. Uma distinção interessante é que, nessas línguas, “[...] diferentemente das línguas orais, muitos sinais têm forte motivação icônica” (SALLES *et al.*, 2004, p. 83).

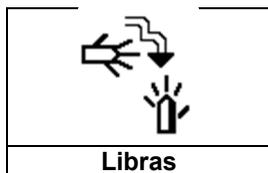
³⁷ O signo linguístico para Saussure é a união do conceito com a imagem acústica. O conceito, ou idéia, é a representação mental de um objeto ou da realidade, isto é, do significante com o significado. Na Libras é equivalente ao *sinal* propriamente dito.

Vejamos exemplos do sinal “CASA” em língua de sinais de diferentes culturas: Brasil, EUA, China.

<p>No Brasil</p> 	<p>A representação do sinal CASA na Libras faz referência à forma do telhado das casas do Brasil.</p>  <p>Figura 2 – Modelo de casa brasileira*. Fonte - internet (2011)</p> <p><i>*Referência - telhado reto e inclinado</i></p>
<p>Nos EUA</p> 	<p>A iconicidade do sinal CASA na ASL faz referência à forma do telhado e do contorno das paredes</p>  <p>Figura 3 - Modelo de casa americana*. Fonte - internet (2011)</p> <p><i>*Referência – telhado inclinado e paredes paralelas</i></p>
<p>Na China</p> 	<p>A representação do sinal CASA na Língua Chinesa de sinais (CSL) faz referência ao formato do telhado das casas chinesa que são angulados e pontudos.</p>  <p>Figura 4 – Modelo casa chinesa*. Fonte – internet (2011).</p> <p><i>*Referência - telhado angulado</i></p>

Quadro 2 – Exemplo de sinais icônicos

2.2.1.2 A Libras



Sinal 18 – Libras

Conforme Quadros e Karnopp (2004), a Libras é a língua usada pela comunidade Surda no Brasil. É uma língua que expressa níveis linguísticos em diferentes graus assim como as demais línguas; apresenta uma gramática com estrutura própria, usada por um grupo social específico.

Assim como as diversas línguas naturais existentes, a Libras é composta por níveis linguísticos. Para Quadros (2004) os níveis linguísticos nas línguas de sinais se ramificam em:

- Fonologia: a primeira tarefa da fonologia para as línguas de sinais é determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais. A segunda é estabelecer quais os padrões possíveis de combinação entre essas unidades e variações no ambiente fonológico;

- Morfologia: é o estudo da estrutura interna das palavras ou dos sinais, assim como das regras que determinam a formação das palavras [...] assim com as palavras [...] os sinais pertencem a categorias lexicais ou a classe de palavras tais como: substantivo, verbo, adjetivo, advérbio, etc.;

- Sintaxe: é o estudo da estrutura das frases, ou seja, da combinação das unidades significativas da frase, assim como das regras de construção de frases. A língua de sinais brasileira [...] é organizada espacialmente de forma tão complexa quanto as línguas orais-auditivas. [...] No espaço em que são realizados os sinais, o estabelecimento nominal e o uso de sistema pronominal são fundamentais para tais relações sintáticas;

- Semântica: o estudo do significado da palavra e da sentença. [...] É a parte da linguística que estuda a natureza do significado individual das palavras e do agrupamento das palavras nas sentenças.

Esta pesquisa tratou de aspectos relativos aos níveis fonológico e morfológico da Libras, uma vez que efetivou o estudo da grafia de sinais, analisou as escolhas fonológicas e morfológicas que influenciaram a escrita do item lexical (sinal), atendendo assim a segunda tarefa da fonologia que estabelece quais os padrões possíveis de combinação entre parâmetros e variações possíveis. Quanto ao nível morfológico, a pesquisa analisou as regras que determinam a composição dos sinais escritos, isto é, o arranjo de seus elementos.

De acordo com Salles *et al.* (2004), os parâmetros fonológicos das línguas de sinais são: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação da mão (Or) e expressões não-manuais (ENM).

Podemos descrever os parâmetros fonológicos (fonemas) da seguinte maneira:

a) Configuração de Mão (CM) – forma que a mão assume na sinalização. Atualmente a Libras utiliza mais de 73 configurações de mãos diferentes na formação de sinais que podem ser oriundos da datilologia (alfabeto manual) e de outras formas;

b) Ponto de Articulação (PA) – lugar onde incide o sinal, podendo tocar o corpo do sinalizante ou estar em um espaço neutro.

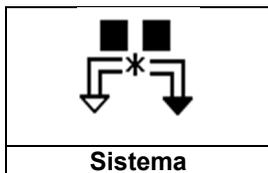
c) Movimento (M) – sinais podem ter ou não movimento. O movimento é um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, movimentos do pulso e movimentos direcionais no espaço (KLIMA; BELLUGI, 1979 *apud* QUADROS, 2004).

d) Orientação da mão (Or) – sinais podem ter uma direção e a inversão desta pode alterar o sinal. Inicialmente este parâmetro não foi considerado nos estudos de Stokoe (1960), entretanto, Battison (1974) e outros pesquisados constataram mudanças no significado do sinal a partir da mudança desta unidade fonológica.

e) Expressões não-manuais (ENM) – expressões compreendem movimentos da face, olhos, cabeça ou do corpo. Muitos sinais, além dos quatro parâmetros mencionados acima, em sua configuração, têm como traço diferenciador também a expressão facial e/ou corporal.

Na combinação destes parâmetros tem-se o sinal. “Falar com as mãos é combinar elementos que formam as palavras e estas formam as frases em um contexto.” (Revista da FENEIS, nº 2: 16).

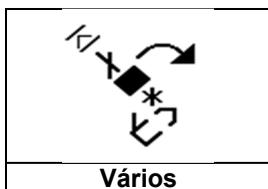
2.2.2. Os sistemas de escrita de sinais



Sinal 19 – Sistema



Sinal 12 – Escrita de sinais

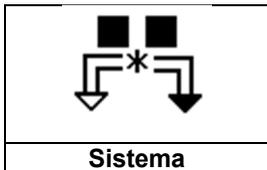
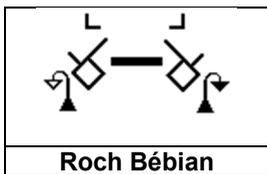


Sinal 14 – Vários

A escrita é uma representação simbólica que existe tanto nas línguas orais quanto nas de sinais. Toda representação simbólica é socialmente construída ao longo da evolução dos povos que resultam em sistemas. Nos últimos anos, vários sistemas foram criados a fim de representar através de símbolos ideográficos as línguas de sinais.

Os símbolos das línguas de sinais são visuais e representam especificamente: as configurações de mão, os movimentos e contatos, as expressões faciais e os movimentos do corpo. A decomposição do sinal escrito relaciona-se com os diferentes elementos gráficos mínimos, representados pela escrita em diferentes sistemas que serão apresentados a seguir:

a) Sistema de ELS de Roch Bébian

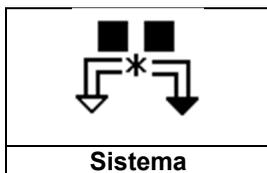
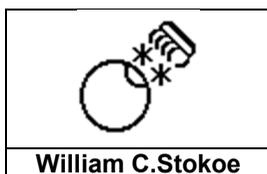
**Sinal 19** – Sistema**Sinal 20** – Roch Bébian

Roch Ambroise Auguste Bébian³⁸ (1789-1838) nasceu em Guadalupe. Mas foi na França que desenvolveu, em meados de 1817, o primeiro ensaio sobre método de escrita de sinais. Estudou e trabalhou na escola de surdos de Paris na época em que era dirigido pelo Abade Sicard. Bébian acabou se devotando ao estudo de sistemas para a educação de surdos. Foi um dos primeiros educadores na França a atingir o nível de fluência nativa na Língua de Sinais Francesa. Escreveu vários livros importantes e em seu principal trabalho, intitulado “Mimiografia”, tratava de um método de escrita de sinais que continha símbolos para descrever as configurações de mãos, os movimentos, os pontos de articulação e das fisionomias feitas durante a produção do sinal. Bébian foi o primeiro educador a reconhecer o espaço como aspecto formado do sinal. Segundo Stumpf (2005), Bébian considerava:

[...] o surdo possuidor de duas línguas: a língua de sinais, inclusive escrita, e a língua de seu país, esta somente na sua forma escrita. Bébian predisse, mas foi necessário chegarmos aos anos 60 para que os trabalhos do americano William Stokoe retomassem o caminho esboçado por ele.

³⁸ http://en.wikipedia.org/wiki/Roch-Ambroise_Auguste_B%C3%A9bian. Acesso em 12 nov.2010

b) Sistema de Notação de Willam C. Stokoe

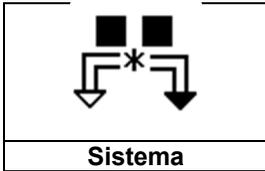
**Sinal 19** – Sistema**Sinal 21** – William C. Stokoe

William C. Stokoe (1919-2000), linguista e pesquisador norte-americano, é considerado o primeiro linguista a estudar a língua de sinais como língua natural, mais especificamente a Língua de Sinais Americana – ASL. Seus estudos comprovaram inicialmente que cada sinal das línguas de sinais era formado por três partes independentes (localização, configuração de mão, movimento), fazendo-se assim uma comparação com os fonemas das línguas orais. Em 1965, lançou seu *Dictionary of American Sign Language on Linguistic Principles* em que constava o primeiro sistema de notação para descrever os três parâmetros identificados por ele.

O sistema de notação pessoal desenvolvido por Stokoe contém 12 símbolos de posição - lugar, 10 símbolos para representar as configurações de mãos, 22 de movimentos de ação, e quatro símbolos para orientação – indicações e dois sinais diacríticos³⁹.

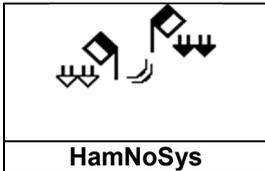
³⁹ Um diacrítico (do grego διακριτικός, que distingue) é um sinal gráfico que se coloca sobre, sob ou através de uma letra para alterar a sua realização fonética, isto é, o seu som, ou para marcar qualquer outra característica lingüística. (Wikipédia, 2011)

c) Sistema de ELS HamNoSys



Sistema

Sinal 19 – Sistema

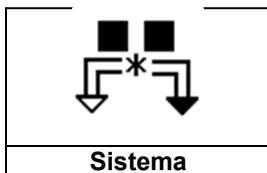
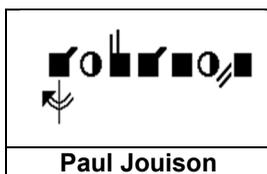


HamNoSys

Sinal 22 - HamNoSys

Começou a ser desenvolvido em meados de 1984 por Prillwitz e Völlhaber na Universidade de Hamburgo – Alemanha. Esse sistema distingue principalmente cinco grupos: 1- as configurações de mãos; 2- as orientações de dedos e da palma; 3- as localizações sobre a cabeça e o tronco; 4- os tipos de movimentos; 5- a pontuação. Este sistema foi aprimorado no ano seguinte incluindo mais informações, como orientação da palma da mão e direção das pontas dos dedos. O sistema computacional disponibilizado pela universidade de Hamburgo continua sendo melhorado. A última versão HamNoSys v4.0 foi finalizada em 2005. Ele pode ser encontrado no endereço eletrônico <http://www.sign-lang.uni-hamburg.de/hamnosys>.

d) Sistema de ELS de Paul Jouison

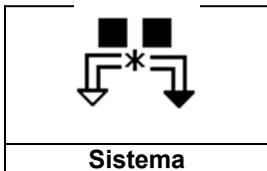
**Sinal 19** – Sistema**Sinal 23** – Paul Jouison. (J-O-U-I-S-O-N em datilologia).

Paul Jouison (1948-1991) criou o D'sign em meados de 1990, ampliando a idéia de Stokoe (1965) aplicando o método à Língua de Sinais Francesa - LSF, porém, não chegou a publicá-lo, Jouison faleceu antes de apresentar o método. Posterior a sua morte a Dra Brigitte Garcia recuperou suas anotações e escreveu uma tese sobre a pesquisa. O método de Jouison não apresenta a escrita como uma simples notação, mas como um sistema muito elaborado e capaz de transcrever em D'sign frases inteiras da LSF.

O sistema pode ser conferido no artigo *Ecrits sur la Langue des Signes Française (LSF)* de Jouison e Brigitte publicado em 1995. A síntese desse trabalho⁴⁰ foi apresentada no 9º *Theoretical Issues in Sign Language Research Conference* – TILRS, que aconteceu em Florianópolis – Brasil em 2006.

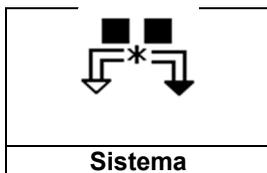
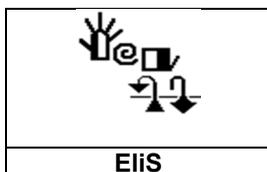
⁴⁰ Versão revisada do pôster apresentado por Brigitte Garcia e Roque Gaëlle em 2006. Reunião TISLR em Florianópolis, Brasil (Garcia, Roch & Boutet, 2006). Disponível <<http://www.editora-arara-azul.com.br/ebooks/catalogo/11.pdf>>. Acesso em 09/01/2011.

e) Sistema de ELS de François Neve

**Sistema****Sinal 19** – Sistema**François Neve****Sinal 24** – François Neve (N-E-V-E em datilologia).

François Xavier Neve, pesquisador na Universidade de Liège na Bélgica, desenvolveu em 1996 um sistema de notação a partir do criado por Stokoe (1965). Neve informatizou os signos e incluiu uma numeração específica para identificar quando o sinal é produzido por uma mão ou pelas duas mãos verticalizando a escrita de cima para baixo e dividindo em colunas da seguinte forma: uma coluna quando a mão dominante sinaliza, em duas quando utiliza as duas mãos. Neve usou os mesmos parâmetros fonológicos utilizados na notação de Stokoe: Configuração (CO), Localização (LO), Orientação (ORI) e Ação (ACT)

f) Sistema de ELS de Mariângela Estelita (ELiS)

**Sinal 19** – Sistema**Sinal 25** – Mariângela Estelita**Sinal 26** – ELiS

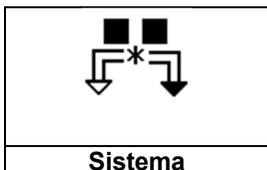
O sistema ELiS de escrita de sinais foi criado em 1997 pela Prof^a. Dr^a. Mariângela Estelita e aprimorado em 2008 na tese intitulada “ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática”. Nesta pesquisa a autora introduziu novos conceitos e aspectos como o visema⁴¹ e configuração de dedos. A ELiS é um sistema de escrita linear executado da esquerda para a direita e possui uma série de símbolos para representar quatro parâmetros da LS identificado pela autora: configuração de dedos, orientação da palma, ponto de articulação e movimento.

Este sistema de escrita assim com outros possui sistema computacional para representá-lo. Também em 1997 foi criado o

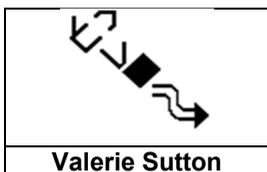
⁴¹ Visema é a representação visual de cada fonema. Na tese da autora o termo é usado em equivalência ao termo fonema.

AlfaSig para popularizar o sistema. O Programa escreve os *quiremas*⁴². O sistema EliS adotou os parâmetros identificados por Stokoe (1965), aos quais foram acrescentados mais dois: a orientação da palma, e um diacrítico referente à orientação das pontas dos dedos.

g) Sistema de ELS de Valerie Sutton



Sistema
Sinal 19 – Sistema



Valerie Sutton
Sinal 27 – Valerie Sutton

O *SingWriting*, também conhecido como *SW*, foi criado em 1974 por Valerie Sutton, como um sistema de notação para registro de movimentos de dança, mas se tornou um sistema de escrita de sinais e atualmente é desenvolvido pelo *Deaf Action Committee* - DAC, onde Valerie é diretora. O DAC é uma organização sediada em La Jolla – Califórnia nos EUA.

O *SW* é composto por dez categorias: 1 - mão, 2 - contatos das mãos, 3 - faces, 4 - movimentos do corpo e da cabeça, 5 - ombro, 6 - membros, 7 - inclinação da cabeça, 8 - localização, 9 - movimento de dinâmica e 10 - pontuação.

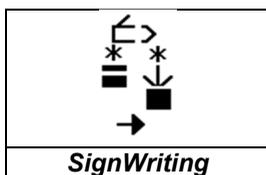
Em 2004, na Universidade Católica de Pelotas – UCPEL, foi desenvolvido o *SW-Edit*, programa de edição de textos de língua de sinais. É um editor multi-plataforma, com interface tipo *Windows*, desenvolvido por Rafael Piccin Torchelsen e Antônio Carlos da Rocha Costa. Este sistema foi o escolhido para ser utilizado nesta pesquisa e será descrito a seguir.

⁴² Unidades menores de sinalização dos gestos.

2.2.2.1 A escrita através do *SignWriting*



Sinal 2 – Escrita de sinais



Sinal 28 – *SignWriting*

Entre os sistemas apresentados anteriormente o *SignWriting* e o ELiS são os únicos que apresentam características evolutivas inerentes aos sistemas de escrita, inclusive o sistema alfabético. São também os únicos utilizados pela Comunidade Surda Brasileira, no entanto, para essa pesquisa foi escolhido o sistema *SW* por ter mais tempo de uso e difusão no Brasil. Ele está em uso desde 1996. O sistema de Sutton é o mais aceito e utilizado no mundo inteiro. Diante disso faz-se necessário identificar as regras de grafia a fim de consolidar um sistema padronizado que possa ser usado de forma similar por todos os usuários, facilitando o entendimento e a compreensão da escrita

Para estudar o aspecto de padronização da escrita da Libras o sistema escolhido para esta pesquisa tem a seguinte característica: O sistema *SignWriting* apresenta os grafemas de forma simultânea e sequencial. O leitor pode ler ao mesmo tempo a configuração de mão, a localização e o movimento do sinal. Ao contrário, o sistema de escrita de sinais ELiS que registra os grafemas de forma sequencial, linear, na mesma lógica das escritas alfabéticas. Tal justificativa se baseia nos estudos de Quadros e Karnoop (2004) quando citam que:

[...]nas línguas orais, a combinação dos fonemas se dá de forma sequencial, em sucessão temporal. Nas línguas de sinais, ao contrário, essa combinação se dá de forma simultânea no tempo. Os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinadas locações nesse espaço. Um sinal pode ser articulado com uma ou duas mãos. Um mesmo sinal pode ser articulado tanto com a mão direita quanto com a esquerda; tal mudança, portanto, não é distintiva. Sinais articulados com uma mão são produzidos pela mão dominante (tipicamente à direita para destros e a esquerda para canhotos), sendo que sinais articulados com as duas mãos também ocorrem e apresentam restrições em relação ao tipo de interação entre as mãos. (QUADROS *ibid*, p. 51)

O Quadro 3 mostra exemplo de escritas em SW, onde o registro é sequencial e a leitura é simultânea e no sistema ELiS onde se lê primeiramente a configuração de dedos, seguido da orientação e o ponto de articulação e, por fim, o movimento, caracterizando uma leitura linear - não simultânea.

Sinal ENCONTRAR em SW	Sinal ENCONTRAR em ELiS
	//101*++ui

Quadro 3 - Exemplos de escrita em SW e ELiS

O sistema *SignWriting* é capaz de escrever qualquer língua de sinais do mundo sem necessidade de tradução para uma língua oral. Ele foi projetado para representar os diversos aspectos fonético-fonológicos das línguas de sinais. Assim, para que uma língua de sinais possa registrar seus sinais através do SW, eles deverão ser adaptados à sua própria ortografia, não havendo necessidade de conhecimento prévio da língua oral de uma comunidade linguística (país ou região).

A escrita *SingWriting* foi desenvolvida com o intuito de ser utilizada pelas comunidades surdas no seu cotidiano e não como um sistema de notação linguística, com detalhamento analítico dos sinais - característica de outros sistemas. Este sistema possui aspectos gráficos esquematizados que permitem escrever o sinal de forma intuitiva. Ele é constituído de um conjunto de símbolos e um conjunto de regras de escrita. Desse modo, o *SignWriting* apresenta a feição de um sistema de escrita fonética para línguas de sinais, mas plenamente apto a suportar a delimitação de um subsistema de escrita de línguas de sinais que tenha características estritamente fonológicas. (COSTA *et. al.*, 2004, p.254).

O sistema utiliza diversos símbolos visuais para representar os parâmetros fonológicos que são comuns às línguas de sinais tais como as configurações de mão, movimentos, expressões faciais e os movimentos do corpo. Assim como o alfabeto em várias línguas representa fonemas através de signos, o SW representa esses parâmetros através de símbolos não alfabéticos, mas próprios que podem ser usados em qualquer língua de sinais. Sendo que cada língua pode adicionar ou subtrair alguns símbolos. Por exemplo, o alfabeto romano é utilizado por varias línguas faladas o que o faz internacional mas cada língua o escreve de maneira diferente. Da mesma forma, o SW pode ser usado por qualquer língua de sinais.

Há três formas de escrever os sinais usando o sistema SW: a escrita de corpo inteiro, a simplificada (escrita à mão) e a padrão. Atualmente a escrita de corpo inteiro é mais utilizada por iniciantes e na educação de crianças surdas. Ela é também mais fácil de ser compreendida.

No caso do Brasil duas formas são utilizadas pela comunidade surda local, a simplificada (à mão) e a padronizada (computadorizada) como podem ser visualizadas nas figuras a seguir⁴³.

⁴³ A versão em Língua Portuguesa da historinha intitulada “ A menina e o cão” produzida pelo autor, pode ser visualizada no Apêndice A.

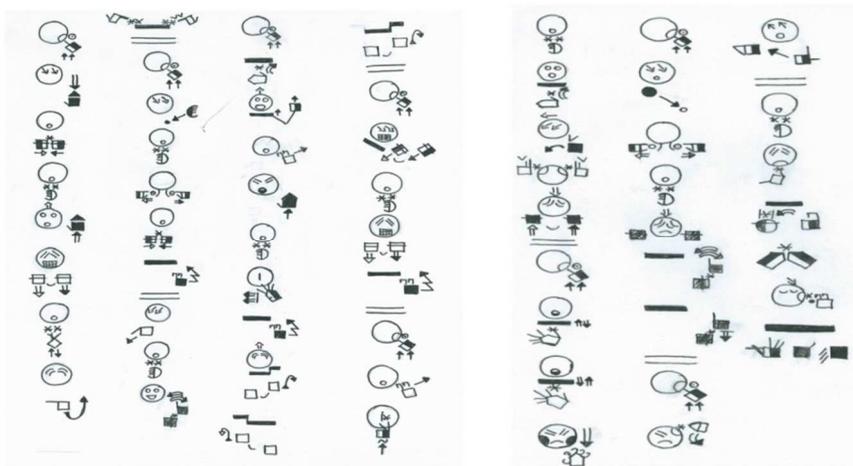


Figura 5 – Historinha “A menina e o cão” em ELS/SW escrita simplificada.

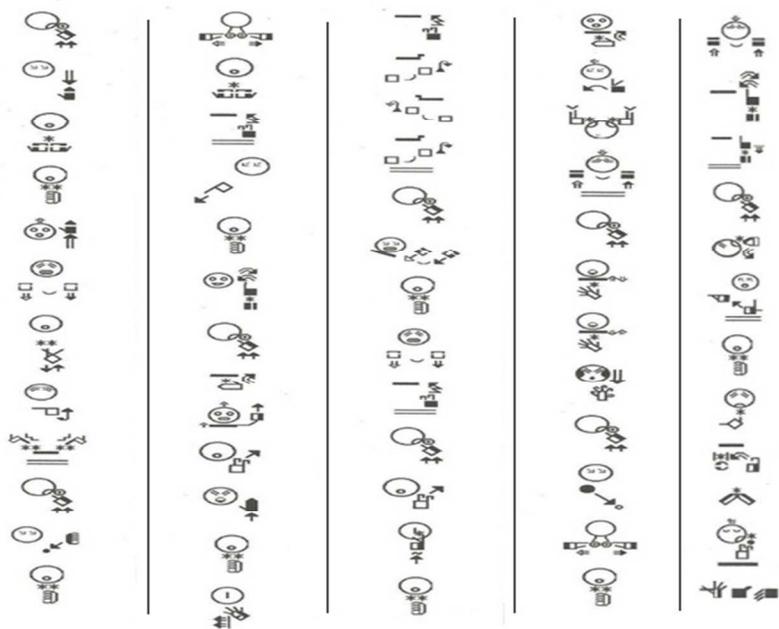


Figura 6 – Historinha “A menina e o cão” em ELS/SW escrita padrão.

Para a presente pesquisa a escrita padrão foi eleita por ter o traços dos símbolos mais legíveis e fáceis de serem analisados e entendidos. Em especial a análise dos símbolos com *corte*⁴⁴ poderia ser prejudicada, uma vez que a divisão/separação das articulações dos dedos poderiam gerar dúvidas quanto ao plano⁴⁵ e a perspectiva⁴⁶ utilizados pelo sujeito.

Pensando nisso, em meados de 1988 o DAC, a fim de publicar um manual de escrita de língua de sinais, desenvolveu o SignWriter®. Trata-se programa de computador para registrar símbolos na escrita padrão. Várias versões foram feitas desde então, e a última encontra-se disponível na página do desenvolvedor: <http://www.signwriter.org/>. Esta versão é desenvolvida em Java e é chamada de SignWriter Tiger. Veja abaixo a tela de edição do programa com alguns sinais da ASL:

⁴⁴ Os símbolos com “corte” são aqueles escritos com separação das articulações de dedos por que são visualizadas do plano chão.

⁴⁵ Na escrita SW existem dois tipos de plano: o plano parede; é quando a mão fica paralela à parede e é vista de frente, neste caso, a configuração de mão é escrita com as articulações dos dedos juntas à mão e o plano chão; é quando a mão fica paralela ao chão e vista de cima, neste caso, as configurações de mão são escritas com espaços entre as articulações de dedos e a palma.

⁴⁶ Na escrita em SW é adotada a escrita do ponto de vista expressivo, ou seja, você lê e escreve os sinais da sua própria perspectiva. A perspectiva pode ser visualizada: i) da palma da mão (neste caso, a palma é sempre escrita em branco/transparente, a neste caso os símbolos), ii) da lateral, isto é quando se vê o lado da mão, (neste caso, o símbolo é escrito com metade preta e metade branca) e iii) do dorso (neste caso, a mão é sempre escrita com o símbolo totalmente preto/riscado).

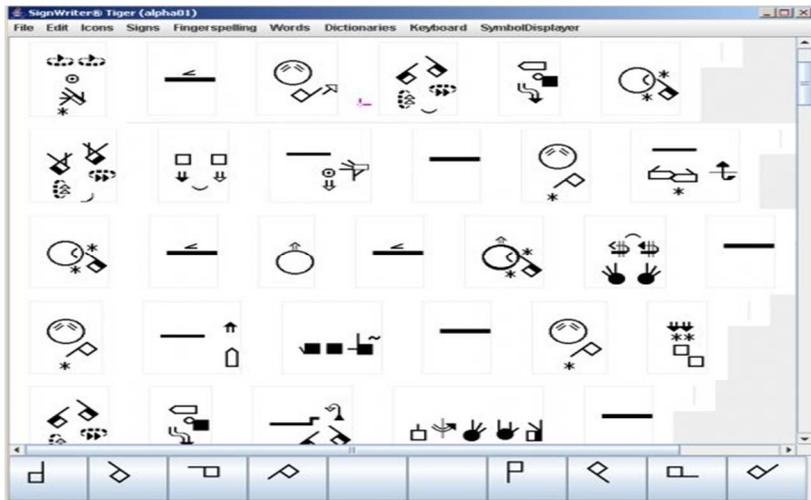


Figura 7 - SignWriter Tiger Java (5.0)

Fonte: <http://www.signwriter.org/>

No Brasil, o sistema de Valerie Sutton começou a ser trabalhado em 1996, na Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, por Antonio Carlos da Rocha Costa, que juntamente com Márcia Borda e Marianne Stumpf desenvolveram um sistema computacional e difundiram a escrita *SW* através do projeto *SignNet*. Este trabalho pode ser conferido na Tese intitulada “Aprendizagem de escrita de Língua de Sinais pelo Sistema *SignWriting*: Línguas de sinais no papel e no computador” de Marianne Stumpf concluída em 2005. O projeto *SignNet* foi financiado pelo CNPq/ProTeM, e desenvolvido por quatro instituições: Escola de Informática da Universidade Católica de Pelotas, Museu de Ciência e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Informática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Unidade Especial Concórdia da Universidade Luterana do Brasil. É um projeto de cunho tecnológico que busca informatizar a escrita de sinais.

O sistema criado pelo projeto *SignNet* foi o *SW-Edit*⁴⁷ (2004). Este foi coordenado pelo PLS – Grupo de Pesquisa em Processamento de Línguas de Sinais dirigido por Antonio Carlos

⁴⁷ Disponível em <http://rocha.c3.furg.br/index.php?Itemid=513&option=download_categoria&task=detalhe&id_site_componente=707&id=31> . Acesso em 12 mar.2011

R. da Costa utilizando técnicas de PLN (Processamento de Linguagem Natural). O SW-Edit tem como principal funcionalidade a edição de textos em línguas de sinais, baseado no sistema de escrita *SignWriting*, além de incluir textos em língua oral, figuras, imagens e criar dicionários de sinais. A Figura 8 mostra a tela de edição e as ferramentas disponíveis no SW-Edit.

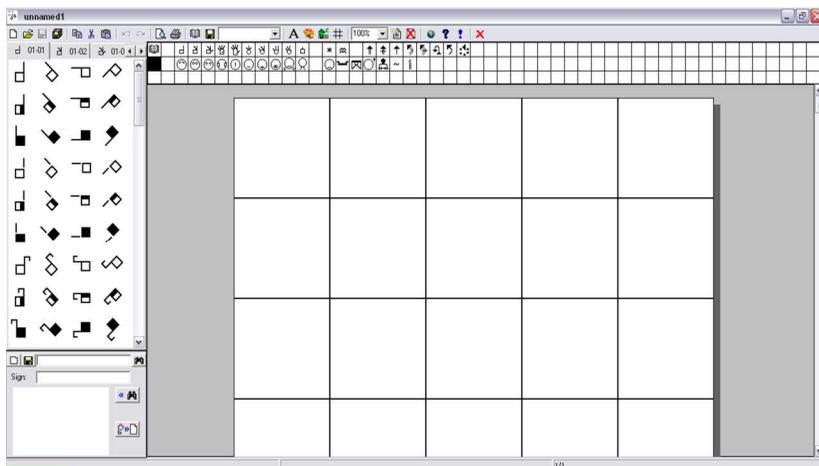


Figura 8 – SW-Edit (Tela de edição).

Fonte: <http://www.signwriter.org/>

Bicicleta	Mulher	Eu	Onde?

Quadro 4 - Exemplos de sinais em *SignWriting* gerados no SW-Edit

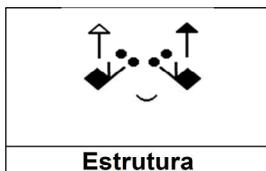
Em 2001, Fernando C. Capovilla e Walkiria D. Raphael tornaram público o sistema SW através da divulgação do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira. O dicionário utiliza a grafia SW e fornece explicações formais sobre o uso do sistema.

Ações como essa fortificam o desenvolvimento da Comunidade Surda Brasileira quanto a grafia de sinais na Libras. Segundo Stumpf (2005), a escrita de sinais favorece o desenvolvimento e amadurece os aspectos cognitivos dos surdos, organizando seu pensamento e facilitando sua aprendizagem. Através da escrita da língua de sinais, por meio do sistema *SignWriting* ou qualquer outro, o surdo pode elaborar conhecimentos mais profundos e consistentes, já que a relação pensamento-linguagem será garantida no processo de escrita da sua língua materna. A escrita materna pode ser entendida como ato linguístico primário, uma escrita que permite o surdo refletir sobre o conteúdo da comunicação intencionada pelo mesmo sobre o mundo. A escrita materna consolida culturalmente e historicamente um registro social da linguagem da Comunidade Surda – a língua de sinais. Sobre isso Capovilla (2001) diz que:

A história nasce com a escrita. Ao fornecer um registro secundário e perene do ato linguístico primário e transitório, a escrita permite a reflexão sobre o conteúdo da comunicação, sobre as coisas do mundo e o que delas sabemos. Enquanto registro perene, promove também a segurança e consolida o contrato social. (CAPOVILLA, *ibid.* p. 1491).

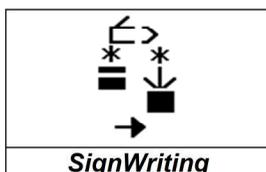
Outro fator que o tornou público e contribuiu para o uso e difusão do sistema *SW* nacionalmente, foi à inclusão dele como disciplina obrigatória nos cursos de Letras-Libras nas duas modalidades do curso, tanto para o Bacharelado quanto para a Licenciatura. Isso fez com que grande parte da Comunidade Surda do Brasil conhecesse e compartilhasse o sistema de Sutton, proporcionando grande repercussão e confirmação deste sistema como escrita formal da Comunidade Surda Brasileira.

2.3 ESTRUTURA DO *SIGN WRITING*



Estrutura

Sinal 29 – Estrutura (Linguística)



SignWriting

Sinal 28 – SignWriting

Com base nas pesquisas de Stumpf (1996; 1997; 2004; 2005), a estrutura do *SignWriting* é composta por:

1) Pontos de Visão - a escrita em *SW* adota o ponto de vista expressivo onde se lê e escreve os sinais conforme sua perspectiva. A perspectiva pode ser visualizada de dois planos: na vertical (plano parede) e na horizontal (plano chão). Os sinais são escritos conforme a orientação da mão que pode ser vista de três formas: 1- visão da palma da mão⁴⁸, 2- visão da lateral da mão⁴⁹ e 3 – visão do dorso⁵⁰ conforme quadro a seguir:



Quadro 5 – Ponto de visão

⁴⁸ Palma da mão sempre escrita em branco/transparente.

⁴⁹ Símbolo da CM escrito com metade preta e metade branca.

⁵⁰ Neste caso, a mão é sempre escrita com o símbolo totalmente preto/riscado.

Visão da palma da mão		Visão do lado da mão		Visão do dorso da mão	
Ponto de visão (Mão na horizontal – plano chão)					
Palma para cima		Palma para o lado		Palma para baixo	

Quadro 5 (cont.) – Ponto de visão

Vale ressaltar que os sinais escritos no plano chão recebem um *corte* que representa a separação dos dedos da palma da mão. Esta separação sinaliza que o sinal foi realizado com a configuração de mão paralela ao chão.

2) Símbolos básicos – as configurações básicas de mão no sistema *SignWriting* são representadas por três símbolos conforme quadro a seguir:

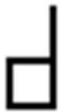
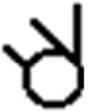
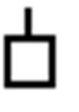
Símbolos básicos					
Palma para cima		Palma para o lado		Palma para baixo	

Quadro 6 – Símbolos básicos do *SignWriting*.

3) Símbolos de configuração de mão – as configurações básicas de mão podem ser: circular, aberta e fechada. Os outros símbolos de CM's são variações destes símbolos. Existem dez grupos para as configurações de mão e estão agrupados de acordo com uma variação do símbolo principal de cada grupo. Sutton agrupou as CM's conforme uma sequência numérica, de 1 á 10 da ASL, como pode ser visto nos quadros a seguir:

Variações dos símbolos básicos					
					
Punho fechado com o dedo indicador		Punho aberto com o dedo indicador		Mão plana com os dedos espalhados.	

Quadro 7 – Variações dos símbolos básicos

Agrupamento das configurações de mão					
Grupo 01		Grupo 02		Grupo 03	
					
Indicador		Dedos indicador e médio		Polegar indicador e médio	
Grupo 04		Grupo 05		Grupo 06	
					
Quatro dedos		Cinco dedos		União de dedos mínimo/polegar	
Grupo 07		Grupo 08		Grupo 09	
					
União de dedos anelar/polegar		União de dedos médio/polegar		União de dedos indicador/polegar	
Grupo 10					
					
Polegar					

Quadro 8 – Agrupamento dos símbolos de CM's conforme Sutton

4) Símbolos de Contato – os sinais da Libras são compostos muitas vezes por contatos entre mão com o corpo, mão com a cabeça, mão com a mão, entre outros. O sistema de Sutton elencou seis tipos de contatos básicos representados pelos símbolos descritos quadro abaixo:

Seis símbolos de contato					
					
Tocar	Escovar	Esfregar	Pegar	Bater	Entre

Quadro 9 – Símbolos de contato do *SignWriting*.

5) Símbolos de Pontuação – a pontuação é uma marca específica da escrita. Com base nisso as sentenças são pontuadas em SW por meio de 15 símbolos diferentes que marcam pausa, começo e o fim das sentenças, bem como as *entonações* em Libras evidenciadas pelas ENM. A pontuação em SW também imprime a forma e o modo como as sentenças são sinalizadas. Veja alguns desses símbolos de pontuação no Quadro 10.

					
Final da sentença	Pausa	Parênteses	Sentença Interrogativa	Sentença rápida	Sentença lenta

Quadro 10 – Símbolos de pontuação do *SignWriting*.

6) Símbolos de movimento – o movimento é um parâmetro essencial nas LS. Na ELS/SW os movimentos podem ser classificados em:

a) movimento de dedos – A maioria dos sinais da Libras possuem movimentos de articulação de dedos na sua formação. Esses podem ser classificados em: falange distal (ponta do dedo), falange média (segunda falange) e falange proximal (última falange antes do metacarpo), conforme quadro a seguir:

Símbolos de movimento dos dedos					
		Dedo flexiona na articulação medial			Dedos flexionam na articulação proximal
		Dedo estende na articulação medial			Dedos flexionam e estendem na articulação proximal conjuntamente
		Dedo estende na articulação proximal			Dedos flexionam e estendem na articulação separadamente

Quadro 11 – Símbolos de movimento de dedos

b) movimentos com identificação do plano – os sinais na Libras são realizados num espaço de sinalização que é representado pelo SW em dois planos: o plano parede, na vertical, situação em que os símbolos são escritos com setas duplas, e o plano chão, quando a mão fica na horizontal, paralela ao chão, com sua escrita feita com setas simples. Com base nisso os símbolos de movimento em *SignWriting* evidenciam a direção e o plano em que a(s) CM's são feitas conforme quadro abaixo:

Movimento com identificação do plano da mão					
Plano de Parede			Plano de Chão		
					
Movimen- to para cima	Dois movimen- tos para cima	Movimen- to para cima e para baixo	Movimen- to para frente	Dois movimen- tos para frente	Movimen- to para frente e para trás

Quadro 12 – Símbolos de movimento com identificação do plano da mão

c) movimentos direcionais com sentido identificado – Na Libras, há sinais que são articulados com as duas mãos. No *SignWriting* o sentido (mão direita/mão esquerda) é identificado pela cor da seta, setas branca para sinais executados com esquerda e setas pretas para sinais produzidos com a mão direita conforme quadro a seguir:

Movimento com sentido identificado			
Sinal escrito “FICAR” ⁵¹ executado com a mão esquerda			Sinal escrito “FICAR” executado com a mão direita

Quadro 13 – Sinal “FICAR” em SW com símbolos de movimento com sentido identificado

d) movimentos de mão e braço – os movimentos na Libras são também representados por símbolos que especificam movimentos: retos (horizontal, vertical e diagonal), curvos (movimentos em forma de arco), com eixo (rotação de antebraço e/ou flexão de pulso) e circulares (em forma de círculos com movimento giratórios e/ou de rotação). Os símbolos de movimento também mostram se o movimento do sinal é realizado com uma ou com as duas mãos simultaneamente, através da seta com da posição da flecha: 1- separada, para movimentos com as duas mãos simultaneamente, e junta, para sinal com movimento somente da mão dominante.

⁵¹ A escrita do sinal acima foi nomeada com o verbo ficar “FICAR”, visto que, o conceito do mesmo corresponde ao conceito dos verbos estar/ficar/estabelecer em LP, como, por exemplo, na seguinte frase: Ela *ficou* em casa.

Exemplo de símbolos de movimento						
						
Movimento reto para frente com as duas CM's na mesma direção	Movimento para frente com rotação de antebraço	Movimento circular duplo para frente e para baixo	Movimento curvo para cima e para o lado esquerdo	Movimento curvo para o frente e para o lado esquerdo	Movimento circular de pulso para cima e para frente	Movimento rotacional com o antebraço direito para cima

Quadro 14- Exemplos de símbolos de movimentos de mão, dedos e braços em *SignWriting*

Fonte: Sutton (2006)

7) Dinâmica dos Movimentos – os sinais na Libras possuem movimentos dinâmicos. Para isso o *SW* dispõe de símbolos específicos que são adicionados aos símbolos de movimento ou ainda às expressões faciais e às CM's. Esses símbolos são pequenos e podem representar intensidade, velocidade ou o tipo do movimento. Os seis símbolos da dinâmica dos movimento são:

Dinâmica dos movimentos			
	Linha de simultaneidade		Linhas de movimento alternado
	Uma mão move enquanto a outra está imóvel		Movimento lento
	Movimento suave		Movimento rápido
	Movimento tenso		Movimento relaxado

Quadro 15- Símbolos da dinâmica dos movimentos em *SignWriting*

Fonte: Sutton (2006)

8) Expressões Faciais – as expressões faciais em SW estão divididas em dez grupos representadas por diversos símbolos escritos dentro do símbolo da cabeça (representado pelo círculo). Alguns símbolos de expressões são apresentados no quadro 16:

Sobrancelhas			
	Sobrancelhas para baixo		Sobrancelhas para cima
Boca			
	Boca reta, fechada		Sorriso fechado
	Triste fechada		Boca aberta
Dentes			
	Dentes		Dentes superiores tocando a língua
Olhos			
	Olhos abertos		Olhos apertados
Olhar			
	Olhar para cima		Olhar para frente
Bochecha			
	Bochechas estufadas		Soprando ar
Nariz			
	Nariz		Nariz se mexe
Língua			
	Língua para cima (boca aberta)		Metade da língua para cima (Boca fechada)

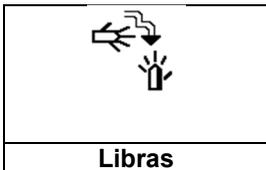
Quadro 16- Exemplos de símbolos de expressões faciais do *SignWriting*
Fonte: Autor Sutton (2006)

9) Símbolos do corpo – os símbolos que representam os movimentos e a posição do corpo podem ser divididos em: movimento e posição dos ombros e tronco, movimento e posição de braços, movimento e posição de cabeça.

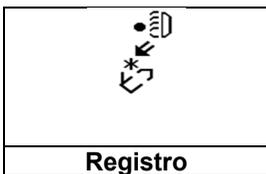
Posição e movimentos de ombros			
	Ombros (vista superior)		Ombros
	Ombro direito para frente		Ombro esquerdo para frente
	Ombros movem-se para as laterais		Ombros movem-se para baixo, para um lado
Posição de braços			
	Braço reto na vertical para baixo		Braços para baixo na vertical cruzados na altura do antebraço
Movimento de Cabeça			
	Cabeça virada para cima		Movimento da cabeça para cima e para baixo
	Cabeça projetada para frente		Cabeça projetada para frente para um lado

Quadro 17- Exemplo de símbolos de posição e movimentos do corpo em *SignWriting*.

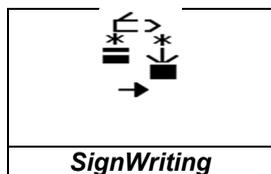
2.3.1 Libras em *SignWriting*



Sinal 18 – Libras



Sinal 30 – Registro



Sinal 28 – *SignWriting*

A seguir será apresentado um panorama simplificado de algumas particularidades da Libras com base nos estudos de Felipe (1997; 2001), Ferreira-Brito (1995), Karnopp (1999) e Quadros (2004), contempladas pela ELS em *Sign Writing*.

Como vimos anteriormente a formação de um sinal inclui vários elementos fonológicos parametrizados como por exemplos: configurações de mão, movimento e ponto de articulação/localização, além da inclusão de parâmetros fonológicos não manuais (Expressões Não Manuais - ENM⁵²) como: movimentos de ombros, pescoço, movimento da boca,

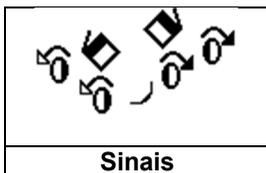
⁵² ENM (expressões não manuais) - São chamados de marcações não-manuais e acompanham determinadas estruturas, tendo um escopo bem definido. No nível morfológico, as marcações não-manuais estão relacionadas a grau e apresentam escopo sobre o sinal que está sendo produzido. Os adjetivos estão associados ao grau de intensidade. Algumas ENM são morfemas quando apresentam significado independente do sinal que esteja acompanhando.

bochecha. Essas marcações podem ser representados através do SW conforme exemplos abaixo:

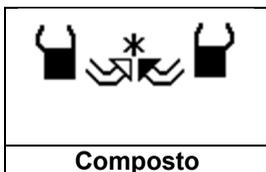
BONITINHO 	BONITO 	MAIS BONITO 	“BONITÃO” 
POBREZINHO 	POBRE 	MAIS POBRE 	“POBRETÃO” 

Quadro 18 – Glosas de exemplos de ENM em adjetivos da Libras.

2.3.1.1 Sinais compostos



Sinal 31 – Sinais



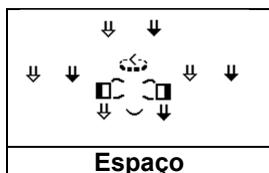
Sinal 32 – Composto

Na morfologia da Libras há sinais compostos. Isso é possível a partir da junção de dois ou mais sinais que quando combinados dão origem a uma outra forma com outro significado. A seguir alguns exemplos:

IGREJA		ESCOLA		FAZENDA	
casa	cruz	casa	aula	gado	ambiente

Quadro 19 – Glosas de exemplos de sinais compostos da Libras

2.3.1.2 Espaço de sinalização

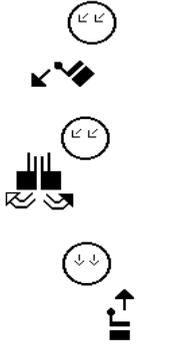
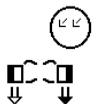
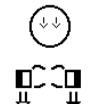
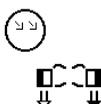


Sinal 33 – Espaço

A Língua Brasileira de Sinais, assim como qualquer língua de sinais, é organizada espacialmente de forma bastante complexa. O uso do espaço é uma característica fundamental nas línguas visuo-espaciais e está presente em todos os níveis de análise. No que se refere ao nível fonológico, um mesmo sinal pode ser realizado em diferentes locais, dentre eles o espaço neutro, que corresponde a área localizada à frente do sinalizante.

Nas línguas de sinais os sinalizantes estabelecem referentes (nomes, pronomes, dêixis⁵³) associados à localização no espaço de sinalização (espaço definido à frente do corpo do sinalizante). Esse local pode ser referido através de mecanismos espaciais, como fazer um sinal, usar um pronome num local específico, usar um classificador (que represente aquele referente) ou através de um verbo direcional conforme demonstra o quadro a seguir:

⁵³ Dêixis/Dêiticos são elementos linguísticos que indicam o lugar ou o tempo em que um enunciado é produzido. Indicam também os participantes de uma situação do enunciado (eu/tu). São dêiticos: os pronomes pessoais que indicam os participantes; os advérbios de lugar, que são marcadores de tempo (agora, hoje, amanhã, etc.); os demonstrativos (aqui, lá, este, esse, aquele, etc). Os dêiticos só podem ser entendidos se houver uma explicitação, mesmo dentro da situação de comunicação.

Estabelecimento de referentes (pronominação)					
	lá (à direita) é a UFSC		lá (no centro) é o Banco, e lá (à esquerda) é o Hospital Universitário – HU		
Legenda					
	À direita		No centro		À esquerda

Quadro 20 – Glosas de exemplos com uso de referentes espaciais na Libras

No quadro 20 percebemos que a referência em Libras funciona de forma semelhante na LP. Nota-se que a palavra *lá* apresenta além do uso referencial um outro atributo. Neste caso a apontação perde sua iconicidade e passa a ser um referente. Observa-se que nas três colunas um ponto no espaço de sinalização será associado a elementos diversos, neste caso a UFSC, o Banco e o Hospital Universitário – HU. Assim é possível associar o sinal *lugar* a um ponto específico à direita, no centro à frente e à esquerda. Então, as formas pronominais são direcionadas para esses pontos arbitrários no espaço.

Outra característica das LS é o uso da deixês; em Libras, os elementos dêiticos são usados com frequência para referirem e correferirem (anáfora e catáfora⁵⁴). A co-referência pode

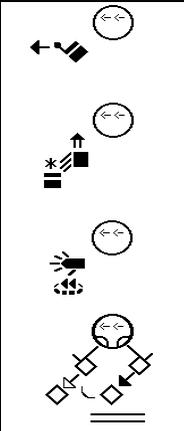
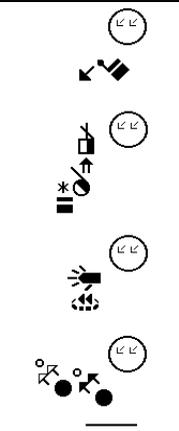
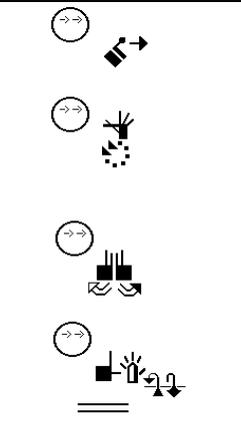
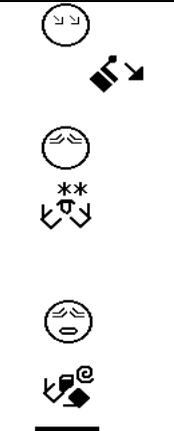
⁵⁴ Anáfora é a referência a um termo já citado cujo referente é igual ao seu. Catáfora é uma referência específica a um termo introduzido num contexto linguístico após sua menção e cujo referente é o mesmo.

aparecer através do uso de pronome pessoais, demonstrativos e possessivos, mudança de posição de corpo, uso de classificadores e também do olhar conforme exemplo a seguir:

Uso de dêixis	
<p>The signs for 'My house is 'ali'', (to the right) consist of: a circle with a horizontal line above it; a hand pointing right with an asterisk above it; a circle with a horizontal line above it; a hand pointing right with two asterisks above it; a circle with the letters 'R' inside; and a hand pointing right with two arrows above it.</p>	<p>The signs for 'Lá' é a UFSC. (à esquerda) consist of: a circle with the letters 'L' and 'L' inside; a hand pointing left with a diamond above it; a circle with the letters 'L' and 'L' inside; a hand pointing left with a diamond above it; a circle with the letters 'L' and 'L' inside; a hand pointing left with a diamond above it; and a hand pointing left with a diamond above it.</p>
Minha casa é "ali", (à direita)	"Lá" é a UFSC. (à esquerda)

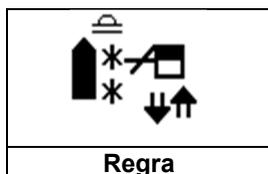
Quadro 21 – Glosas de exemplos de sinais com uso de dêixis em Libras

Nas LS, a dêixis de pessoa é realizada substancialmente por meio de dois tipos de sinais de apontamento: os pronomes pessoais e os verbos direcionais. Eles são realizados em locais específicos à frente e ao redor do sinalizador. Abaixo alguns exemplos de dêixis de pessoa:

Uso de dêixis de pessoa			
			
<i>Ele (à esquerda) é mestre na área de Linguística</i>	<i>Ele (à esquerda) é doutor na área de Educação</i>	<i>Ele (à direita) cursa a faculdade na UFSC no curso de Letras-Libras</i>	<i>Ele (à direita) não estuda nada</i>

Quadro 22 – Glosas de exemplos de sinais com uso de dêixis de pessoa em Libras.

2.3.1.3 A padronização do *SignWriting*



Sinal 34 – Regra



Sinal 35 – Padrão

Em busca de padronizar a escrita dos usuários do SW, a DAC em 20 de outubro de 2008, oficializou o Alfabeto Internacional do *SignWriting* – ISWA. Desde a criação dos primeiros documentos em SW, na Universidade de Copenhagem – Dinamarca, por volta de 1974, este é o primeiro trabalho realizado com esse propósito. Isso foi de grande importância para os usuários do sistema e abriu grandes possibilidades de padronização da escrita, visto que após o estabelecimento do ISWA vários *Softwares* com dicionários em SW (*SignPuddle*) passaram a adotar este padrão. A Figura 9 mostra uma página típica do *SignPuddle* voltada aos sinais do Brasil.

Nesse sentido, esta pesquisa visou colaborar com a evolução da escrita em SW. Iniciativas como essa fortalecem a língua de sinais e conseqüentemente seu registro escrito, colaborando também com seu desenvolvimento e se consolidando como sistema válido e suficiente para socializar e constituir a Cultura do Povo Surdo.

Por essa razão é necessária a oficialização deste sistema para que seja possível a formalização da ELS nas escolas de/para surdos.



Figura 9 – *SignPuddle* (Tela de visualização da internet)

Fonte: <http://www.signwriter.org/>

A formalização de uma ortografia oficial para a ELS deve seguir orientações de convenções ortográficas⁵⁵ que possam ser realizadas pelos próprios usuários com *expertise*⁵⁶ suficiente para criar regras de grafia para que seu uso seja facilitado e difundindo de forma semelhante aos aprendizes iniciais, evitando assim interpretações confusas e errôneas. Colaborando com isso Capovilla (2001a, p. 55) assegura que “quando as convenções ortográficas de uma língua já estão consolidadas, o trabalho de leitura e escrita é imensamente facilitado e as ambigüidades são reduzidas”.

É importante fazer uma observação quanto a expressão usada no parágrafo anterior – *convenções ortográficas*. Entende-se que as regras existentes, Stumpf (2008), e as propostas que serão apresentadas em seguida não têm a finalidade de corrigir erros de escrita, mas de nortear as produções dos usuários da ELS escritas em SW. O objetivo aqui não é obrigá-los a decorar regras, mas orientá-los a escrever dentro da variedade padrão, por isso é essencial conhecer as regularidades e irregularidades da língua escrita e saber como aplicá-las, uma vez que o sistema está em fase de formalização.

Trata-se do estabelecimento de convenções. Atualmente podemos considerar a formação em pilha⁵⁷ como uma regra gráfica estabelecida naturalmente pelo seus usuários. Esse tipo de formatação se consolidou como padrão para os sinais escritos em SW no Brasil. Um fator preponderante que fomentou a adesão dessa nova regra foram as atividades realizadas nas disciplinas de ELS do curso de Letras/Libras, onde os

⁵⁵ As formas regulares *corretas* das línguas são convencionadas, assim cada língua tem suas convenções ortográficas e tipográficas porém, muitos surdos se esforçam tanto para aprender as convenções da Língua Portuguesa que acabamos aplicando as mesmas convenções a Libras.

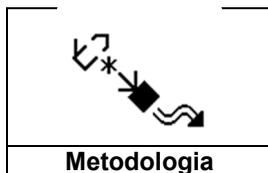
⁵⁶ Expertise refere-se ao conhecimento que se adquire pelo estudo, experiência e prática; é a capacidade de aplicar o que foi aprendido de forma adequada às solicitações requeridas pela função exercida. É a busca incessante por novas aprendizagens, o autodesenvolvimento e a socialização do conhecimento no meio em que se vive. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 05/06/2011.

⁵⁷ A escrita em pilha orienta seus usuários a escreverem os sinais entre colunas, onde os símbolos são inseridos verticalmente de cima para baixo, facilitando a leitura e objetivando os símbolos através de uma escrita econômica.

professores orientavam os alunos a produzirem seus textos nesse formato. A formação em pilha apresenta várias vantagens aos que escrevem em ELS/SW, como por exemplo, na leitura e escrita de sinais compostos (item 1.3.1.1), diferentemente da escrita linear onde os símbolos se misturam e causam entendimento individualizado do sinal, prejudicando o significado das sentenças, o que não acontece quando os mesmos são escritos em pilhas, que por sua vez são mais econômicas⁵⁸.

⁵⁸ O termo *econômica* está em processo de conceitualização, por isso, até o momento não foi identificado um termo/conceito científico correspondente na linguística para nomear o sinal “ECONOMIA” em Libras neste contexto específico.

3 METODOLOGIA



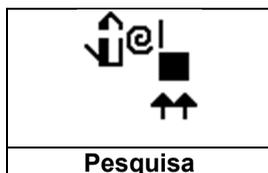
Metodologia

Sinal 9 - Metodologia

Este capítulo apresenta o percurso metodológico seguido na presente pesquisa. Neste sentido, o desenvolvimento do trabalho apresenta as seguintes etapas:

- Caracterização da natureza da pesquisa;
- Descrição do processo de escolha dos sujeitos;
- Perfil dos sujeitos;
- Instrumentos usados na coleta dos dados;
- Particularidade da pesquisa,
- Procedimentos usados na análise.

3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA



Pesquisa

Sinal 36 – Pesquisa



Qualitativa

Sinal 37 – Qualitativa⁵⁹

⁵⁹ A tradução do termo *qualitativa* levou em consideração as tarefas executadas por este tipo de pesquisa como descrições, comparações e interpretações. Por esta razão, a legenda (sinal) escolhida que se adequa melhor com a presente pesquisa foi o sinal de "COMPARAÇÃO".

Esta pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa instrumentalizada pela coleta de dados através de entrevistas com perguntas semi-estruturadas e focalizadas⁶⁰ e de produções escritas. O trabalho se assinala como um estudo multicaso. O multicaso⁶¹ e o estudo de caso único são métodos que estão incluídos no âmbito do método do estudo de caso.

A pesquisa teve como participantes quatro sujeitos. Cada sujeito é considerado um caso, o que caracteriza a pesquisa como estudo de caso. De acordo com Santaella (2001) “[...] o estudo de caso se volta para indivíduos, grupos ou situações particulares para se realizar uma indagação em profundidade que possa ser tomada como exemplar.” Esta pesquisa procurou entender a problemática da escrita de sinais utilizando o sistema SW a partir das entrevistas com os atores sociais selecionados e de suas produções nessa escrita, uma vez que o entendimento desse tipo de realidade torna-se necessário. Macedo (2006) relata que é importante:

[...] para o pesquisador tentar colocar-se na posição de ator, isto é, fazer um esforço para perceber o mundo do outro a partir do ponto de vista deste; do contrário, jamais terá acesso ao que estamos denominando de âmbitos de qualidade. (MACEDO, *ibid*, p.38).

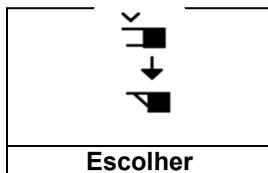
Foi adotado o estudo de caso tendo em vista a possibilidade de investigar o fenômeno em seu contexto, como propõe YIN (2001). Assim essa estratégia permitiu a análise de determinadas características da escrita dos sujeitos, como quais ocorrências são regulares e quais são irregulares.

Em relação à análise da grafia dos sinais a pesquisa comparará e descreverá algumas particularidades dos Surdos. A pesquisa descritiva “observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los” (RAMPAZZO, 2002, p. 53). Ela “procura, pois, descobrir com a precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características” (RAMPAZZO, *op cit*, p. 53).

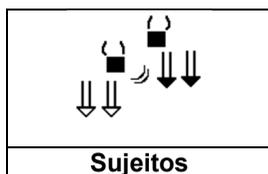
⁶⁰ Classificação para entrevistas utilizada por Minayo *et al* (2010), que será descrita nessa pesquisa no item 2.4 Instrumentos de coleta de dados.

⁶¹ O termo multicaso neste estudo refere aos estudos comparativos (veja George, 1979; Lijphart, 1975) tendo em vista que o mesmo estudo pode conter mais de um caso único.

3.2 A ESCOLHA DOS SUJEITOS



Sinal 38 – Escolher



Sinal 39 – Sujeitos

De acordo com Yin (2001), o investigador deve determinar a unidade de análise (indivíduo, grupo, organização, dentre outras), suas características e quantidade, caracterizando o tipo de estudo de caso.

Conforme Minayo (2010) a boa seleção dos sujeitos ou casos a serem incluídos no estudo é aquela que possibilita abranger todo o problema investigado em suas múltiplas dimensões.

Os critérios para a escolha dos participantes foram os seguintes:

- Surdos fluentes em língua de sinais;
- Conhecedores do sistema de escrita *SW*;
- Conhecedores do programa de edição *SW-Edit*;
- Preferencialmente alunos surdos do curso de

Letras/Libras.

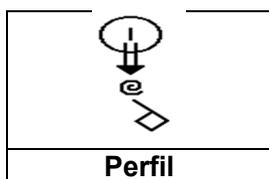
Os participantes também foram selecionados pelo critério de aceitação. A justificativa do uso e a relevância dos critérios usados podem ser descritas da seguinte forma:

- fluência em língua de sinais se justifica por conferir ao surdo o uso mais eficiente da língua de sinais que facilita na compreensão da sua grafia, devido a sua cultura e experiência visual.

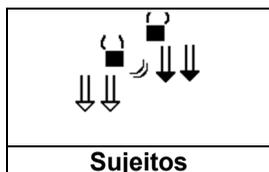
- conhecimento do sistema SW e do programa de edição *SW-Edit* foi essencial visto que a análise da escrita dos sinais propostos optou pela escrita formal através do programa *SW-Edit*, ao invés da escrita simplificada⁶².

- alunos do curso de Letras/Libras estão inseridos nas discussões acadêmicas relativas à escrita de sinais propiciadas pelas disciplinas de Escrita da Língua de Sinais I, II, III e IV presentes no currículo do curso que utiliza o *SignWriting*. Além do mais alunos deste curso praticam essa escrita de sinais durante sua formação em diversos momentos.

3.3 PERFIL DOS SUJEITOS



Sinal 40 – Perfil



Sinal 39 – Sujeitos

Nesta pesquisa não foi usado o termo amostra para designar os sujeitos, mas as produções escritas. A inclusão social desses indivíduos tem uma vinculação significativa para este estudo. Os sujeitos da pesquisa são formados por três homens e uma mulher.

Os participantes são fluentes em Língua Brasileira de Sinais, com idades entre 22 e 51 anos e são filhos de pais ouvintes. Todos são universitários e já tiveram a oportunidade de ensinar a escrita de sinais por mais de seis meses em alguma

⁶² Segundo Stumpf (2005), a *escrita simplificada* ou escrita à mão é uma forma simplificada da escrita padrão que exclui alguns símbolos de contatos, de maneira a facilitar a redação manual.

instituição de ensino ou em trabalho de monitoria da disciplina de *SingWriting* do curso de Letras/Libras.

Todos tiveram contato com a Libras tardiamente, no final ou depois do período crítico⁶³ indicado por Lennenberg (1967). Quanto ao português escrito, afirmaram usá-lo no seu cotidiano e, quanto a leitura e escrita se auto-avaliaram entre razoável e ruim.

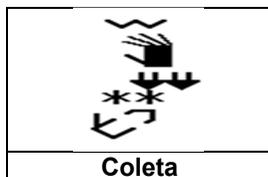
Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa seus nomes foram omitidos tendo sido criado um nome fictício e um referencial alfa numérico, S1 à S4, para cada um conforme quadro abaixo:

Nome fictício	Enumeração dos sujeitos
Christian	S1
Vitória	S2
Louro	S3
Marvel	S4

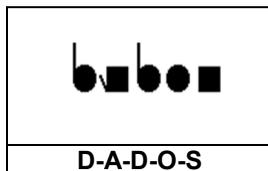
Quadro 23 – Sujeitos da pesquisa

As informações acima provêm de dados obtidos numa sondagem realizada antes das entrevistas.

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS



Sinal 41 – Coleta



Sinais 42 – Dados (datilologia D-A-D-O-S)

⁶³ Conforme Lennenberg (1967), o período crítico de aquisição de uma língua acontece por volta dos dois anos até a puberdade.

Foram utilizadas duas fontes principais de dados divididas em duas unidades de análise: as entrevistas semi-estruturadas e a análise da escrita. A coleta foi organizada desta maneira para que as comparações entre amostras pudessem gerar particularidades teóricas, próprias do estudo de caso. Neste sentido, a pesquisa utilizou-se da comparação entre 80 sinais/sentenças⁶⁴ escritos em SW num experimento único. Este experimento foi realizado através de acompanhamento da escrita à distância, através de e-mails, e entrevistas orientadas por meio de perguntas norteadoras aplicadas no início da pesquisa. Esses instrumentos serão detalhados a seguir:

3.4.1 Entrevista

De acordo com Deslandes *et al.*, (2010), as entrevistas podem ser consideradas *conversas com finalidade* e se caracterizam pela sua forma de organização. Podem ser classificadas em:

- a) *Sondagem de opinião*, quando elaboradas mediante um questionário estruturado no qual a escolha do informante está condicionada a dar respostas a perguntas formuladas pelo investigador;
- b) *Semi-estruturadas*, que combina perguntas fechadas e abertas em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender a indagação formulada;
- c) *Aberta ou em profundidade*, em que o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas dos investigadores, quando feitas, buscam conferir mais profundidade às reflexões;
- d) *Focalizada*, quando se destina a esclarecer apenas determinado problema;
- e) *Projetiva*, que usa dispositivos visuais, como filmes vídeos, pinturas, gravuras, fotos, poesias, contos, redações de outras pessoas.

⁶⁴ A legenda dos sinais realizados em vídeo (DVD) entregue aos sujeitos levou em consideração a sinalização e não a palavra que gerou o sinal. Alguns sinais têm por natureza o aspecto icônico impresso na sua formação, como é o caso do sinal 9 – “chápeu ou pôr o chapéu”, então para esses casos não foi considerado a classe gramatical do sinal mas sim toda a sinalização/sentença. Exemplos disso podemos observar nos sinais 3,13, 14 e 19 no quadro 24.

Entre as modalidades classificadas pelos autores as entrevistas se enquadram entre os tipos (b) e (d), uma vez que foram realizadas levando em conta a liberdade de expressão dos sujeitos em relação às perguntas norteadoras que, por sua vez, estavam destinadas a evidenciar dados relativos à escrita de sinais.

Entende-se que a Libras é a L1⁶⁵ dos sujeitos desta pesquisa e que é com ela que eles se sentem mais à vontade para se expressarem. Nesse sentido as entrevistas foram feitas em Libras e gravadas em vídeo. As perguntas norteadoras (Apêndice C) das entrevistas foram:

- 1- Escolha um nome fictício para você.
- 2- Onde aprendeu a escrita de língua de sinais?
- 3- Há quanto tempo que você conhece a escrita de língua de sinais?
- 4- Você usa a escrita de língua de sinais?
- 5- Você mantém contato com pessoas através da escrita de de sinais?
- 6- Qual o seu nível de interesse na escrita de língua de sinais?
- 7- Já ensinou a escrita de língua de sinais? Onde?
- 8- Pesquisa sobre escrita de língua de sinais na internet ou em outros meios?
- 9- Qual sua opinião sobre o sistema de escrita de língua de sinais? Por quê?
- 10- Do que sente falta na ELS?
- 11- Consegue ler mais rápido em escrita de língua de sinais?
- 12- Você faz registros (diário, agenda etc.) em ELS ou em Português?

O propósito inicial das entrevistas foi o de definir o envolvimento dos sujeitos com a escrita de sinais.

Apesar de todos os esforços e cuidados sempre haverá dificuldades para manter a imparcialidade durante as entrevistas, uma vez que elas são oportunidades formais de interação social e de envolvimento. Em relação a isso Minayo (2010), diz que:

No caso da pesquisa qualitativa, ao contrário do que muitos podem pensar, é fundamental

⁶⁵ Este termo é semelhante à primeira língua ou ainda língua natural.

o envolvimento do entrevistado com o entrevistador. Em lugar dessa atitude se constituir numa falha ou num risco comprometedor da objetividade, ela é condição de aprofundamento da investigação e da própria objetividade. Em geral, os melhores trabalhadores de campo são os mais simpáticos e que melhor se relacionam com os entrevistados. A inter-relação que contempla o efetivo, o existencial, o contexto do dia a dia, as experiências e a linguagem do senso comum no ato da entrevista é condição sine qua non do êxito da pesquisa qualitativa. (MINAYO *ibid*, p.67-68)

As entrevistas foram aplicadas a medida que os participantes aceitavam o convite de participação. As entrevistas dos três sujeitos homens (S1, S3 e S4) foram gravadas em minha residência e a da outra participante (S2) foi gravada a distância por *webcam* e um programa de rede social. Suas respostas serviram de base para traçar o perfil dos sujeitos. Além disso, as opiniões sobre a utilidade da escrita de língua de sinais que os sujeitos elencaram foram muito úteis para a organização da lista dos sinais a serem incluídos na atividade escrita.

3.4.2 Atividade escrita

(a) Atividade dos 20 sinais/palavras.

Após a gravação das entrevistas, num segundo momento foi solicitado a escrita em língua de sinais de uma sequência de 20 sinais/sentenças da Libras. Foi entregue uma lista das 20 palavras escritas em português juntamente com um DVD contendo os 20 sinais destas palavras produzidos pelo autor. Essa estratégia foi tomada com o propósito de assegurar o entendimento completo do conteúdo solicitado e para que os surdos tivessem alternativa de entendimento caso as palavras em português não fizessem parte de seu vocabulário. O Quadro 24 apresenta a lista das palavras utilizadas.

Lista de palavras/sentenças			
1- Bater	6- Contexto	11- Hora	16- Verdade
2- Conversar	7- Esforço	12- Injeção	17- Namorar
3- Bater papo	8- Possível	13- Galopar e saltar	18- Especial
4- Não sei	9- Pôr o chapéu	14- Brincar de pipa	19- Beijos no rosto
5- Alegre	10- Impossível	15- Distribuir	20- Bombeiro

Quadro 24 – Lista das 20 palavras/sentenças.

Nas produções escritas foram utilizadas como parâmetro de análise regras de grafia observadas anteriormente por Stumpf (2008). A análise geral foi subdividida considerando os seguintes critérios:

Ponto de vista expressivo – verificação do emprego da perspectiva pessoal nas suas escritas (Quadro 5);

Posição de contato – análise da composição dos elementos em pilha, bem como a posição dos símbolos de contato em relação aos outros componentes da pilha (Quadro 9);

Movimento – comprovação de conformidade às orientações mencionadas no livro “Lições sobre o *SignWriting*” em suas produções (Quadros 12 à 15);

Configuração de mão – análise da escrita dos símbolos de configurações de mão correspondentes às CM's corretas (Quadro 8).

Além dos parâmetros de Stumpf, foi ainda observado:

Escrita em pilha – verificação da composição e análise da posição dos símbolos utilizados (Quadro 26);

Ordem dos símbolos – verificação da ordem regular entre os escritos.

Por esta razão o autor desenvolveu um quadro modelo em ELS (Apêndice D) para análise comparativa das produções individuais dos sujeitos com o propósito de identificar quais ocorrências indicam regularidades e irregularidades na ELS/SW.

O quadro modelo foi elaborado da seguinte maneira: a princípio as análises teriam como base os sinais da Libras que estivessem efetivamente disponíveis e registrados no banco de dados do *SignPuddle™ Online*, conferidos no site

<http://www.signbank.org/SignPuddle1.5/translate.php?ui=12&sgn=46> porém o mesmo estava desatualizado e não possuía filtro de localização de sinônimos das palavras procuradas. Para exemplificar, das 20 palavras procuradas no dicionário *on line* somente sete sinais foram localizados no *SingPuddle* conforme quadro abaixo:

1- Bater	4- Não saber	11- Hora	12- Injeção/ Vacina	17- Namorar	19- Beijar	20- Bombeiro

Quadro 25 – Lista dos sinais no SignPuddle™ Online

Além do mais nota-se grande diferença entre os disponíveis no dicionário e os produzidos por especialistas brasileiros. Por este motivo os sinais localizados não foram utilizados. Outro motivo do não uso dos sinais localizados no site foi à identificação de movimentos não presentes no material fornecido em vídeo. Assim foi elaborada uma comparação simples com os sinais produzidos pelos especialistas, com algumas observações:

Comparação SignPuddle X Quadro modelo						
1- Bater	4- Não saber	11- Hora	12- Injeção/ Vacina	17- Namorar	19- Beijar	20- Bombeiro

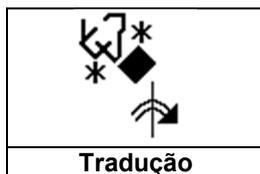
Quadro 26 - Comparação SignPuddle™ Online X Quadro modelo

Os setes sinais possuem vários erros, desde símbolos de CM desnecessários, como no caso do sinal de INJEÇÃO, a movimentos contrários como nos casos do sinal de NAMORAR onde foi usado movimento de extensão dos dedos em vés de flexão dos dedos e BEIJAR onde a sequência sinalizada no DVD incide a CM no rosto do sinalizante e não à frente. Existe outro erro na representação de movimento do sinal BATER, nesse caso a rotação do antebraço pra frente, que não existe na sequência do vídeo nem no próprio movimento do sinal.

Diante dessa situação, a elaboração do quadro modelo contou com a participação de três surdos com experiência em ELS/SW e supervisionados pelo autor.

Com o propósito de justificar a competência deste autor para a criação do quadro modelo citado e seu julgamento quanto as discrepâncias observadas no SignPuddle Online é necessário mencionar que o autor possui significativa experiência em revisão, ensino e pesquisa da ELS/SW desde 2007, inclusive em trabalho de monitoria na disciplina de Escrita de Sinais conforme descrito na introdução deste trabalho, além de trabalhos de revisão de publicações em *SignWriting*, como a revisão da legenda em SW do dicionário trilingue “Novo Deit-Libras 2009” de Capovilla e Raphael.

3.5 PARTICULARIDADES DA PESQUISA



Sinal 43 – Tradução



Sinais 44 – Interpretação

Para que a redação deste trabalho fosse redigida em língua portuguesa foi necessário o aporte profissional de um Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais – TILS. Como mencionado no corpo desta pesquisa, a maioria dos surdos não escreve fluentemente em Língua Portuguesa, e o autor faz parte dessa maioria.

Antes de explicar o processo de tradução e interpretação na pesquisa faz-se necessário alguns esclarecimentos de sobre a postura metodológica adotada pelo tradutor-intérprete nesta pesquisa.

A abordagem adotada nesta dissertação vai ao encontro das contribuições de Novak (2005) quando menciona que a atuação do tradutor perpassa “pelos sentidos, língua, estrutura, contexto e a ideologia do autor”. Portanto, a tradução-interpretação desta obra não se configurou somente em sua versão de uma língua para outra, mas na garantia de que a ideologia do autor fosse evidenciada no discurso materializado pelos enunciados em português. Por essa razão, os esforços de traduzir e interpretar foram voltados para a produção de uma redação em língua portuguesa que assegurassem o sentido original do autor.

Assim foi difícil localizar um TILS com tempo e disponibilidade para essa empreitada já que trabalhos acadêmicos necessitam de profissionais com experiência e conhecimento necessários nas línguas envolvidas, além de competência linguística e referencial⁶⁶ que assumam uma norma surda de tradução⁶⁷.

Por essa razão, o autor destaca aqui a participação de Jonathan Sousa⁶⁸ como o tradutor-intérprete que participou da

66 Para Aubert (1994) a tradução envolve dois tipos de competências: a linguística e a referencial. A competência linguística está diretamente ligada ao domínio dos códigos linguísticos na atividade tradutória; quanto à competência referencial, esta consiste na ação de desenvolver capacidades e conhecimentos específicos relacionados aos *referentes* (*assuntos, afinidades, etc.*).

67 Na norma surda de tradução (ou *Deaf translating norm*, no original), Stone (2009), afirma que tradutores para línguas de sinais possuem identidade Surda firmemente constituída e por isso carregam em si uma normatividade Surda, ou seja, uma prática influenciada por fortes marcações culturais Surdas.

68 Jonathan Sousa é Bacharelando em Letras/Libras pela UFSC no pólo da UFC. Tradutor Intérprete de Libras (TILS) há mais de dez anos. Membro do Conselho de Classificação Linguística (CACL) e Docente do Curso de Formação de TILS da Associação dos Profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras do Ceará (APILCE). Possui certificação do MEC em Proficiência em Tradução e Interpretação

tradução e interpretação deste trabalho. Todos os escritos foram acompanhados pelo autor durante todo o processo de elaboração. A redação do texto aqui apresentado é resultado das sinalizações do autor contidas em oito horas de vídeo.

Várias estratégias de tradução e interpretação⁶⁹ foram testadas. Primeiramente, através de glosas em LP foram transcritos todos os vídeos. No entanto essa estratégia se mostrou inadequada visto que após a organização das glosas, verificou-se que elas não correspondiam às formas metodológicas e acadêmicas da cultura ouvinte, seja na organização das ideias quanto na ordem das sentenças. Diante disso, foi decidido que autor e intérprete deveriam assistir os vídeos juntos para que pudessem chegar a um denominador comum sobre os temas sinalizados para depois montar o texto em LP.

Desse modo a metodologia de tradução e interpretação da presente pesquisa pode ser apresentada na seguinte forma: - tradução e interpretação dos arcabouços teóricos, metodológicos e analíticos; - pesquisa conceitual e bibliográfica dos assuntos divididos em temas como *bilinguismo*, *alfabetização de surdos*, *língua de sinais*, *ELS*, etc. Num segundo momento foi feita uma releitura para conferência dos conceitos e sentidos impressos nos pressupostos teóricos como também nas escolhas metodológicas e analíticas.

Vale ressaltar que durante a interpretação das entrevistas foi levado em consideração um caráter diferencial – o *discurso*. Cada sujeito tem sua personalidade e sua fala/sinalização que se evidencia em seu discurso. Essas traduções em especial foram interpretadas simultaneamente a fim de garantir um discurso unísono. Sobre isso Russo (2010), menciona que os TILS no momento de sua atuação profissional interpretam suas próprias

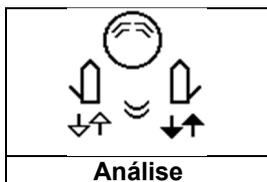
(PROLIBRAS). Atualmente exerce a função de TILS no Mestrado em Administração da UNIFOR e também nos cursos de ciências contábeis, ciências da computação e fisioterapia.

⁶⁹ As interpretações/traduições não dicotomizam seus significados às ações realizadas aqui. Magalhães (2007), diz que a diferença de terminologia entre tradução e interpretação é marcada mais como um recurso didático, enfatizando que uma não existe uma sem a outra. Na verdade, traduzir e interpretar são verbos e ações que se interpenetram.

experiências ao produzirem o discurso na língua meta durante a ação de interpretar.

Estes fatores certamente influenciaram a produção desse trabalho, por isso lanço aqui a oportunidade de reflexão sobre os conceitos de neutralidade e imparcialidade – próprias da tradução e interpretação que neste caso não se adequam a este trabalho uma vez que o mesmo carrega em seu corpo característica de co-autoria.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS



Análise

Sinal 45 – Análise



Escrita de Sinais

Sinal 11 – Escrita de Sinais



Discussão

Sinal 46 – Discussão

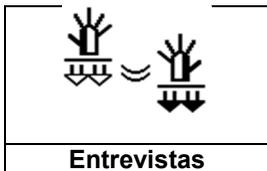


Resultado

Sinal 47 – Resultado

Este capítulo trata da análise das entrevistas e da discussão dos resultados encontrados nas produções escrita em SW dos sinais solicitados. Ele está dividido em três seções: a primeira apresenta a análise dos dados das entrevistas; a segunda a análise das produções em ELS e por último as conclusões da análise dos sinais escritos relacionando-os com as respostas obtidas.

4.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS



Sinal 48 – Entrevistas (sinalizadas)

No primeiro contato, os sujeitos responderam perguntas para a confirmação dos critérios de seleção (item 2.2). Além disso foi feita uma sondagem para identificação do nível de escrita e do tempo de conhecimento através de questionamentos sobre: *idade atual, idade em que aprendeu a Libras, existência de pais surdos, oralização, conhecimento das regras do SW, conhecimento da escrita em pilha*, entre outras. Esses questionamentos foram feitos antes do início de fato das entrevistas. Estas perguntas foram realizadas a fim de criar um perfil inicial dos entrevistados e adaptar as perguntas se necessário. Esse perfil foi montado a partir das respostas das cinco primeiras perguntas juntamente com as respostas da sondagem. As perguntas das entrevistas podem ser verificadas no item 2.4.1.

As entrevistas tiveram, a princípio, duas finalidades: 1- a coleta de dados para resposta do terceiro objetivo específico desta pesquisa, que trata da *análise das características individuais que influenciam numa produção mais padronizada em relação às regras de grafia da ELS existentes* (Stumpf 2004) e verificar a comprovação ou não da terceira hipótese formulada ao problema da pesquisa que questiona se *o nível de alfabetização/oralização não influenciará na produção da escrita dos sinais*; 2- o esboço de um paralelo entre as entrevistas e o mini-questionário oral realizado conforme descrito no parágrafo anterior.

O quadro Pergunta 1 foi omitido com a finalidade de preservar as identidades dos entrevistados. As entrevistas foram realizadas em Libras e gravadas em vídeo para posterior análise e transcrição conforme os quadros a seguir.

Pergunta 2: Onde aprendeu a escrita de língua de sinais?
Resposta S1: Meu primeiro contato com a ELS aconteceu no curso de Letras-Libras da turma de 2006. Eu aprendi nas aulas da Profa. Marianne Rossi com o manual de lições organizado por ela. Foi legal aprender naquele método com exercícios. A disciplina de ELS foi disponibilizada para nós já no primeiro semestre e foi importante entender que a Libras pode ser escrita e que os surdos podem escrever o significado das coisas.
Resposta S2: Aprendi a escrita de sinais SW no curso de Letras/Libras 2006 na Universidade Federal do Amazonas – UFAM
Resposta S3: Deixa-me lembrar [...] Conheci a ELS antes de começar o curso de Letras- Libras (2006) Conheci a ELS através de alguns trabalhos de Literatura Surda de autoria de Fabiano Rosa. Na época aprendi alguns símbolos, mas não tinha consciência que se tratava de uma escrita, mas só aprendi mesmo no curso de Letras/Libras na UFC. Conheço o SW há oito anos.
Resposta S4: Aprendi com um amigo meu que era aluno do curso de Letras/Libras da turma de 2006 da UFC. Ele era pesquisador de ELS. Ele ensinou a mim e a outros amigos os símbolos básicos. Em 2008 entrei também no mesmo curso e assim continuo aprendendo.

QUADRO 27 - Pergunta 2

Em resposta à segunda pergunta dois sujeitos (S3 e S4) informaram ter conhecido o sistema *SignWriting* antes de ingressarem no curso de Letras/Libras na UFSC mas todos afirmaram que aprenderam o sistema através do curso. Podemos inferir que dentre as diversas formas de conhecer a ELS, o curso de Letras/Libras possui uma característica formal no que tange o ensino acadêmico da ELS em SW. Esta resposta confirma as informações da sondagem prévia feita para identificação preferencial por alunos do curso de Letras/Libras. Percebe-se que todos os sujeitos demonstraram⁷⁰ ter aprendido o sistema através das disciplinas presentes no currículo do curso citado.

⁷⁰ Todos os sujeitos sinalizaram com ênfase os sinais de “aprender” e “verdade” quando se referiram ao método utilizado para ensino da ELS no curso de Letras-Libras da UFSC.

Pergunta 3: Há quanto tempo você conhece a escrita de língua de sinais?
Resposta S1: Há mais ou menos quatro anos, sendo que no primeiro ano em que conheci a ELS aprendi pouco, depois me interessei e aprendi mais e melhorei minha escrita.
Resposta S2: Eu conheço há quatro anos. Eu não sabia da ELS antes do curso de Letras/Libras.
Resposta S3: Conheço a ELS há oito anos, mas não sabia usar antes. Eu só conhecia.
Resposta S4: Conheci em 2006, hoje 2011[...] Fazem cinco anos que conheço a ELS, porque mesmo não sendo da turma de Letras/Libras 2006,(sou da turma de 2008) meus amigos me ensinavam antes.

QUADRO 28 - Pergunta 3

A terceira pergunta revela que todos os sujeitos conhecem a ELS há mais de três anos, cumprindo então um dos requisitos de seleção e demonstrando tempo suficiente para o manuseio do sistema SW com segurança necessária para a produção escrita dos sinais pedidos. As respostas confirmaram a importância do curso de Letras/Libras na difusão e divulgação do sistema de Sutton (1974).

Pergunta 4: Você usa a escrita da língua de sinais?
Resposta S1: Sim, mas não uso a ELS sempre. A maior dificuldade que eu acho é encontrar pessoas que utilizam o mesmo sistema para manter contato. Aqui em Fortaleza tenho alguns amigos surdos que utilizam o SW.
Resposta S2: Sim, eu sempre escrevo sinais em SW, faço anotações e outras coisas.
Resposta S3: Sim, atualmente tenho usado mais a ELS na escola. Como trabalho no Instituto Cearense de Educação de Surdos – ICES, tenho ensinado a escrita aos alunos, por isso tenho praticado mais.
Resposta S4: Sim, às vezes. Principalmente para anotar sinais de palavras que não conheço em Língua Portuguesa. Eu sempre uso o site* da internet, comparo a escrita do Brasil com de outros países [...] vejo que é o mesmo sistema.
*O sujeito fez referência ao site http://www.SignWriting.org

QUADRO 29 - Pergunta 4

As respostas à quarta pergunta mostram que todos os sujeitos usam a ELS, embora não cotidianamente. Quanto ao motivo do uso infrequente citado pelo (S1) tem-se: a falta de usuários da ELS que mantenham contato através do SW. Nota-se nas respostas dos sujeitos (S2 e S4) que a utilidade pessoal da ELS é mais presente entre os mesmos, apenas o sujeito (S3) está fazendo o uso social da ELS, visto que está ensinando o sistema de escrita a outros surdos. Como se vê todos os sujeitos da pesquisa vêem na ELS um elemento importante de interação (já que essa escrita registra diretamente a Libras que é a sua língua nativa) e reconhecem o papel da escrita no registro individual e subjetivo das informações que os cercam. Nota-se que o uso desse sistema já se faz presente em diversas situações.

Pergunta 5: Você mantém contato com pessoas através da escrita da língua de sinais?
Resposta S1: Atualmente sim por causa do curso de Letras-Libras vários surdos têm usado a ELS. Aqui em Fortaleza mantenho contato em SW somente com três surdos alunos da UFC. Percebo que aprendo mais rápido quando interajo em ELS. Eu mesmo, quando encontro com eles no MSN ou em qualquer lugar tenho vontade de falar sobre SW,[...] sobre os símbolos de configurações de mãos, de contatos, de movimentos, etc. Sempre quando tenho dúvidas pergunto ao Rundesth*, porque ele tem mais conhecimento do que os meus amigos e também porque às vezes o manual tem algumas falhas, está desatualizado ou coisa assim [...] já estou até ensinando a alguns amigos. *Sujeito fez referência ao autor
Resposta S2: Sim, o meu mestrado é sobre ELS.
Resposta S3: Eu tenho contato com alguns surdos, mas é somente com o Rundesth* que uso a ELS como principal meio de comunicação. *Sujeito fez referência ao autor.
Resposta S4: É muito difícil encontrar alguém que escreva em ELS, mas eu sempre uso quando entro em contato com meus amigos pela internet. Eu uso o programa de computador SW-Edit.

QUADRO 30 - Pergunta 5

Em resposta à quinta pergunta os quatro sujeitos disseram que usam a ELS como meio de comunicação em seus contatos, no entanto, três dos entrevistados (S1, S3 e S4) informaram que o contato através do SW se dá em um grupo de usuários específico do qual o autor faz parte e é citado. Pelas respostas pode-se concluir que o processo de inclusão da ELS no dia-a-dia da comunidade surda se dá a medida em que os usuários desde sistema optam pelo uso do mesmo como principal meio de escrita da língua usada no grupo. Nota-se a importância da informatização da escrita na difusão e na padronização da escrita através de programas de edição de texto.

Pergunta 6: Qual o seu nível de interesse na escrita da língua de sinais?
Resposta S1: Acho muito interessante a ELS porque é uma forma do Surdo escrever os sinais. Quando estou estudando e vejo alguma palavra em português imediatamente imagino como é em ELS.
Resposta S2: Meu interesse na ELS em SW é grande. A minha pesquisa de mestrado será nessa área. Por isso meu interesse só aumenta.
Resposta S3: Tenho muito interesse em ELS, mas a maior dificuldade que sinto agora tem sido com os símbolos de movimento. Adoro ler em SW é como se visualizasse a minha linguagem escrita.
Resposta S4: C-I-a-r-o. Tenho muito interesse em ELS. A escrita de sinais é um diferencial da minha cultura, a cultura surda, além de me desenvolver. Hoje escrevo português mais rápido e entendo melhor.

QUADRO 31 - Pergunta 6

A sexta pergunta destaca o interesse elevado de todos os sujeitos pela ELS. Dois sujeitos (S1 e S4) apontaram também a contribuição da ELS como fator de aprimoramento na escrita e entendimento da língua portuguesa. Inferi-se aqui que os sujeitos compreendem que o SW, assim como o português escrito, tem a capacidade de registrar formalmente os significados do mundo, reafirmando as colaborações de Lane (1992) quando defende que os sujeitos bilíngües são mais sensíveis e identificam com mais facilidade as características das línguas. S3 informa ter mais facilidade na leitura do que na escrita. Tal informação faz jus às observações realizadas por Silva (2009) quando investigou o processo de leitura de ELS. A ênfase na fala do S1 destaca o empoderamento (Silva, 2004) que a escrita de sinais oferece aos surdos e acaba com a *supremacia ouvinte*. De maneira geral,

podemos considerar que os sujeitos reconhecem que o interesse é um elemento influenciador do desenvolvimento da escrita e compreensão dos sinais escritos.

Pergunta 7: Já ensinou a escrita de língua de sinais? Onde?
Resposta S1: Já fui monitor da disciplina de ELS no curso de Letras/Libras do pólo da UFC para os alunos aprovados em 2008, também fui monitor voluntário para alunos em dependência das disciplinas de ELS. Em ambas experiências aproveitei para exercitar mais a minha escrita e melhorá-la. Quando monitor, ensinava também através dos fóruns <i>on-line</i> disponibilizados na própria disciplina no Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem – AVEA. E mesmo quando não tinha fórum específico para ELS eu combinava com alguns surdos e íamos ao Centro de capacitação dos profissionais da educação e de Atendimento às pessoas com Surdez – CAS, para juntos discutirmos sobre a ELS.
Resposta S2: Ensinei a ELS durante seis meses, período que fui monitora da disciplina no curso de Letras-Libras na modalidade presencial do curso em Santa Catarina na UFSC.
Resposta S3: Como professor do ICES ensinei a ELS algumas vezes de maneira muito básica e introdutória. Eu não lembro há quanto tempo atrás, mas acho que foi pouco antes de 2005 que comecei a <i>ensinar*</i> a ELS aos alunos. *O entrevistado demonstrou insegurança, através das ENM ao produzir o sinal de ensinar.
Resposta S4: Já ensinei a ELS para crianças como instrutor em uma escola onde trabalhei [...], mas só o básico, nada muito difícil. Lá eu percebi que as crianças ficavam felizes quando conseguiam escrever com o <i>SW</i> coisas que não conseguiam com as palavras. Também já ensinei a ELS há dois anos quando trabalhei com a disciplina no ICES.

QUADRO 32 - Pergunta 7

A resposta à sétima pergunta mostra que todos os sujeitos ensinam ou já ensinaram a ELS por um período igual ou superior a seis meses. Ressaltando que em alguns casos há existência de uma disciplina específica para ELS nas escolas onde os sujeitos atuam ou atuaram. Podemos observar que a institucionalização da ELS é também fator de extrema importância para o uso e difusão deste sistema. Em especial podemos citar a inclusão da ELS como disciplina na grade do ICES - escola que enfatiza o uso e a produção da Libras escrita

como proposta de metodologia bilíngue que segundo Stumpf (2005), se dá de forma plena quando oferta à criança surda as duas línguas envolvidas na modalidade escrita. Ainda em relação à pergunta acima podemos comprovar a existência dos componentes fundamentais ao processo de alfabetização de crianças surdas frente à escrita de sinais identificados primeiramente por Stumpf (2007), quando (S4) menciona o estado de felicidade das crianças quanto ao sucesso dos registros gráficos dos sinais, coligando então, os aspectos afetivos e evolutivos de desenvolvimento durante esse processo.

Pergunta 8: Pesquisa sobre escrita da língua de sinais na internet ou em outros meios?
Resposta S1: Antigamente eu só pesquisava a escrita de sinais num dicionário que tinha o SW, era o único dicionário do Brasil que tinha a ELS. Depois, já no curso de Letras-Libras nos apresentaram as disciplinas ELS I, II e III a partir no primeiro semestre. Foi então, que lembrei que já tinha pesquisado antes sobre isso. Hoje em dia, é mais fácil pesquisar sobre ELS. O material traduzido e elaborado pela Prof. ^a Marianne Rossi está todo disponível em PDF na internet. Assim fica mais fácil pra gente pesquisar. Foi através da internet que fiquei conhecendo a história da ELS, o trabalho com as crianças na Dinamarca entre outras coisas [...] O site* é muito legal, pois tem publicações, livros, etc.
Resposta S2: Atualmente não, mas às vezes procuro no site* informações, novidades sobre a ELS para eu ler.
Resposta S3: Eu já pesquisava o SW no Dicionário Capovilla, mas percebia falhas em alguns sinais além de símbolos errados, mas não sabia aonde procurar, não sabia se existiam outras referências. Só a partir do meu ingresso no curso Letras/Libras que conheci o site* e comecei a pesquisar sobre ELS de outros países, como são os sinais e as diferenças, etc... é legal!
Resposta S4: Sim, às vezes quando pesquiso na internet, sempre busco ver como são os sinais de outros países e se existe algum padrão, etc.. A pesquisa na internet me ajuda bastante e eu aprendo mais. Pesquiso também no manual da Dra. Marianne Rossi disponível nas disciplinas de ELS I, II e III.

QUADRO 33 - Pergunta 8

* Referência ao site mencionado no Quadro 14

Em resposta à oitava pergunta, todos os sujeitos pesquisam a ELS, contudo, não habitualmente. Na fala dos sujeitos (S1 e S3), podemos identificar a consulta do SW através

do Dicionário Enciclopédico lançado por Capovilla (2001) que de fato introduziu e divulgou nacionalmente através do lançamento desta publicação o sistema de Sutton. Também é possível comprovar através das falas dos entrevistados a importância do site <http://www.SignWriting.org> na socialização das línguas de sinais através das informações disponíveis; é o que inferimos da fala dos sujeitos (S2 e S3). A importância do manual intitulado “Lições sobre o *SignWriting*” é ressaltada na fala do S4 quando menciona seu uso em pesquisas. Podemos perceber que a informatização desses dados serviu de fomentador da ELS no Brasil. Novamente o curso de Letras/Libras aparece como difusor oficial da ELS no Brasil como podemos conferir em todos os depoimentos exceto na fala de (S3).

Pergunta 9 : Qual sua opinião sobre o sistema de escrita da língua de sinais (é bom ou é falho). Por quê?
Resposta S1: O Sistema de ELS é bom. A maior dificuldade é procurar a configuração de mão (CM) correta, por isso acho que o sistema pode ser melhorado. Como o sistema é original dos EUA talvez na adaptação dos símbolos para a Libras não tiveram muita atenção quanto ao número de CM's usados na Libras. Hoje temos cerca de 126 configurações de mãos diferentes e algumas delas não estão sistematizadas no programa, por isso complica um pouco quando vamos usar.
Resposta S2: O sistema é bom, mas dá muito trabalho localizar as configurações de mão.
Resposta S3: Na verdade o sistema é um pouco confuso pra quem começa a usar. É complicado por causa dos agrupamentos das configurações de mão, que parecem está desorganizados, mas já me habituei e consigo usá-lo sem problema. O <i>SW-Edit</i> poderia ser melhorado.
Resposta S4: Sim, eu gosto do sistema de ELS. Eu acho o sistema bom, mas sinto falta de uma organização melhor. No geral, as CM's são difíceis de encontrar e de lembrar onde estão agrupadas e etc.

QUADRO 34 - Pergunta 9

Quanto a nona pergunta, foi unânime a aprovação do sistema de ELS, todavia, podemos inferir que em todas as falas houve um entendimento ambíguo causado pela polissemia do sinal “SISTEMA” (ver lista de SW n.19), visto que ele pode ser

usado tanto para referi-se ao método de escrita criado por Sutton quanto ao programa de computador utilizado pelos sujeitos nesta pesquisa. Em relação às falhas do sistema de edição no *SW-Edit* citadas pelos entrevistados, têm-se: a) a falta de uma organização melhor e mais rápida dos símbolos representantes das configurações de mãos; b) a falta de uma atualização do programa de edição *SW-Edit* quanto a inclusão de novas CM's encontradas na Libras.

Pergunta 10: Do que sente falta na ELS?
Resposta S1: Sinto que falta, na verdade, o contato entre pessoas que usam ELS. Usávamos muito durante o curso de Letras-Libras, mas depois que as disciplinas são concluídas, praticamente todo mundo pára de usar. Acho que é necessário mais incentivo no uso e no aprendizado do SW. Agora mesmo estou me esforçando para manter o interesse das pessoas na ELS; eu mesmo estou pensando em lançar um manual de ELS.
Resposta S2: Sinto falta de uma escrita mais rápida, a mão.
Resposta S3: Na verdade acho que para ficar mais claro o SW precisaria de mais símbolos de movimento do corpo e de CM.
Resposta S4: O que sinto falta na ELS [...] ah, falta alguns símbolos para classificadores ⁷¹ . Eu também acho que seria mais fácil uma escrita cursiva.

QUADRO 35 - Pergunta 10

Em resposta à décima pergunta, os sujeitos (S2 e S4) mencionaram que a escrita em *SW* poderia ser mais ágil e cursiva, isto é, rápida e escrita à mão. Assim podemos inferir que os entrevistados estão habituados à sistemas de escrita com símbolos alfabéticos (latinos), onde os símbolos (letras) são geralmente ligados uns aos outros, aspecto que facilita a

⁷¹ Os classificadores constituem importante área de estudo da gramática de Língua de Sinais, Ferreira-Brito (1995) apresentando alguns resultados de sua pesquisa sobre gramática de Língua de Sinais explica que em Libras os classificadores "funcionam como parte dos verbos em uma sentença, estes sendo chamados verbos de movimento ou de localização, indicando o objeto que se move ou é localizado" (BRITO, *op cit* p. 103,). Na Libras, os classificadores são configurações de mãos que, relacionadas à coisa, pessoa e animal, funcionam como marcadores de concordância. Assim, na Libras, os classificadores são formas que, substituindo o nome que as precedem, pode vir junto ao verbo para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo. Portanto os classificadores na Libras podem marcar concordância de gênero: pessoa, animal, coisa.

agilidade na escrita. Todavia, no caso do *SW* os símbolos não são conectados uns aos outros, assim como em outros sistemas de escrita cursiva como as escritas no alfabeto romano e hebraico. Ainda em relação à mesma pergunta o (S3) em sua fala cita a ausência de mais símbolos de movimento e de CM. Percebemos assim que as *faltas* levantadas pelos entrevistados podem ser contempladas pela característica diacrônica das línguas naturais que considera as mudanças ocorridas nas línguas no decorrer da história da humanidade e conseqüentemente na sua grafia. Esse fato conseqüentemente afeta a grafia das línguas.

Pergunta 11: Consegue ler mais rápido em escrita de língua de sinais?
Resposta S1: A leitura em <i>SW</i> é mais fácil, mas é mais lenta, não é nada rápido. Nos exercícios das disciplinas de ELS II e III achei mais compreensível as histórias que lia, porém não as lia rapidamente, porque as histórias são feitas em outras regiões do Brasil, por isso surgem algumas dúvidas em relação ao significado dos sinais escritos. Às vezes quando perguntava aos meus amigos surdos eles também desconheciam o significado do sinal ou o próprio sinal e isso é muito chato.
Resposta S2: Às vezes sim, dá pra ler rápido dependendo da publicação ou do meu conhecimento em relação aos sinais escritos naquela publicação, livros, histórias etc... depende da situação.
Resposta S3: Eu já estou acostumado com o <i>SW</i> , se for um texto fácil (básico) eu leio rapidamente, mas, por exemplo, se for o Hino Nacional, fica muito difícil ler rápido, porque tem alguns sinais diferentes, por isso leio devagar, entende!?
Resposta S4: Na verdade quando leio algum livro ou algo escrito em ELS não leio rápido, mas entendo melhor do que se estivesse lendo em Português. Mesmo tendo dúvidas sobre alguns sinais regionais, eu entendo bem a história escrita em <i>SW</i> . Mas depende muito do assunto – às vezes é fácil outras vezes difícil, não é?!

QUADRO 36 - Pergunta 11

Quanto à décima primeira pergunta, podemos perceber nas falas dos entrevistados que o processo de leitura em ELS é mais lento do que a leitura de textos escritos no sistema alfabético latino, no caso, em Língua Portuguesa. No entanto,

conforme (S1 e S4) os textos escritos em ELS são mais compreensíveis até mesmo quando comparados aos textos em português. Infere-se aqui que as habilidades de leitura (que não se resumem na codificação e decodificação mecânica dos signos) foram desenvolvidas normalmente através da ELS, uma vez que os sujeitos confirmaram a capacidade de compreensão (resignificação) durante a leitura. Tal afirmação está presente nos depoimentos de (S1, S3 e S4). Contudo, nas falas de (S1 e S4) surge a característica da variação lingüística⁷², especificamente, os regionalismos ou modalidades regionais de nossa língua. Em relação a isso sabemos que a variante da Libras usada como padrão é variante centro-sul do Brasil por ter mais prestígio social, logo, as produções se efetivaram nessa variante. Desse modo podemos dizer que mesmo não agradando à todos, as produções regionais promovem a escrita em SW.

Pergunta 12: Você faz registros (em diário, agenda etc.) em ELS ou Português?
Resposta S1: Os meus registros são em Português [...] Que dizer, eu uso palavras da Língua Portuguesa, mas não sei escrever na norma culta padrão. Quando escrevo em Português e esqueço ou não conheço alguma palavra faço o SW do sinal em Libras ao lado da palavra, depois procuro a forma de escrita em português.
Resposta S2: Já faço meus registros pessoais em ELS; por exemplo, as anotações do meu diário são escritas em ELS, mas às vezes uso ELS junto com o Português.
Resposta S4: Eu sempre uso os dois (ELS e Português). Quando é alguma coisa simples eu escrevo em Português, mas se for alguma coisa mais elaborada, complexa, eu uso as palavras do Português com ELS para facilitar o entendimento do contexto e do significado da palavra.
Resposta S4: Às vezes eu faço os registros em ELS com legenda em Português. Eu escrevo a mão, mas tem um problema, porque quando escrevo a mão e depois vou ler não sei qual símbolo correto eu fiz, porque escrevi as pressas [...] e demoro a lembrar da palavra que eu mesmo escrevi (risos).

⁷² A variação de uma língua é o modo pelo qual ela se diferencia, sistemática e coerentemente, de acordo com o contexto histórico, geográfico e sócio-cultural no qual os falantes dessa língua se manifestam verbalmente. Para Travaglia (1996) existem dois tipos de variedades lingüísticas: os dialetos (variedades que ocorrem em função das pessoas que utilizam a língua, ou seja, os emissores); os registros (variedades que ocorrem em função do uso que se faz da língua, as quais dependem do receptor, da mensagem e da situação).

QUADRO 37 - Pergunta 12 (cont.)

Em resposta a décima segunda pergunta, todos os sujeitos informaram que usam a escrita alfabética, o português escrito, como principal meio de registro pessoal, porém nos depoimentos dos sujeitos (S2 e S4) a ELS tem prioridade nos registros. Vale ressaltar que o sujeito (S4) cita que a escrita manual às vezes não é legível, o que justifica que produções desta pesquisa sejam realizadas através do *SW-Edit*. Ainda falando sobre o sistema de registro, percebemos que a ELS aparece como *escrita de apoio*, uma vez que os sujeitos usualmente escrevem em Língua Portuguesa entretanto recorrem ao sistema de Sutton quando o léxico em Língua Portuguesa não é de seu conhecimento ou quando não se lembram da palavra correspondente a um sinal realizado em Libras. Provavelmente isso acontece devido a ELS ser um sistema direto de representação das línguas viso-espaciais. A inferência que fazemos aqui vai ao encontro com a de Capovilla (2004) quando menciona que “a escrita de língua de sinais é uma ilustração do significado, o que permite a criança surda aprender diretamente o sentido do sinal sem depender do Português”.

Considerando as respostas obtidas alguns aspectos identificados se destacaram:

(a) Aspectos positivos:

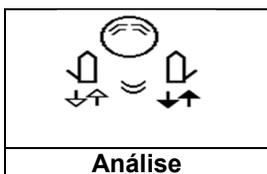
- Aprendizado obtido através do conhecimento de um sistema específico para escrita dos sinais;
- Uso e a difusão da ELS - SW através do curso Letras/Libras;
- Compreensão dos componentes fonológicos formadores das LS, em especial das CM's;
- Leitura compreensível de textos em Língua de Sinais.
- Socialização das variantes da Libras via publicações em ELS.

(b) Aspectos negativos:

- A falta de usuários em grande número da ELS que empreguem cotidianamente o sistema como prioridade para registros escritos;

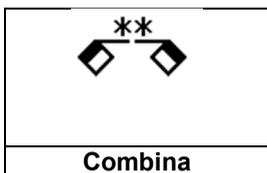
- As alterações dos símbolos decorrentes da adaptação do sistema *SW* a Libras (ausências de algumas CM's e movimentos específicos da Libras);
- Falta de manutenção do sistema em observação as novas configurações de mãos emergentes;
- A organização das configurações de mãos no *SW-Edit* não favorece a localização em tempo hábil, deixando a escrita padrão mais lenta.
- A não cursividade da escrita obriga o usuário utilizar o registro computacional.

4.2 PRODUÇÕES ESCRITAS



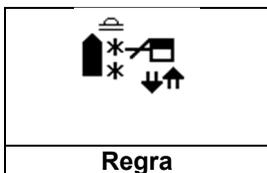
Análise

Sinal 45 – Análise



Combina

Sinal 49 – Combina



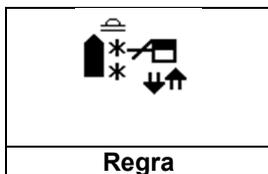
Regra

Sinal 34 – Regra



Não combina

Sinal 50 – Não combina

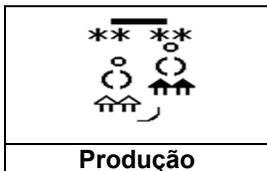


Sinal 34 – Regra

Esta seção apresenta a análise das produções coletadas em experimento único de vinte sinais escritos em *SignWriting* conforme descrito no capítulo anterior.

Primeiramente as produções foram analisadas minuciosamente para a obtenção de um quadro comparativo entre os quatro sujeitos. Em seguida, foram consideradas as ocorrências semelhantes e divergentes das escritas, observando a disposição dos elementos gráficos na pilha. Foi feita uma análise global tendo em vista os parâmetros mencionados por Stumpf (2005) com relação aos seguintes fatores: a) uso do ponto de vista expressivo; b) posição do contato; c) uso de símbolos de movimento, e as regras propostas para esta pesquisa: d) escrita em pilha; e) configuração de mão e f) ordem dos símbolos. Ao final foram apresentadas as conclusões da análise dessas produções. Quanto aos fatores que influenciaram o uso dessas estratégias, o trabalho de Silva (2009) colaborou na observação das singularidades e subjetividades presentes.

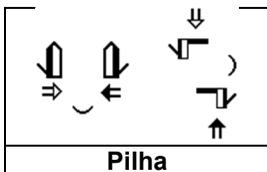
4.2.1 Produção em pilha



Sinal 51 – Produção

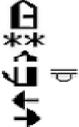


Sinal 12 – Escrita de Sinais



Sinal 52 – Pilha (quadro)

As produções serão empilhadas e enumeradas de 1 à 20 tendo como base comparativa na primeira coluna o sinal resultado do quadro modelo. As análises dos sujeitos serão sequenciadas logo abaixo de cada tabela:

Sinal 1 Bater	S1	S2	S3	S4
				

Produção de S1

Observa-se que S1 escolheu duas CMs diferentes do quadro modelo tanto na mão de apoio⁷³  (mão fechada com dedo indicador levantado) quanto na mão dominante⁷⁴  (mão aberta com dedos juntos e polegar separado). Estas escolhas não alteraram o significado do sinal mas, ao utilizar dois símbolos de contatos simultaneamente# (bater) e * (tocar), o sujeito poluiu a pilha e alterou o movimento do sinal e conseqüentemente alterou o seu significado.

Produção de S2

S2 preferiu incluir o símbolo da cabeça  com expressões de sobrançelas e boca, demonstrando a subjetividade inerente à escrita. No entanto abusou dos símbolos de configurações de mão incluindo três CMs ao invés de duas, duplicando também os símbolo de movimento dando a impressão que o sujeito tem mais de duas mãos.

Produção de S3

S3 também alterou a configuração de mão da mão dominante. A escolha do símbolo * (tocar) alterou o significado do sinal.

Produção de S4

S4 não cometeu nenhum equívoco em relação a CM e símbolo de contato, no entanto, o símbolo de movimento alongado dá a impressão de movimento longos com ambos os braços.

⁷³ Em sinais que usam as duas mãos, a mão/braço de apoio refere-se à mão ou parte do braço que fica parada enquanto a mão dominante executa o movimento do sinal.

⁷⁴ Em sinais que usam as duas mãos, a mão dominante refere-se à mão que se movimenta durante a produção do sinal.

Sinal 2 Conversar	S1	S2	S3	S4
				

Produção de S1

S1 adotou todas as regras descritas por Stumpf (2005), escrevendo o sinal conforme o quadro modelo, produzindo um sinal correto.

Produção de S2

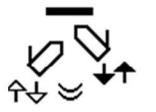
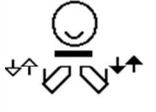
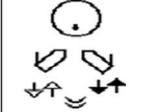
S2 usou as CMs corretas, porém separadas pelo símbolo de @ contato (esfregar). Também não utilizou símbolo de movimento. O posicionamento do símbolo de contato entre as configurações de mão prejudicou visualmente a formação da pilha e a ausência do símbolo de movimento alterou o significado do sinal.

Produção de S3

S3 fez as mesmas escolhas do S2, posicionando mal os símbolos de contato e de CM, no entanto incluiu o símbolo de movimento o que não alterou o significado do sinal.

Produção de S4

Quanto a produção de S4, nota-se que o mau posicionamento dos símbolos também prejudicou a composição da pilha, já que uniu os símbolos de movimento e contato no lado direito ao invés de uní-los com os símbolos de CM, que por sua vez estão sobrepostos, prejudicando a leitura.

Sinal 3 Bater papo	S1	S2	S3	S4
				

Produção de S1

S1 adotou o símbolo do rosto e não incluiu o símbolo  alternância. Isso não alterou o significado do sinal, no entanto, a pilha ficou incompleta dificultando a leitura.

Produção de S2

S2 também utilizou o símbolo de rosto, neste caso adotando todas as regras de grafia do SW produzindo um sinal correto.

Produção de S3

Aqui, S3 adotou todas as regras já observadas por Stumpf (2005). Nota-se aqui uma característica da ELS - a *economia* de símbolos. Como se vê, ele não incluiu o símbolo de rosto e ombro, tendo em vista que a composição da pilha está clara com os símbolos dinâmicos e de movimento nos lugares corretos.

Produção de S4

Já S4 equivocou-se duas vezes; uma na escolha do símbolo dos movimentos dinâmicos, quando inseriu , ao invés de  (alternado) e depois nos símbolos de movimentos diagonais . Tais escolhas alteraram o sinal.

Sinal 4 Não sei	S1	S2	S3	S4

Produção de S1

Nessa produção de S1 podemos observar duas falhas: a escolha do símbolo de contato (raspar) ao invés de (toque) e o símbolo de movimento que orienta o braço para cima com movimento longo e não para frente como deveria ser.

Produção S2

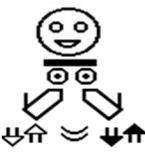
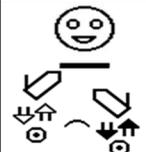
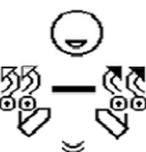
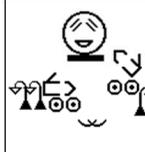
S2 também utilizou o símbolo de contato (raspar). Essa escolha por si não ocasiona mudança no significado do sinal, porém a inclusão do símbolo (movimento para trás com rotação de antebraço), ao invés de (movimento para frente com rotação de antebraço), alterou o significado do sinal.

Produção de S3

No caso do quarto sinal, S3 adotou o símbolo de contato correto, no entanto cometeu a mesma falha de S2 quanto ao símbolo de movimento, uma vez que ele escolheu o símbolo de rotação do antebraço para dentro e não para frente como seria a escolha correta.

Produção de S4

S4 apresentou outro símbolo (movimento giratório de pulso). Trata-se de outro equívoco, já que o símbolo escolhido por ele refere-se a movimento giratório do pulso.

Sinal 5 Alegre	S1	S2	S3	S4
				

Produção de S1

Vê-se a utilização do símbolo dinâmico  (simultaneidade de movimento com ambas as mãos). Nesta formação o símbolo adotado não alterou o significado do sinal, no entanto demonstra uma alofonia⁷⁵. Os símbolos de contato abaixo dos de movimento deixaram a pilha passiva de outras leituras, como por exemplo, a de que o contato do sinal fosse executado na parte inferior do tronco.

Produção de S2

Aqui cabem fazer três observações: 1- duplicidade do símbolo de raspar (ver análise anterior), 2- à inserção do símbolo  (movimento de rotação do antebraço para cima) e por último a inclusão do símbolo dinâmico de alternância, respectivamente, orientam que o sinal tenha movimento longo com dois contatos feitas pelas duas mãos alternadamente.

Produção de S3

Nota-se que S3 adotou outro símbolo de contato não presente no quadro modelo. Nesse caso houve mudança no significado, uma vez que a duplicação do símbolo  (tocar) acompanhado do  (movimentar duas vezes para cima) orienta dois toques seguidos de duplo movimento para cima.

⁷⁵ Trata-se de uma variante fonética do fonema, neste caso, um parâmetro da Libras. Um exemplo de alofonia da Língua de sinais brasileira está relacionado às várias possíveis realizações de um sinal como ENTENDER: é possível realizá-lo com ou sem contacto com a lateral da testa; quando não há contacto, é possível realizá-lo ou na altura da lateral da testa, ou da lateral dos olhos, ou mesmo na altura da bochecha. Nenhuma dessas alterações de realização causa mudança de significado. Por isso, podemos considerar um caso desses como um exemplo de alofonia.

Produção de S4

Nessa pilha, S4 utilizou a CM ↵ (palma para cima, e dorso paralelo ao chão) com ↶ (movimento curvo para cima e para frente). Tais escolhas alteraram o significado do sinal, deixando-o semelhante ao sinal de *tratamento*.

Sinal 6 Contexto	S1	S2	S3	S4

Produção de S1

Ao incluir os símbolos de movimento de dedos ^ (abrir articulação) e v (fechar articulação) respectivamente, S1 alterou o significado do sinal, visto que as configurações se abrem no primeiro momento e se fecham na finalização do sinal, azendo o sinal ser interpretado como livre à esquerda e vinculado à direita.

Produção de S2

S2 escolheu a CM ↵ (mão aberta com os dedos polegar e anelar ligados) o que alterou o significado do sinal, ao passo que a localização dos símbolos de contatos estão na mesma posição do sinal modelo.

Produção de S3

S3 utilizou a CM ↵ (mão aberta com dedos polegar e o maior juntos) Neste caso, a escrita do sinal foi compreensível. Nota-se que ao incluir os símbolos } (abrir e fechar as articulações juntas) e ↶ (movimento para frente das CMs juntas) respectivamente, o significado do sinal não foi alterado, demonstrando outra forma de escreve-lo, tendo em vista que o mesmo foi lido nesta perspectiva (vertical).

Produção de S4

Observa-se que a mudança da direção da palma da mão nesse caso não alteraria o significado do sinal, contudo a junção dos símbolos de contato |*| (entre) modifica a seqüência da sinalização e consqüentemente o significado já que o movimento só seria executado depois do contato.

Sinal 7 Esforço	S1	S2	S3	S4

Produção de S1

Com relação ao sétimo sinal, S1 utilizou todos os elementos dispostos no quadro modelo. A única diferença foi a alteração na direção da CM⁷⁶ (punho fechado com palma paralela ao chão) para (mesma configuração com orientação para o lado), não alterando em nada o significado do sinal, mas evidenciando alofonia dele.

Produção de S2

Nessa produção percebe-se que a escolha da CM orientada para o lado (paralela a parede) não alteraria o sinal, contudo a inclusão dos símbolos de movimento com hastes duplas na vertical orienta o antebraço para cima. Tais símbolos alteraram o significado do sinal, deixando o sinal passivo da seguinte leitura: *entorta barras de ferro à sua frente.*

Produção de S3

S3 utilizou todos os elementos correspondentes ao sinal escrito no quadro modelo exceto o símbolo da cabeça. A não inclusão desse elemento não comprometeu o significado do sinal, no entanto o entendimento da pilha teria ficado mais claro se o símbolo tivesse sido incluído.

Produção de S4

S4 adotou todos os elementos exatamente na mesma ordem do sinal escrito no quadro modelo, produzindo um sinal correto

⁷⁶ Os símbolos com corte representam o Plano de Chão. É um plano imaginário paralelo ao chão. Quando a mão fica paralela ao chão ela é vista de cima. Isso é chamado de Visão de Cima. Mãos paralelas ao chão têm um espaço na articulação dos dedos.

Sinal 8 Possível	S1	S2	S3	S4

Produção de S1

Na escrita do oitavo sinal, S1 adotou todos os elementos do sinal do quadro modelo. O sinal está correto.

Produção de S2

S2 escolheu a mesma orientação da mão do quadro modelo, porém na diagonal⁷⁷ e a inclusão do símbolo  (movimento de pulso com braço firme). Todavia, essa variação não alterou o significado do sinal, apenas demonstrou novamente a alofonia do sinal. O sinal está correto

Produção de S3

A produção de S3 foi praticamente igual a de S2 havendo somente uma pequena diferença na configuração dos dedos polegar e indicador. Não houve mudança de significado e a alofonia deste sinal foi mostrada outra vez. O sinal foi produzido corretamente.

Produção de S4

Ao adotar a CM  nessa direção (palma da mão paralela ao chão) unida ao símbolo de movimento  (rápido para baixo) S4 alterou o significado do sinal, dando ao mesmo significado semelhante ao de *puxar o fio*.

⁷⁷ Neste caso, o ponto de vista expressivo desta escrita orienta que quando você vê o lado de sua mão enquanto sinaliza, o símbolo será metade preta, metade branca. A parte branca do símbolo mostra onde a palma da mão está. A parte escura representa o dorso da mão.

Sinal 9 Por o Chapéu	S1	S2	S3	S4

Produção de S1

S1 escolheu uma configuração de mão diferente do quadro modelo; (mão fechada com dedo indicador levantado inclinado na articulação média encostando na ponta do dedo polegar), neste caso, esta escolha não alterou o significado do sinal, no entanto a escolha pelo símbolo de cabeça (com contorno em ambos os lados) coloca o chapéu detrás da cabeça, porém o símbolo de contato foi escrito em cima da cabeça. Tal disposição dos elementos deixou a pilha confusa.

Produção de S2

S2 incluiu exatamente os mesmo elementos e a mesma ordem presente no quadro modelo. Sua produção está correta.

Produção de S3

Na escrita do nono sinal nota-se que S3 escreveu somente um movimento de flexão⁷⁸ do pulso ao inserir o símbolo e não marcou a simultaneidade do movimento. Essa disposição deixou a pilha confusa, passiva de uma leitura incompleta.

Produção de S4

Ao escolher a CM (mão fechada com a palma paralela ao chão) S4 deu ao sinal novo significado, algo semelhante ao sinal *Xuxa*.

⁷⁸ As setas com um traço por cima representam o movimento de flexão da mão. No movimento de flexão o pulso permanece estável, enquanto a mão se move em diferentes direções.

Sinal 10 Impossível	S1	S2	S3	S4
				

Produção de S1

Quanto a produção de S1 para o décimo sinal percebe-se que a mudança da orientação da palma da mão (do plano paralelo a parede para o paralelo ao chão) alterou o significado do sinal, no entanto o símbolo do movimento  com hastes duplas orientou-os para cima, dando ao sinal o significado semelhante a *acordar*.

Produção de S2

S2 escolheu um símbolo de movimento diferente do quadro modelo  (ante-braço direito paralelo ao chão, rotação para cima), o que alterou o significado do sinal. Houve inversão dos símbolos de CMs. Aqui a leitura do sinal sugere braços cruzados.

Produção de S3

Nessa composição S3 apresentou escrita em outra perspectiva (em cima e em baixo). Nessa perspectiva as CMs estão sobrepostas e o movimento do sinal é orientado pelo símbolo  (para cima). Neste caso os elementos não alteraram o significado. Esta forma de escrever evidenciou mais uma vez a subjetividade da escrita. Nota-se que a pilha possui dois símbolos de movimento. Neste caso o símbolo  não é necessário.

Produção de S4

Aqui S4 cometeu duas falhas: incluiu o símbolo de contato  (escovar) que não faz parte do sinal bem como os símbolos de movimento   (giratório na vertical), dando ao sinal a idéia de *acordar*.

Sinal 11 Hora (duração)	S1	S2	S3	S4

Produção de S1

S1 escreveu um sinal (HORÁRIO)⁷⁹ inexistente tanto na lista fornecida como nas seqüências sinalizadas inclusas no DVD. Assim a análise desta escrita é desnecessária, uma vez que foge no campo fonológico e parte para o semântico/pragmático⁸⁰.

Produção de S2

A escrita de S2 foi exatamente igual a do quadro modelo. Sua produção está correta.

Produção de S3

S3 decidiu incluir o símbolo de contato * (toque) duplicado em cima do símbolo de cabeça. Tal escolha não alterou o significado do sinal, somente evidenciou alofonia do sinal.

Produção de S4

S4 incluiu o símbolo ↑ (seta para cima) ao símbolo de cabeça, típica de frases interrogativas, juntamente com o símbolo de CM ■ (mão fechada com dedo indicador levantado, visão de dorso da mão), gerando uma visão espelhada do sinal e alterando o significado dele, já que foi utilizado um símbolo de configuração de mão em preto.

⁷⁹ No DVD entregue aos sujeitos a palavra HORA (presente na lista em português) foi sinalizada levando em consideração a duração de "uma hora", sendo utilizada a configuração de mão da mão dominante em "1" (mão fechada com dedo indicador levantado) com movimento giratório em frente à cabeça.

⁸⁰ As análises desta dissertação levam em consideração as características fonológicas na composição do sinal escrito e não como o sujeito entende/usa o sinal escrito.

Sinal 12 Injeção	S1	S2	S3	S4
				

Produção de S1

S1 reincidiu na produção de um outro sinal (MÉDICO), por isso, como o sinal anterior, essa escrita não será analisada por não se tratar de características semânticas/pragmáticas.

Produção de S2

S2 utilizou precisamente os mesmos elementos e a mesma ordem do quadro modelo produzindo um sinal correto.

Produção de S3

A escolha de S3 em usar o símbolo Γ (braço reto na vertical) e a orientação da palma da mão \swarrow (diagonal) não prejudicou o sinal, nem mesmo o símbolo de movimento para baixo \downarrow visto que o símbolo de contato está no local correto.

Produção de S4

Analisando o décimo segundo sinal, observa-se que S4 também usou o símbolo de braço reto na vertical conforme S3, no entanto a mudança no significado do sinal surgiu quando foi incluído o símbolo \bullet (fechamento da articulação⁸¹ média dos dedos da mão) a partir da primeira falange, ao invés do símbolo \blacktriangledown (fechamento da articulação proximal da mão) a partir da segunda falange.

⁸¹ As articulações dos dedos da mão são divididas em: falange distal (ponta do dedo), falange média (segunda falange) e falange proximal (última falange antes do metacarpo). SOBOTTA, J. Atlas de anatomia humana. 21ªed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara-Koogan S.A. 2000.

Sinal 13 Galopar e saltar ⁸²	S1	S2	S3	S4

Produção de S1

Nesta produção S1 usou os mesmos símbolos e a mesma ordem presentes no quadro modelo, mas não finalizou a sequência sinalizada no DVD, suprimindo o símbolo (saltar).

Produção de S2

S2 usou a mão direita como dominante para executar o sinal. Essa característica não é evidente na escrita alfabética. No entanto a inclusão dos símbolos de movimento com hastes duplas (movimentos para cima) deixou o sinal com outro movimento, alterando seu significado.

Produção de S3

S3 dispôs os símbolos de CM's na mesma ordem que o sinal do quadro modelo, porém com outra CM na mão dominante (mão esquerda aberta com dedos separados tendo o anelar e o menor fechados), mas a inclusão do símbolo de movimento (para frente e por baixo) com a seta preta orienta que somente a mão dominante vá para frente, alterou o significado do sinal, dando ao sinal significado semelhante a *pular do cavalo*.

Produção de S4

S4 incluiu o símbolo de CM (mão posicionada de tal forma que metade mostra a palma, metade mostra o torso) deixando a CM difícil de se encaixar na mão de apoio. Em relação aos símbolos de movimento (duas meia voltas para frente com mãos juntas) e (por cima para frente com mãos juntas) alteraram o movimento do sinal, dando a idéia de animal *desgovernado*.

⁸² Neste sinal modelo o termo SALTAR refere-se a saltar *no* animal e não saltar *do* animal. Tal informação faz-se necessária para justificar o erro do sujeito 3 quando utilizou um símbolo de movimento referente a saltar *do* animal.

Sinal 14 Soltar pipa	S1	S2	S3	S4

Produção de S1

S1 escolheu a CM (mão fechada com dedo indicador levantado inclinado na articulação média encostando na ponta do dedo polegar) evidenciando subjetividade da escrita do sinal, porém o símbolo (movimento para frente paralelo ao chão) alterou o seu significado.

Produção de S2

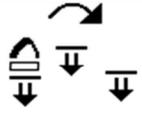
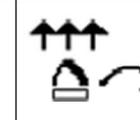
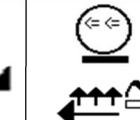
No caso do décimo quarto sinal, S2 escolheu uma outra CM (mão em pinça) que, neste caso não alterou o significado do sinal, todavia a utilização do símbolo (movimento relaxado) não alterou o significado, porém deixou o sinal mais lento. Nota-se também que a inclusão do símbolo de cabeça com o olhar para cima evidenciado pelas setas de duas hastes ratificou a subjetividade da escrita.

Produção de S3

Quanto a S3, percebe-se que o mesmo fez outras escolhas como por exemplo: a inclusão dos símbolos (ombro) e (CM fechada com os dedos polegar e o maior ligados (visão do torso), que nesse caso não mudaram o sentido do sinal, só confirmaram a alofonia do sinal.

Produção de S4

S4 adotou a CM que demonstra alofonia do sinal. Todavia, ao incluir o símbolo (movimento giratório para cima), o mesmo modifica o significado do sinal, conferindo ao mesmo a idéia de *enrolar algo*.

Sinsl 15 Distribuir	S1	S2	S3	S4
				

Produção de S1

S1 escolheu uma configuração de mão diferente do quadro modelo o que não gerou mudança no significado do sinal, mas uma característica alofone da Libras. A inclusão do símbolo  (para trás - para o lado) causa estranheza uma vez que as setas mais grossas representam movimentos paralelos ao chão voltados para trás.

Produção de S2

A escrita de S2 apresentou também outra configuração de mão diferente da sinalizada no vídeo, no entanto a mesma não alteraria o sinal, não fosse a escolha do símbolo  com setas duplas que alterou o significado do sinal, visto que a duplicação da seta orienta que o movimento seja realizado para cima

Produção de S3

S3 inseriu dois símbolos de movimentos na mesma pilha:  (para frente três vezes) e  (para o lado), dando ao sinal o significado de: *distribuir para vocês três* (3 pessoas juntas) e *para ele* (pessoa distante das três)".

Produção de S4

S4 usou o mesmo símbolo de contato do S3  juntamente com o símbolo  (orientação de movimento para a esquerda), gerando também outro significado para a seqüência. Nota-se que a inclusão do símbolo  (cabeça com olhar para esquerda) acompanha a direção do sinal.

Símbolo 16 Verdade	S1	S2	S3	S4

Produção de S1

Nesta escrita a inclusão do símbolo ↕ (movimentos da mão direita para cima e para baixo) foi desnecessária, uma vez que os símbolos de contato estão próximos a CM ↙ demonstrando que o contato se incide naquele local, no entanto essa escolha não comprometeu o significado do sinal.

Produção de S2

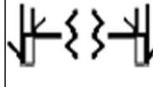
S2 dispôs os símbolos de contato ao lado dos símbolos de CMs, o que não gera nenhuma modificação no significado do sinal, não havendo nenhuma observação contrária a essa escrita.

Produção de S3

Nessa produção S3 usou o mesmos elementos presentes no quadro modelo, porém com os símbolos de contato mais próximos da configuração de mão ↙. A inclusão do símbolo ↕ não prejudica o entendimento do sinal, apenas evidencia que o sinal foi produzido longe do sinalizante.

Produção de S4

Observa-se que os símbolos foram colocados de maneira ilegível, quase que sobrepostos. A composição dos símbolos de contato ** deveria estar próxima ao ponto de articulação do sinal, ou seja, próxima a CM ↙. Nota-se que o sujeito escreveu sinal tendo a mão esquerda como dominante. A inclusão dos símbolos de movimentos ↕ foi desnecessária já que a localização dos símbolos de contato no local correto orienta a direção do movimento do sinal.

Sinal 17 Namorar	S1	S2	S3	S4
				

Produção de S1

Não há observações na produção de S1, visto que ele incluiu todos os elementos necessários para o bom entendimento do sinal deixando a pilha clara.

Produção de S2

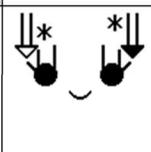
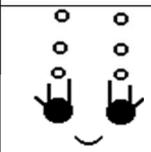
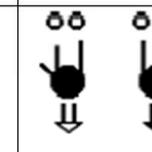
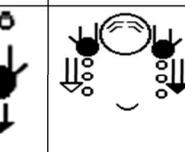
A duplicação do símbolo de movimento de dedo \checkmark (na vertical) alterou substancialmente o significado do sinal, uma vez que tal símbolo orienta o fechamento de todos os dedos da mão a partir das articulações do dedo.

Produção de S3

A apresentação do símbolo de movimento de dedos ξ (articulações da mão) paralelo as CM's, alterou o significado do sinal, uma vez que o símbolo inserido orienta fechar e abrir as articulações da mão juntas.

Produção de S4

Aqui também foram adotados todos os elementos presentes no quadro modelo o que gerou um sinal correto.

Sinal 18 Especial	S1	S2	S3	S4
				

Produção de S1

Foi incluído o símbolo * (contato) ao invés de ☐ (articulação abrindo), o que alterou o significado do sinal, pois não evidencia a abertura dos dedos. Outra observação pode ser feita quanto a inclusão dos símbolos ⇓⇓ (movimentos da mão esquerda e direita para baixo – plano parede) que seria desnecessária se a inclusão do símbolo de articulação/abertura dos dedos tivesse sido realizada.

Produção de S2

S2 escolheu exatamente todos os elementos e os dispôs na mesma ordem do quadro modelo produzindo um sinal correto.

Produção de S3

Nota-se que a junção do símbolo de movimento de dedo ☐ não alterou o significado do sinal, porém a não inclusão do símbolo de simultaneidade ☺ e a inclusão do símbolo de movimento na vertical ⇓ geram ambigüidade⁸³ na pilha.

Produção de S4

Nesta pilha o sujeito 4 adotou todos os símbolos presentes no quadro modelo com algumas outras inclusões. Nota-se que a inclusão dos símbolos de movimento ⇓⇓ (vertical para baixo) é desnecessária, uma vez que os símbolos de contato dão conta da orientação do movimento do sinal, ao passo que a inclusão do símbolo de cabeça é subjetiva e opcional.

⁸³ Ambigüidade é a possibilidade de uma mensagem ter mais de um sentido, neste caso, o símbolo acima da cabeça poderia significar “beijar a testa” ou “beijar o rosto” se levarmos em consideração a posição do símbolo de configuração de mão.

Sinal 19 Beijos no rosto	S1	S2	S3	S4

Produção de S1

Foi incluído ← o símbolo (movimento da mão direita para o lado – visão panorâmica) na formação da pilha. A escolha não alterou o significado do sinal, porém a inclusão do sinal de contato acima da cabeça gerou ambiguidade, atribuindo-lhe o sentido de *beijar a testa/cabeça*.

Produção de S2

S2 usou os mesmo elementos e a mesma ordem do quadro modelo, produzindo um sinal correto.

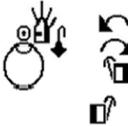
Produção de S3

A não repetição do símbolo de contato * singularizou⁸⁴ o sinal. Essa escrita reduziu a oração sinalizada em vídeo.

Produção de S4

S4 também não repetiu o símbolo de contato. Esta escrita possui as mesmas características da escrita do sujeito anterior, porém sem a marcação do ponto de articulação.

⁸⁴ Neste caso a repetição do símbolo deixa o sinal no plural, ao passo que a inclusão de um só símbolo remete ao singular, ou seja, “beijo” no rosto.

20- Bombeiro	S1	S2	S3	S4
				

Produção de S1

A inclusão do símbolo ⚙ (movimento circular do pulso) e a não marcação do local onde o sinal incide na cabeça, comprometeram o significado. Nota-se também que foram incluídos outros elementos como: 🌬 (sopro no ar), 🖐 (mão em concha), ✋ (movimento da mão esquerda). Tais elementos não alteraram o significado do sinal, no entanto colocaram-no em outra classe⁸⁵ gramatical.

Produção de S2

Aqui foi adotada a mesma disposição do quadro modelo; o sinal está correto

Produção de S3

S3 também utilizou sinais não constantes do quadro modelo: o sinal de movimento ↓ (para trás e por cima) próximo a CM 🖐, a CM 🖐 (dedos polegar e maior juntos) e ↶ (movimento pra frente e para o lado) respectivamente. Tais escolhas não alteraram o significado do sinal, mas evidenciaram a alofonia dele.

Produção de S4

S4 cometeu algumas falhas. A escolha do símbolo de CM 🖐 com dedos separados (mão aberta com polegar para dentro, palma da mão na horizontal paralela ao chão), a inclusão do símbolo ⚙ (movimento de pulso circular) e do símbolo de contato @, alteraram o significado do sinal.

⁸⁵ O sinal do quadro modelo foi realizado na categoria verbal, isto é, BOMBEIRO, no entanto a produção do sujeito S1 alterou essa categoria gramatical, uma vez que a escrita do mesmo descreve uma ação semelhante a “O BOMBEIRO USA A MANGUEIRA D’AGUA”.

As produções dos sujeitos da pesquisa mostraram que determinadas ocorrências indicam padronização e variação da ELS de surdos usando o SW que podem ser identificados como:

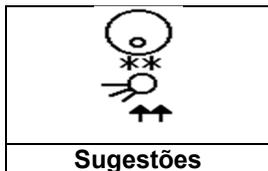
(a) Aspectos padronizadores:

- Os símbolos que representam as CM's foram centralizados na pilha.
- Os símbolos de contato na sua maioria foram escritos à esquerda dos símbolos de CM.
- Os símbolos de movimento foram inseridos à direita da CM.
- Nos sinais com PA na cabeça o símbolo de cabeça foi escrito no centro, os símbolos de contato, de configuração de mão e de movimento à direita.
- O símbolo de contato é o principal elemento de ligação da pilha, onde não é permitido dois símbolos diferentes por pilha.
- A repetição de símbolos só é permitida quando forem dois símbolos iguais.

(b) Aspectos variantes:

- Alguns sinais podem ser escritos com símbolos diferentes sem alterar o seu significado,
- Em alguns sinais o símbolo de contato foi escrito entre as CM's,
- A variação da escrita na maioria dos casos esteve na posição dos elementos na pilha.
- A ordem dos elementos varia de acordo com a perspectiva de quem escreve.

4..1.1 Algumas sugestões ortográficas

**Sinal 53** – Sugestões

As sugestões descritas a seguir partem dos mesmos pressupostos mencionados no tópico teórico 1.3.1.3, apoiando a padronização, o fortalecimento da língua escrita e a consolidação deste sistema na Comunidade Surda, além de propor uma escrita mais segura e econômica. A seguir algumas sugestões de *ortografia* para a *ELS/SW*.

Exemplos de grafia do sinal CACHORRO:

Exemplo 1	Exemplo 2
Descrição – símbolo de cabeça com símbolo de configuração de mão abaixo e símbolo de contato abaixo da CM.	Descrição – símbolo de cabeça com símbolo de contato à direita.

QUADRO 38 - Variações da escrita do sinal “CACHORRO” em *SignWriting*.

Justificativa	
	A inserção do símbolo de contato entre as CM's deixa o movimento mais preciso e de fácil leitura, uma vez que os contatos estão inseridos no local onde incide o movimento do sinal, diferente dos dois casos acima, onde o símbolo de contato está escrito abaixo e ao lado da CM, respectivamente, deixando a leitura ambígua, fazendo com os leitores pensem que o movimento e o contato são produzidos no peito ou ombro do sinalizante.

QUADRO 39 - Proposta de escrita padronizada no sinal “CACHORRO” em *SingWriting*.

As escritas econômicas se referem aquelas que utilizam menos símbolos, contudo não perdem seu significado, ao contrário trazem informações exatas e claras, além de serem mais eficazes a ponto de registrar com mais rapidez as informações desejadas. A economia em pilha acontece com a aproximação dos símbolos sem prejuízo da visibilidade nem do significado do sinal, desse modo a pilha é um elemento *economizador*.

A mesma proposta de regra pode ser usada também em escrita de sinais que são produzidos com duas mãos. No quadro abaixo demonstrarei novamente a justificativa da proposta com exemplos de variações escritas do mesmo sinal, no caso “CONVERSAR”:

Exemplo 1	Exemplo 2
	Descrição – símbolo de contato é escrito acima dos símbolos de configuração de mão.
	Descrição – símbolo de contato é escrito à direita do símbolo de configuração de mão da mão dominante.

Quadro 40 - Variações da escrita do sinal “CONVERSAR” em *SignWriting*.

Justificativa	
	A inserção do símbolo de contato entre as CM's deixa o movimento mais preciso e de fácil leitura, uma vez que os contatos estão inseridos no local aonde acontece o sinal (contato), diferente dos dois casos acima, onde o símbolo de contato está escrito abaixo e ao lado da CM, respectivamente, deixando a leitura ambigua, fazendo com os leitores pensem que o movimento e o contato é feito no peito ou ombro do sinalizante.

Quadro 41 - Proposta de escrita padronizada no sinal “CONVERSAR” em *SingWriting*.

As contribuições teóricas feitas até aqui serviram de ponto de partida para a presente pesquisa. O arcabouço apresentado neste capítulo colaborou com os diagnósticos para a identificação de variações ortográficas que são mais frequentes que regularidades e estão mais fundamentadas na escrita de

surdos. No entanto, os erros encontrados nas produções dos sujeitos foram analisados levando em consideração a subjetividade dos mesmos e a alofonia dos sinais da Libras, pois este trabalho tem uma função não somente científica como social para com a Comunidade Surda, para que ela possa se articular de modo seguro e que se desenvolva cultural e socialmente através da ELS.

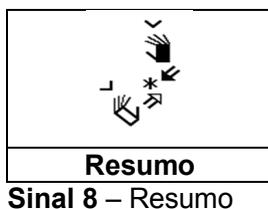
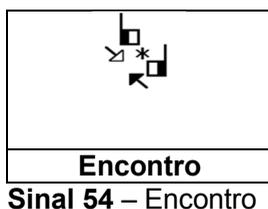
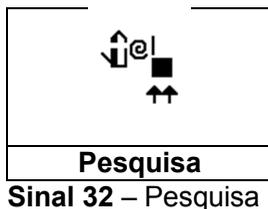
A pesquisa evidenciou que a orientação em pilha é um elemento que contribui com a organização mais limpa e econômica do sinal escrito. Sobre a pilha, a presente pesquisa identificou que:

- O símbolo de contato é o principal elemento de ligação entre os símbolos.
- Cada parte da pilha comporta somente duas CM's, exceto nos casos dos sinais compostos,
- Não é aceito mais de um tipo de símbolo de contato por pilha, salvo em casos de duplicação do mesmo símbolo,
- A duplicação de símbolos de movimento alteram a classe gramatical dos sinais escritos em pilha, no entanto a duplicação é permitida,
- Na pilha os símbolos de movimento são inseridos próximos aos símbolos de configuração de mão dominante.

Nesta pesquisa não foi possível medir o nível de escrita dos sujeitos, uma vez que a modalidade da ELS foge de padrões avaliativos de nível de escrita de línguas orais (Pré-Silábica; Silábica; Silábico-Alfabética), porém fomenta a criação de métodos próprios de análise, e, obviamente, outros fatores podem ser identificados no processo de letramento de surdos em ELS.

Nesse sentido conforme ocorrências aqui evidenciadas a ELS se desenvolve em aspectos fono-morfológicos semelhantes aos níveis de escrita da língua oral. Esta pesquisa é pioneira e pode colaborar com os pressupostos da Psicogênese da Língua Escrita para crianças surdas.

4.3 REFLEXÕES SOBRE A ANÁLISE FONE-MORFOLÓGICA



A análise fono-morfológica da Libras através da ELS é um assunto novo no mundo acadêmico. A presente pesquisa tratou desse tema e, para responder os questionamentos e objetivos levantados foi feita uma entrevista e aplicado um teste escrito no sistema SW de vinte sinais da Libras a fim de demonstrar os objetivos desta pesquisa e esclarecer as hipóteses apresentadas.

Para isso um aporte teórico foi montado para as análises. Para as produções escritas o arcabouço teórico teve como base as regras de grafia e modificações gráficas observadas anteriormente por Stumpf (2008).

Para as entrevistas o trabalho de Silva (2009) colaborou na observação das singularidades e subjetividades presentes. Uma relação referencial foi preparada tendo em sua base autores da

área de educação de surdos: Sacks (1989); Skliar (1999); Quadros (1997;2005); Salles (2004); Reis (2006); Silva (2009); autores da cultura surda: Moura (2000); Perlin (2003); Lane (1992); Strobel (2008); autores da estrutura da Libras: Quadros (1995;1997); Felipe (1988); autores de aquisição de línguas: Silva (2004); Quadros & Karnopp (2004); e autores da ELS: Sutton (1974); Stumpf (2004; 2005); Capovilla (2004).

Para responder a primeira pergunta específica, foram coletados 80 sinais escritos em *SW*. De acordo com as análises as principais similaridades e subjetividades aparecem nas escritas alofônicas. Essa característica foi identificada em pilhas formadas por elementos diferentes, mas que expressavam o mesmo significado. Quanto a singularidade da escrita, esta se manifestou na disposição dos elementos na pilha dos símbolos de contato e de movimento.

O objetivo desta pesquisa foi alcançado já que conseguiu identificar os aspectos que indicam padronização e variação na ELS. Com base nisso, a análise das entrevistas indicou que o curso de Letras/Libras teve significativa contribuição na difusão e no uso do sistema criado por Sutton (1974) no Brasil e que a leitura em *SW* tem um ritmo próprio que não é rápido, porém é mais compreensiva que a leitura em LP. As entrevistas também sugerem a necessidade de atualização no sistema de edição *SW-Edit* quanto à organização das CM's.

A análise da produção escrita revelou que as ordens predominantes dos símbolos dos parâmetros fonológicos da Libras, em pilha, são as seguintes: a) para todos os sinais: CM no centro, símbolo de contato à esquerda e símbolo de movimento à direita, (Contato<CM>Mov); b) para sinais com PA na cabeça: símbolo de cabeça no centro, símbolo de contato, de configuração de mão e de movimento à direita, (Cabeça: Contato>CM>Mov). Além disso, as produções evidenciaram que o símbolo de contato é o principal elemento de ligação da pilha, onde não é permitido mais de um tipo por pilha. A subjetividade da escrita se apresentou nas escolhas dos símbolos de contato e de movimento, visto que cada sujeito escreve o mesmo sinal a partir da sua *pronúncia* com suas variações características da alofonia da língua. Nas produções escritas foram utilizadas como parâmetro de análise regras de grafia observadas anteriormente por Stumpf (2008). A análise geral foi subdividida

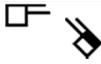
em outras análises que foram divididas em: *ponto de vista expressivo* – observação do emprego da perspectiva pessoal nas suas escrita (quadro 5), *posição de contato* – análise da composição dos elementos em pilha, e da posição dos símbolos de contato em relação aos outros componentes da pilha (quadro 9), *movimento* – verificação da obediência as orientações mencionadas no livro “Lições sobre o *SignWriting*” em suas produções (quadros 12 a 15), *configuração de mão* - análise da escrita dos símbolos de configurações de mão correspondentes as CMs (quadro 8).

Além dos parâmetros de Stumpf, foram observados: *escrita em pilha* – verificação da composição e análise da posição dos símbolos usados (quadro 26) e, *ordem dos símbolos* – comprovação de uma ordem regular entre os escritos. Os resultados destas análises foram refletidas no item 4.2.1.

O processo de escrita dos sinais foi analisado através dos conjuntos de fonemas. Cada sinal se constitui numa sucessão de fonemas, que se alternam quanto a ordem e posição dos símbolos que os representam, por isso a análise foi fonomorfológica⁸⁶.

O quadro na página seguinte apresenta alguns parâmetros que podem ser analisados por meio da decomposição do sinal escrito através do estudo dos símbolos separados.

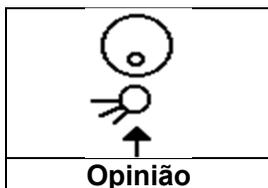
⁸⁶ Para Quadros (2004) a morfologia na Libras, é o estudo da estruturas interna dos sinais e das regras que determinam a formação do sinal. Alguns parâmetros fonológicos da Libras possuem significado independente da composição do sinal, sendo morfemas. Os morfemas são unidades mínimas de significado.

Sinal	P.A	CM	Contato	Mov.	Legenda
	 Face		*	Não necessário	Segunda-feira
	 Ombro		**		Passear
	Espaço neutro		NÃO POSSUI		Usar
	Espaço neutro		@		Faca

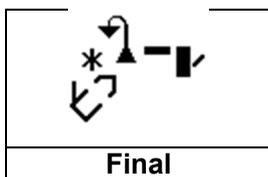
Quadro 42 – Decomposição fono-morfológica dos sinais

Legenda - (P.A – Ponto de Articulação; CM - Configuração de mão, MOV-movimento)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Sinal 55 – Opinião



Sinal 56 – Final

A maioria das pesquisas feitas no Brasil sobre a escrita de surdos não leva em consideração que esses sujeitos são usuários de uma língua visual, e têm a Língua Portuguesa como L2. Por isso grande parte dela se restringe em apontar os erros e evidenciar as *dificuldades* dos surdos em compreender textos em LP. De encontro a isso, diversas pesquisas apontam para a importância da escrita de sinais para pessoas surdas. Desde modo, as análises da presente pesquisa motivam reflexões no que tange a importância da escrita em ELS para pessoas surdas.

Refletir sobre o letramento de surdos, sobre sua leitura e escrita é ainda uma tarefa muito árdua, empreitada que assusta e desmotiva diversos educadores e pesquisadores quando se deparam com a aversão de alguns surdos à escrita e leitura de uma Língua Oral – LO, devido as frustrações acumuladas no período escolar. Com base nisso as observações trazidas aqui favorecem um novo olhar para o letramento de surdos, na medida que apresenta dados significativos da experiência de surdos com a escrita em ELS.

As divergências e similaridades na escrita as características individuais que influenciaram a produção mais padronizada foi certamente, o ingresso dos mesmo no curso de

Letras/Libras. Desse modo, a importância do curso e sua formação específica.

Os resultados da presente pesquisa parecem corroborar com essa reflexão, uma vez que percebem que a ELS oferece aos sujeitos surdos além de uma auto-estima elevada, vários benefícios que antes eram negados, benefícios esses como: aumento de vocabulário; desenvolvimento do senso crítico; estímulo da criatividade, além da ampliação do conhecimento geral.

Com base nas repostas obtidas nas entrevistas podemos afirmar que publicações em ELS/SW são essenciais para desenvolvimento da leitura e conseqüentemente, da escrita em ELS, visto que o hábito de ler se reflete no domínio da escrita.

Partindo desse princípio, podemos assegurar que o processo de leitura em ELS ainda é mais lento do que a leitura de textos escritos no sistema alfabético latino. No entanto, são mais compreensíveis que textos em Português.

Ficou constatado através das entrevistas que em alguns casos os sujeitos surdos usam a ELS para suprir a falta de conhecimento lexical e sintático em LP, na qual não são fluentes. Por isso eles procuram *misturar* as duas línguas presentes em seus contextos sociais, assim ao escreverem, utilizam a estrutura da Libras com palavras do Português. Nota-se que neste caso, o sentimento de frustração e de impotência é amenizado quando os sujeitos conseguem registrar as informações através da ELS, mesmo que essa não seja a sua escrita principal.

A função compensatória da ELS foi constatada através das respostas obtidas. O suporte que a ELS tem na escrita de surdos em LP pode dar continuidade a produções nessa modalidade, ao passo que essas *transferências* (LP x LBRAS) podem ser benéficas, uma vez que essa relação gera maior conhecimento lexical em ambas as línguas.

O empoderamento que a ELS oferece aos surdos é visível em todos os relatos. O sentimento de *capacidade* de elaboração cognitiva através da escrita foi percebida através das expressões e movimentos feitas pelos sujeitos enquanto sinalizavam durante a entrevista, onde os sinais de “CAPACIDADE” e “VERDADE” foram elaborados com mais ênfase.

As produções evidenciaram também que o símbolo de contato é o principal elemento de ligação da pilha, onde não é

permitido mais de um tipo por pilha. A particularidade da escrita se apresentou nas escolhas dos símbolos de contato e de movimentos, visto que cada sujeito escreve o mesmo sinal a partir da sua *pronúncia*, com suas variações característica da alofonia da língua.

Deste modo, a ELS, conforme as ocorrências aqui registradas se desenvolve em aspectos fono-morfológicos semelhantes aos níveis de escrita da língua oral. Esta pesquisa é pioneira e pode colaborar com os pressupostos da Psicogênese da Língua Escrita para crianças surdas.

BIBLIOGRAFIA

AUBERT, F. H. **As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor**. Campinas- SP: Editora da Unicamp, 1994.

BARROS, Eudenia M. . **O Mundo do Silêncio – Uma Breve Contextualização da Trajetória do Indivíduo Surdo na Humanidade**. Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade, v. 7, p. 7, 2011.

BRASIL. **Decreto-lei n.5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Dispõe sobre a regulamentação de língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm Acesso em: 20/03/2011.

BRASIL. **Lei 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Libras. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm Acesso em : 20/03/2011.

BROWN, H. Douglas. **Principles of language learning and teaching**. 4. ed. New York: Longman, 2000.

CABRÉ, Maria T. **Princípios Teóricos sobre la terminología, ámbito y unidades de estudio**. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.

CAMPELLO, A.R.S. **Pedagogia Visual/Sinal na educação dos surdos**. In: QUADROS, R.M. e PERLIN, G.T.T. (Org.). Estudos Surdos II. Petropolis, RJ: Arara Azul, 2007.

CAPOVILLA, F. C. & RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Editora da USP, V. 1 e 2, 2001

_____. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe Língua Brasileira de Sinais – Vol. I A a L e Vol.II M a Z**, USP, 2004.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística.** Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença/ São Paulo: EDUSP, 1979.

COSTA, M. V. **Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema.** In: Costa, Maria Vorraber. (Org.) 2 edição. Porto Alegre, UFRGS, 2004, p.254.

CRYSTAL, David. **The Cambridge Encyclopedia of Language.** 2 ed. Cambridge: CUP, 1997.

FELIPE, Tanya A. **O Signo Gestual-Visual e sua Estrutura Frasal na Língua dos Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.

FERNANDES, E. **Problemas Linguísticos e cognitivos nos surdos.** Rio de Janeiro: Agir, 1989.

FERNANDES, Seuli. **É possível ser Surdo em português? Língua de sinais e escrita: uma busca de uma aproximação.** In: SKLIAR, Carlos (org). *Atualidade da Educação Bilíngue para surdos.* v.2 Porto Alegre: Ed. Mediação, 1999.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / UFRJ, 1993

_____. **Estrutura Lingüística da LIBRAS.** In: BRASIL. *Educação Especial Deficiência Auditiva: Série Atualidades Pedagógicas.* Brasília: MEC/SEESP, 1997.

FREEMAN, R. **Bilingual Education and Social Change.** Clevedon: Multilingual Matters, 1998.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam.** 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FRIZANCO, Mary L. E. HONORA Márcia. **Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez.** Ciranda Cultural, 2009.

GOES, M. C. R. de. **A Linguagem escrita de alunos surdos e a comunicação bimodal, Livre-Docência em Psicologia Educacional.** UNICAMP, 1994 (p.153 – 181)

_____. **Linguagem , surdez e educação.** Campinas: Ed Aut. Associados. LOPES, Alice. R. C. **Pluralismo cultural: preconceito ou consenso ou assumindo o conflito?** In: Revista Espaço: informativo técnico-científica do INES. N.8 Rio de Janeiro, jul/dez, 1997.

GOLDFELD, M. **A criança surda.** São Paulo: Plexus Editora, 1997.

GOODE, W. J. & HATT, P. K. - **Métodos em Pesquisa Social.** 3ªed., São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969.

GUARINELLO, A. C. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos.** São Paulo: Plexus, 2007.

HORNBERGER, N.H. **Extending enrichment bilingual education: Revisiting typo-logies and redirecting policy.** In: O. GARCIA (org.) Bilingual Education Focusschrift in Honor of Joshua A. Fishman. Volume 1. Philadelphia: John Benjamin,.1991
KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento.** Campinas: Mercado de letras, 1995.

LANE, H. **A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada.** Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

LENNEBERG, E. **Biological foundations of Language.** New York: Wiley, 1967. 489 p.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica e etnopesquisa-formação.** Brasília: LíberLivro Editora, 2006.

MAGALHÃES JUNIOR, Ewandro. **Sua Majestade, o Intérprete: o fascinante mundo da tradução simultânea.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MORAIS, A. G. De. **Ortografia: ensinar e aprender.** São Paulo: Ática, 1997.

MOURA, M.C. **O surdo: caminhos para uma nova identidade.** Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

NOVAK, P. **A política do corpo.** *Texto apresentado no V Encontro de Performance do Instituto Hemisférico.* Belo Horizonte. 2005

OLIVEIRA, A. M. M. **A formação de professores alfabetizadores: lições da prática.** In: GARCIA, R. L. **Alfabetização dos alunos das classes populares:** São Paulo, 1998, p. 70-71).

PERLIN, Gladis T. T. **O lugar da cultura surda.** In: THOMA, A.S e LOPES, M.C (org). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação.** Santa Cruz do sul: EDUNISC, 2004.

_____. **Identidades surdas.** In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez; Um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 2005.

_____. **O ser e o estar sendo surdos: Alteridade, diferença e identidade:** Tese de doutorado em Educação: UFRGS, 2003.

POCHE, B. **A construção social da língua.** In: VERMES G.; BOUTET, J.(Org.). **Multilingüismo.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

QUADROS, R.M. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. **Alfabetização e o ensino da língua de sinais.** Artigo submetido para publicação na revista. Textura/ULBRA, II, 2000.

_____. **O Bi do bilinguismo na educação de surdos.** In: Surdez e bilinguismo.1 ed.Porto Alegre: Editora Mediação, 2005, p.31.

_____. **Inclusão de Surdos.** In: Ensaio Pedagógicos: construindo escolas inclusivas: 1ed. Brasília, MEC, SEESP, 2005

_____. **Idéias para ensinar português para surdos.** Brasília: MEC/SEESP, 2006.

_____. **Políticas lingüísticas: as representações das línguas para os surdos e a educação de surdos no Brasil.** Disponível em www.ipol.org.br/ler.php?cod=382. Acesso em 21/06/2010.

QUADROS, R.M. e KARNOPP, L.B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

RANGEL, G. M. ; STUMPF, M. **A Pedagogia do diferente para surdo.** In: LODI, A. HARRISONK. CAMPOS, S. (Org) et al. **Leitura e escrita: no contexto da Diversidade.** Porto Alegre;Mediação, 2004.

REILY, Lucia. **O papel da Igreja nos primórdios da educação dos Surdos.** Revista brasileira de Educação. Maio-agosto, ano/vol. 12. N.035. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, São Paulo.2007.

REIS, F. Professor Surdo: **A Política e a poética de transgressão pedagógica.** Florianópolis: UFSC,2006, p.88.

ROCHA, Márcia S. **O Processo de Inclusão na Percepção do Docente do Ensino Regular e Especial.** Monografia apresentada como conclusão do curso de Pós- Graduação em

Educação Especial – Área de Deficiência Mental, Universidade Estadual de Londrina. 2000, p. 3-10.

ROJO, Roxane. **O letramento na ontogênese: uma perspectiva socioconstrutivista.** In: ROJO, Roxane. Alfabetização e letramento: perspectivas lingüísticas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

RUSSO, Angela. **Intérprete de língua brasileira de sinais: uma posição discursiva em construção.** Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre. 2012.

SACKS, O. W. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos.** Tradução de MOTTA, L. T. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SALLES, H. M. M. L. *et al* **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica.** Brasília: MEC/SEESP, 2004

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado.** São Paulo: Hacker Editorares, 2001, p.145

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix 1969.

SILVA, F. I. da. **Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais: *SignWriting*.** Dissertação (Mestrado em Educação). Florianópolis. 2009.

SILVA, R.S. e FAVORITO, W. **Surdos na escola: letramento e bilingüismo.** MEC:Cefiel/IEL/Unicamp, 2008.

SILVA, V. Estudo Surdos III: Cap.4 - **As representações em ser surdo no contexto da educação bilíngue,** 2008.

SIMÕES, Darcilia & DRUTA, V. L. R. **A iconicidade, a leitura e o projeto do texto,** In: **Linguagem & Ensino.** [ISSN 1415 – 1928]. Vol.7 número. Jul/Dez. Pelotas: UCPel, 2004,p. 39

SKLIAR, C (org). **Atualidade da educação Bilíngue para Surdos.** v2 Porto Alegre: Mediação. 1999.

_____. **La educación de los sordos: Una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica.** Mendonça: EDIUNC, 1997. *Educação bilíngüe para os surdos.* In: *Revista Espaço*, p. 49-57, 1997 a.

_____. **A reestruturação curricular e as políticas educacionais para as diferenças: o caso dos surdos.** In: SILVA, L. da; AZEVEDO, J. C. e SANTOS, E. *Identidade social e construção do conhecimento.* Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1997.

_____. **Uma análise preliminar das variáveis que intervêm no Projeto de Educação Bilíngüe para os Surdos.** Espaço Informativo Técnico Científico do INES, Rio de Janeiro, v. 6, p. 49-57, 1997.

_____. **Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial.** Porto Alegre, R.S: Mediação, 1997, p.9

_____. **Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças.** In: SKLIAR, C. (Org). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. **A invenção e a exclusão da alteridade deficiente a partir dos significados da normalidade.** *Revista Educação e Realidade.* Das diferenças, v.24, n. 02. Porto Alegre, julho/dezembro, 1999.

_____. **A Localização Política da educação bilíngüe para surdos.** In SKLIAR, Carlos (org.). *Atualidade da educação bilíngüe para surdos.* Porto Alegre: Mediação, 2v., p.7-14. 2000

SOARES. M. **Letramento: Um Tema em Três Gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica/CEALE, 1998.

SOUSA, A. N. de. **The book is not on the table: o desenvolvimento da escrita de surdos em Língua Inglesa (LE).** In: QUADROS, R. M. de.; STUMPF, M. R. (Orgs.). *Estudos Surdos IV.* Arara Azul, 2008. pp. 208-241.

SOUZA, M. M. P. de. **Educação de surdos: é possível aprendizagem num ambiente com pessoas que ‘falam’ línguas diferentes?**. Monografia (Especialização em Administração Escolar). Pró-Reitoria de Educação Continuada. UVA: Sobral, 1999.

STOKOE, W. C. **Sign Language Structure**. (Revised Ed. Printed in 1978) Silver Spring, MD: Linstok,, 1960.

STONE, C. **Toward a Deaf Translation Norm**. Washington-DC, USA: Gallaudet University Press, 2009.

STROBEL, Karin. **Surdos: Vestígios Culturais não registrados na história**. Tese de doutorado em Educação: UFSC, p. 176. 2008

_____. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: UFSC, 2008, p. 56.

STUMPF, M. R. **Língua de Sinais no currículo da Escola Especial**. Logos (Canoas), Canoas, v. 10, n. 2, p. 13-24, 1998.

_____. **Aprendizagem De Escrita De Língua De Sinais Pelo Sistema *SignWriting*: Línguas De Sinais No Papel E No Computador**. Porto Alegre: Ufrgs, 2005. Tese (Doutorado Em Informática Na Educação), Pós-Graduação Em Informática Na Educação, Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, 2005.

_____. **Sistema *SignWriting*: por uma escrita funcional para o surdo**. In: Adriana Thoma e Maura Corcini Lopes. (Org.). **A invenção da surdez cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. 1 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, v. 162, p. 143-159

_____. **Mudanças Estruturais para uma Inclusão**. In: Ronice Müller de Quardros. (Org.). **Estudos Surdos III**. 1 ed. Petrópolis: Arara Azul, 2008, v. 1, p. 16-31.

_____. **A Educação Bilingue para surdos: relatos de experiências e a realidade brasileira.** In: Ronice Quadros; Marianne Stumpf. (Org.). Estudos Surdos IV. 1 ed. Petropolis, RJ: Arara Azul, 2009, v. 4, p. 426-451. t

SUTTON, V. 1981. **Sign writing for everyday use.** La Jolla: Deaf Action Commintee for Sign Writing.
TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização.** São Paulo: Cortez, 1997

TRAVAGLIA, Luiz Carlos . **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no primeiro e segundo graus.** S.P. Cortez, 1996. pp 41-66

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

<http://www.signbank.org/SignPuddle1.5/translate.php?ui=12&sgn=46>. Acesso em 20 out. 2010.

<http://www.signwriter.org/>. Acesso em 20 out. 2010.

<http://www.SignWriting.org/archive/docs6/sw0569-BR-2008-Stumpf-ELSIll.pdf> Acesso em 20/10/2010. Acesso em 20 out. 2010. nathalieop@gmail.com

APÊNDICE A – Historinha “A menina e o cão” em ELS/SW



FONTE – Internet (2010)

Transcrição⁸⁷ em português dos sinais feito em *SignWriting*.
 MULHER BAIXA JUNTO CÃO ALTO PESADO NÓS_{DOIS} IR
 PASSEAR, MULHER PEGAR CÃO COLEIRA JUNTO
 ANDAR_{CÃO}, ELE_{APONTAÇÃO} CÃO RABO_{ABANAR} MULHER SUSTO
 PUXADA GRITO PARE CÃO TEIMOSO ANDAR PASSO_{PATA-}
 DIREITA PASSO_{PATA-ESQUERDA} PASSO_{PATA-DIREITA} MULHER PUXAR
 CÃO PESADO ANDAR, MULHER GRITO FORTE CÃO SUSTO
 OLHARME ORELHAS_{PARA-BAIXO} SENTOU_{EM-CIMA-DA-PATA},
 MULHER OFEGANTE OFEGANTE BRAVA MULHER JOGAR-
 FORA_{DO-PESCOÇO} COLEIRA CÃO SENTOU_{EM-CIMA-DA-PATA}
 RABO_{ABANAR} RABO_{PARA-BAIXO}, MULHER DESISTIR EMBORA,
 CÃO TRISTE VOLTAR CASA DORMIR. FIM.

Versão⁸⁸ em Língua Portuguesa

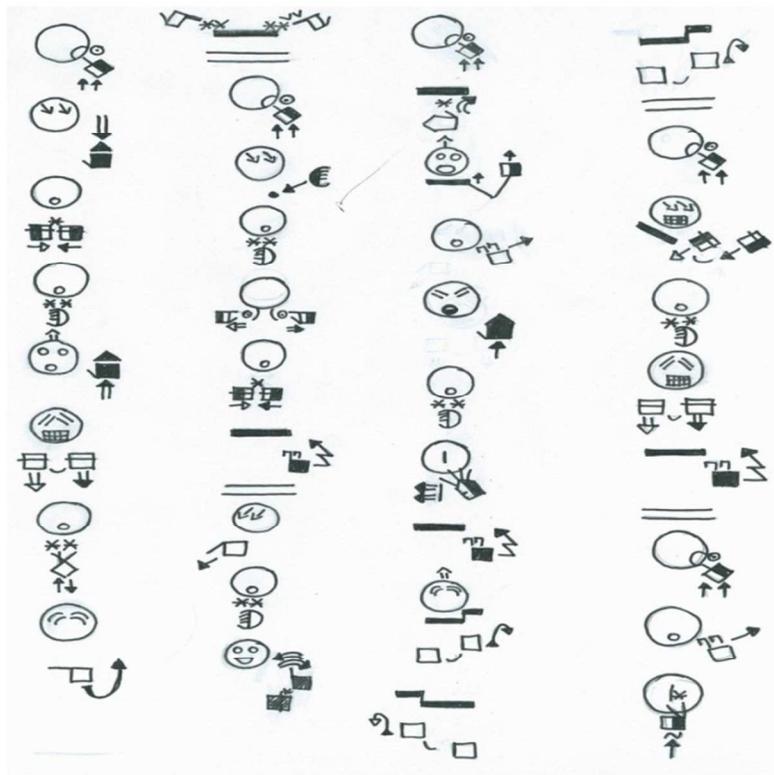
A menininha e o seu cão adoram sair para passear, mas o cão é muito grande e pesado, por isso, ela sempre coloca a

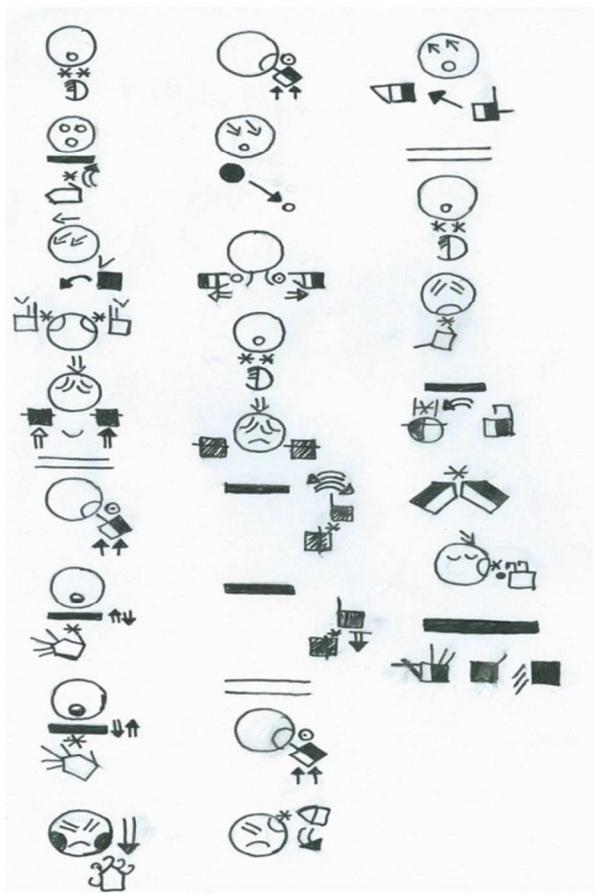
⁸⁷ O sistema de notação adotado nesta transcrição é livre e de autoria do autor em conjunto com Jonathan Sousa e segue a seguinte lógica: os sinais foram traduzidos literalmente para a palavra com significado mais próximo em português e com informações adicionais subscritas as palavras para indicar uso de classificadores ou incorporação dos personagens.

⁸⁸ A versão em português também seguiu uma tradução livre abrindo mão da literalidade da tradução em favorecimento do significado da história.

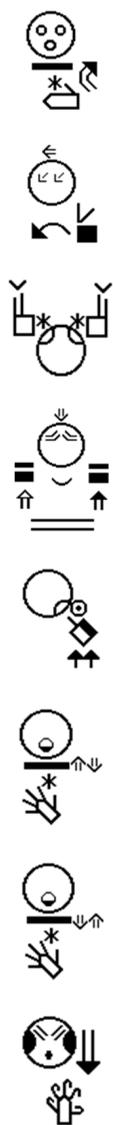
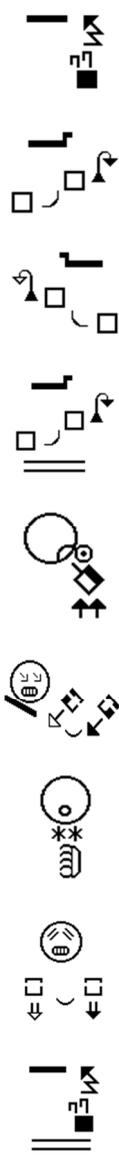
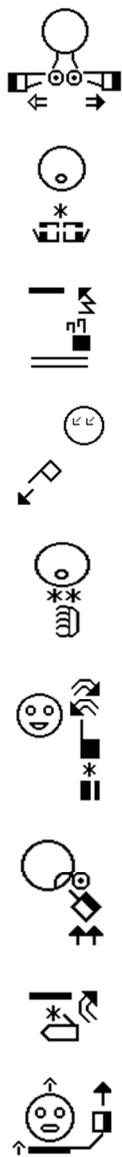
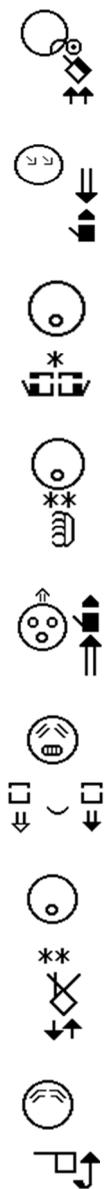
coleira nele quando vão sair. Toda vez que saem o cão sempre fica animado, abanando seu rabinho. Certo dia, assim que a menina colocou a coleira no cão teve um grande susto, pois o cão saiu correndo com coleira e tudo, arrastando a menina enquanto ela gritava. Mas, mesmo assim ele não “dava bola” e continuava caminhando passo a passo. Enquanto isso, a menininha tentava puxá-lo, mas o cachorro era muito pesado. Foi então que ela deu um forte grito: - “pare”. O grito foi tão forte que assutou o próprio cão, que ao vê a reação da menina abaixou as orelhas e ficou quietinho. A menina ficou tão brava com seu cão que tirou a coleira fora e foi embora, com isso o cachorrinho ficou triste, logo, seu rabo “murchou” e ele então, voltou para a casa e foi dormir. FIM.

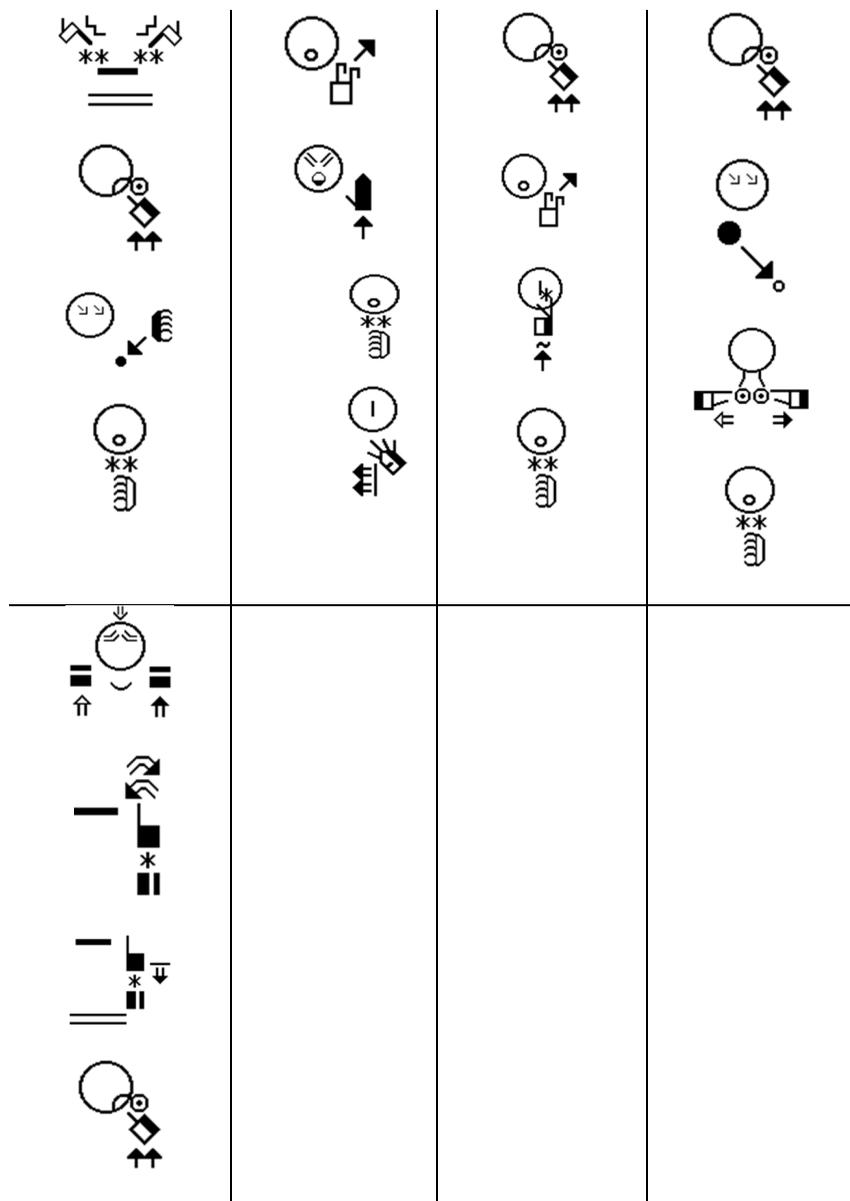
Versão em ELS/SW escrita simplificada





Versão em ELS/SW escrita padrão







APÊNDICE B – Sondagem

1. Qual a sua idade? _____
2. Grau de escolaridade:
 Ensino Médio incompleto – série: _____
 Ensino Médio completo
 Ensino Superior incompleto – semestre: _____
 Ensino Superior completo
3. É filho (a) de pais surdos ou ouvintes
4. Trabalha com educação de surdos?
5. Qual o seu grau de surdez:
 leve
 moderada
 severa
 profunda
6. Qual a origem de sua surdez?
7. Com que idade você começou a usar Libras?

8. Considera-se fluente em Libras?
9. Quais os tipos de comunicação que você utiliza?
 Libras
 português oral (produção)
 leitura labial
 português escrito (leitura/escrita)
 mímica
 outro _____
10. Qual o nível de escrita em Língua Portuguesa?
 ruim
 razoável
 bom
 péssimo

11. Qual o nível de escrita em ELS?

ruim

razoável

bom

péssimo

12. Conhece as regras da ELS? Conhece a escrita em pilha?

APÊNDICE C – Entrevistas

SUJEITO 1 – CHRISTIAN

1- Escolha um nome fictício para você.

Christian

2- Onde aprendeu a escrita de língua de sinais?

Meu primeiro contato com a ELS aconteceu no curso de Letras-Libras da turma de 2006. Eu aprendi nas aulas da Profa. Marianne Rossi com o manual de lições organizado por ela. Foi legal aprender naquele método com exercícios. A disciplina de ELS foi disponibilizada para nós já no primeiro semestre e foi importante entender que a LIBRAS pode ser escrita e que os surdos podem escrever o significado das coisas.

3- Há quanto tempo que você conhece a escrita de língua de sinais?

Há mais ou menos 4 (quatro) anos, sendo que no primeiro ano em que conheci a ELS aprendi pouco, depois me interessei e aprendi mais e melhorei minha escrita.

4- Você usa a escrita de língua de sinais?

Sim, mas não uso a ELS sempre. A maior dificuldade que eu acho é encontrar pessoas que utilizem o mesmo sistema para manter contato. Aqui em Fortaleza tenho alguns amigos surdos que utilizam o SW, como A, B e C* mas não é diariamente.

5- Você mantém contato com pessoas através da escrita de língua de sinais?

Atualmente sim, por causa do curso de Letras-Libras vários surdos têm usado a ELS. Aqui em Fortaleza, mantenho contato em SW somente com 3 (três) surdos alunos da UFC. Eu percebo que aprendo mais rápido quando converso em ELS. Eu mesmo, quando encontro com eles no MSN ou em qualquer lugar tenho vontade de falar sobre SW,[...] sobre os símbolos de configurações de mãos, sobre os de contatos, os de movimentos, etc. Sempre quando tenho dúvidas pergunto ao Rundesth*, ele tem mais conhecimento do que os meus amigos e também porque às vezes o manual tem falhas, está desatualizado ou coisa assim [...] já estou até ensinando a alguns amigos.

6- Qual o seu nível de interesse na escrita de língua de sinais?

Acho muito interessante a ELS porque é uma forma do Surdo poder escrever os sinais. Quando estou estudando e vejo alguma palavra em Português imediatamente, imagino como é em ELS.

7- Já ensinou a escrita de língua de sinais? Onde?

Já fui monitor da disciplina de ELS no curso de Letras/Libras do pólo da UFC para os alunos aprovados em 2008, também fui monitor voluntário para alunos em dependência das disciplinas de ELS. Nas duas experiências aproveitei para exercitar mais a minha escrita e melhorá-la. Quando monitor ensinava também através dos fóruns on-line disponibilizados na própria disciplina no Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem – AVEA. E mesmo quando não tinha fórum específico para ELS eu combinava com alguns surdos e íamos ao Centro de capacitação dos profissionais da Educação e de Atendimento às pessoas com Surdez – CAS, para estudar e tirar dúvidas.

8- Pesquisa sobre escrita de língua de sinais na internet ou em outros meios?

Antigamente eu só pesquisava a escrita de sinais num dicionário que tinha o SW, era o único dicionário do Brasil que tinha a ELS. Depois, já no curso de Letras-Libras nos apresentaram as disciplinas ELS I, II e III a partir no primeiro semestre. Foi então, que lembrei que já tinha pesquisado antes sobre isso. Hoje em dia, é mais fácil pesquisar sobre ELS o material traduzido e elaborado pela Prof.^a Marianne Rossi está todo disponível em PDF na internet. Assim fica mais fácil pra gente pesquisar. Foi através da internet que fiquei conhecendo a história da ELS, o trabalho com as crianças na Dinamarca entre outras coisas [...] O site* é muito legal, pois tem publicações, livros, etc.

9- Qual sua opinião sobre o sistema de escrita de língua de sinais (é bom, é falho), por quê?

O Sistema de ELS é bom. A maior dificuldade é procurar a configuração de mão (CM) correta, por isso acho que o sistema pode ser melhorado. Como o sistema é original dos EUA talvez na adaptação dos símbolos para a Libras não tiveram muita atenção quanto ao número de CM's usados na Libras. Hoje temos cerca de 126 (cento e vinte seis) configurações de mãos diferentes e algumas delas não estão sistematizadas no programa, por isso complica um pouco quando vamos usar.

10-Do que sente falta na ELS?

Sinto que falta, na verdade, o contato entre pessoas que usam ELS. Usávamos muito durante o curso de Letras/Libras, mas depois que as disciplinas são concluídas, praticamente, todo mundo pára de usar. Acho que precisa de mais incentivo no uso e no aprendizado do SW. Agora mesmo, estou me esforçando para manter o interesse das pessoas na ELS, eu mesmo estou pensando em lançar um manual de ELS.

11- Consegue ler mais rápido em escrita de língua de sinais?

A leitura em SW é mais fácil, mas é mais lenta, não é nada rápido. Nos exercícios das disciplinas de ELS II e III achei mais compreensível as histórias que lia, porém não as lia rapidamente, porque as histórias são feitas em outras regiões do Brasil, por isso surgem algumas dúvidas em relação ao significado dos sinais escritos. Às vezes quando perguntava aos meus amigos surdos eles também desconhecem o significado do sinal ou o próprio sinal e isso é muito chato.

12-Você faz registros (em diário, agenda etc.) em ELS ou em português?

Os meus registros são em português [...] Que dizer, eu uso palavras da Língua Portuguesa, mas não sei escrever na norma culta padrão. Quando estou escrevendo em “Português” e esqueço ou não conheço alguma palavra eu faço o SW do sinal em Libras ao lado da palavra e depois procuro como se escreve em português.

SUJEITO 2 – VITÓRIA**1- Escolha um nome fictício para você.**

Vitória.

2- Onde aprendeu a escrita de língua de sinais?

Aprendi a escrita de sinais SW no curso de Letras/Libras 2006 na Universidade Federal do Amazonas – UFAM

3- Há quanto tempo que você conhece a escrita de língua de sinais?

Eu conheço há 4 (quatro) anos. Eu não sabia da ELS antes do curso de Letras/Libras.

4- Você usa a escrita de língua de sinais?

Sim, eu sempre escrevo sinais em SW, faço anotações e outras coisas.

5- Você mantém contato com pessoas através da escrita de língua de sinais?

Sim, o meu mestrado é sobre ELS.

6- Qual o seu (nível de) interesse na escrita de língua de sinais?

Meu interesse na ELS em SW é grande. A minha pesquisa de mestrado será nessa área. Por isso meu interesse só aumenta

7- Já ensinou a escrita de língua de sinais? Onde?

Ensinei a ELS durante 6 (seis) meses, período que fui monitora da disciplina no curso de Letras/Libras na modalidade presencial do curso em Santa Catarina na UFSC.

8- Pesquisa sobre escrita de língua de sinais na internet ou em outros meios?

Atualmente não, mas às vezes procuro no site* informações, novidades sobre a ELS para eu ler.

9- Qual sua opinião sobre o sistema de escrita de língua de sinais (é bom ou é falho), por quê?

O sistema é bom, mas dá muito trabalho localizar as configurações de mão.

10- Do que sente falta na ELS?

Sinto falta de uma escrita mais rápida, a mão.

11- Consegue ler mais rápido em escrita de língua de sinais?

Às vezes sim, dá pra ler rápido dependendo da publicação ou do meu conhecimento em relação aos sinais escritos naquela publicação, livros, histórias etc.

12- Você faz registros (em diário, agenda etc.) em ELS ou em Português?

Já faço meus registros pessoais em ELS, por exemplo, as anotações do meu diário são escritas em ELS. Mas, às vezes uso ELS junto com o Português.

SUJEITO 3 – LOURO

1- Escolha um nome fictício para você.

Louro

2- Onde aprendeu a escrita de língua de sinais?

Deixa-me lembrar [...] Conheci a ELS antes de começar o curso de Letras/Libras (2006), eu conheci a ELS através de alguns trabalhos de Literatura Surda de autoria de Fabiano Rosa. Na época aprendi alguns símbolos, mas não tinha consciência que se tratava de uma escrita, mas só aprendi mesmo no curso de Letras/Libras na UFC. Conheço o SW há 8 (oito) anos.

3- Há quanto tempo que você conhece a escrita de língua de sinais?

Como eu disse anteriormente, conheço a ELS há oito anos, mas não sabia usar antes. Eu só conhecia.

4- Você usa a escrita de língua de sinais?

Sim, atualmente tenho usado mais a ELS na escola. Como trabalho no Instituto Cearense de educação de Surdos – ICES, tenho ensinado a escrita aos alunos, por isso tenho praticado mais.

5- Você mantém contato com pessoas através da escrita de língua de sinais?

Eu tenho contato com alguns surdos, mas somente com o Rundesth que uso a ELS como principal meio de comunicação.

6- Qual o seu (nível de) interesse na escrita de língua de sinais?

Ainda tenho muito interesse em ELS, mas a maior dificuldade que sinto agora tem sido com os símbolos de movimento. Mas adoro ler em SW é como se visualizasse a minha linguagem escrita.

7- Já ensinou a escrita de língua de sinais? Onde?

Como professor do ICES ensinei a ELS algumas vezes de maneira muito básica e introdutória. Eu não lembro há quanto tempo atrás, mas acho que foi pouco antes de 2005 que comecei a “ensinar” a ELS aos alunos.

8- Pesquisa sobre escrita de língua de sinais na internet ou em outros meios?

Eu já pesquisava o SW no Dicionário Capovilla, mas percebia

falhas em alguns sinais além de símbolos errados, mas não sabia aonde procurar, não sabia se existiam outras referências. Só a partir do meu ingresso no curso Letras/Libras que conheci o site e comecei a pesquisar sobre ELS de outros países, como são os sinais e as diferenças, etc. É legal.

9- Qual sua opinião sobre o sistema de escrita de língua de sinais (é bom ou é falho), por quê?

Na verdade o sistema é um pouco confuso pra quem começa a usar. É complicado por causa dos agrupamentos das configurações de mão, que parecem está desorganizados, mas já me habituei e consigo usá-lo sem problema. O SW-Edit poderia ser melhorado.

10- Do que sente falta na ELS?

Na verdade acho que para ficar mais claro o SW precisaria de mais símbolos de movimento do corpo e de CM.

11- Consegue ler mais rápido em escrita de língua de sinais?

Eu já estou acostumado com o SW, se for um texto fácil (básico) eu leio rapidamente, mas, por exemplo, se for o Hino Nacional, fica muito difícil ler rápido, porque tem alguns sinais diferentes, por isso leio devagar, entende!?

12- Você faz registros (em diário, agenda etc.) em ELS ou em português?

Eu sempre uso os dois (ELS e Português). Quando é alguma coisa simples eu escrevo em Português mesmo, mas se for alguma coisa mais elaborada, densa; aí eu uso as o Português com ELS para facilitar o entendimento do contexto e do significado da palavra.

SUJEITO 4 – MARVEL

1- Escolha um nome fictício para você.

Marvel

2- Onde aprendeu a escrita de língua de sinais?

Aprendi com um amigo meu que era aluno do curso de Letras/Libras da turma de 2006 da UFC. Ele era pesquisador de ELS ele nos ensinou (grupo de amigos) os símbolos básicos. Com o tempo entrei também no mesmo curso em 2008 e assim continuo aprendendo.

3- Há quanto tempo você conhece a escrita de língua de sinais?

Conheci em 2006, hoje 2011[...] Fazem 5 (cinco) anos que

conheço a ELS, porque mesmo não sendo da turma de Letras/Libras 2006,(sou da turma de 2008) meus amigos me ensinavam antes.

4- Você usa a escrita de língua de sinais?

Sim, às vezes. Principalmente para anotar sinais de palavras que não conheço em Língua Portuguesa. Eu sempre uso o site da internet, comparo a escrita do Brasil com de outros países [...] vejo que é o mesmo sistema.

5- Você mantém contato com pessoas através da escrita de língua de sinais?

É muito difícil encontrar alguém que escreva em ELS, mas eu sempre uso quando entro em contato com meus amigos pela internet eu uso o programa de computador.

6- Qual o seu (nível de) interesse na escrita de língua de sinais?

C-L-A-R-O que tenho muito interesse em ELS. A escrita de sinais é um diferencial da minha cultura - cultura surda, além de ajudar a me desenvolver. Hoje escrevo (Português) mais rápido e entendo melhor.

7- Já ensinou a escrita de língua de sinais? Onde?

Já ensinei a ELS para crianças como “instrutor” em uma escola onde trabalhei [...], mas só o básico, nada muito difícil. Lá eu percebi que as crianças ficavam felizes quando conseguiam escrever com o SW coisas que não conseguiam com as palavras. Também já ensinei a ELS há dois anos quando trabalhei com a disciplina no ICES.

8- Pesquisa sobre escrita de língua de sinais na internet ou em outros meios?

Sim, às vezes quando pesquiso na internet, sempre busco ver como são os sinais de outros países e se existe algum padrão, etc.. A pesquisa na internet me ajuda bastante e eu aprendo mais. Pesquiso também no manual da Dra. Marianne Rossi disponível nas disciplinas de ELS I, II, III e IV.

9- Qual sua opinião sobre o sistema de escrita de língua de sinais (é bom ou é falho). Por quê?

Sim, eu gosto do sistema de ELS. Eu acho o sistema bom, mas sinto falta de uma organização melhor. No geral, as CM's são difíceis de encontrar e de lembrar onde estão agrupadas e etc.

10-Do que sente falta na ELS?

O que sinto falta na ELS [...] ah, falta alguns símbolos para classificadores. Eu também acho que seria mais fácil uma escrita cursiva.

11-Consegue ler mais rápido em escrita de língua de sinais?

Na verdade quando leio algum livro ou algo escrito em ELS não leio rápido, mas entendo melhor do que se estivesse lendo em Português. Mesmo tendo dúvidas em alguns sinais regionais, eu entendo bem a história escrita em SW. Mas depende muito do assunto – às vezes é fácil outras vezes difícil, não é?!

13-Você faz registros (em diário, agenda etc.) em ELS ou Português?

Às vezes eu faço os registros em ELS com legenda em Português. Eu escrevo a mão, mas tem um problema, porque quando escrevo a mão e depois vou ler não sei qual símbolo correto eu fiz, porque escrevi as pressas [...] e demoro a lembrar da palavra que eu mesmo escrevi (risos).

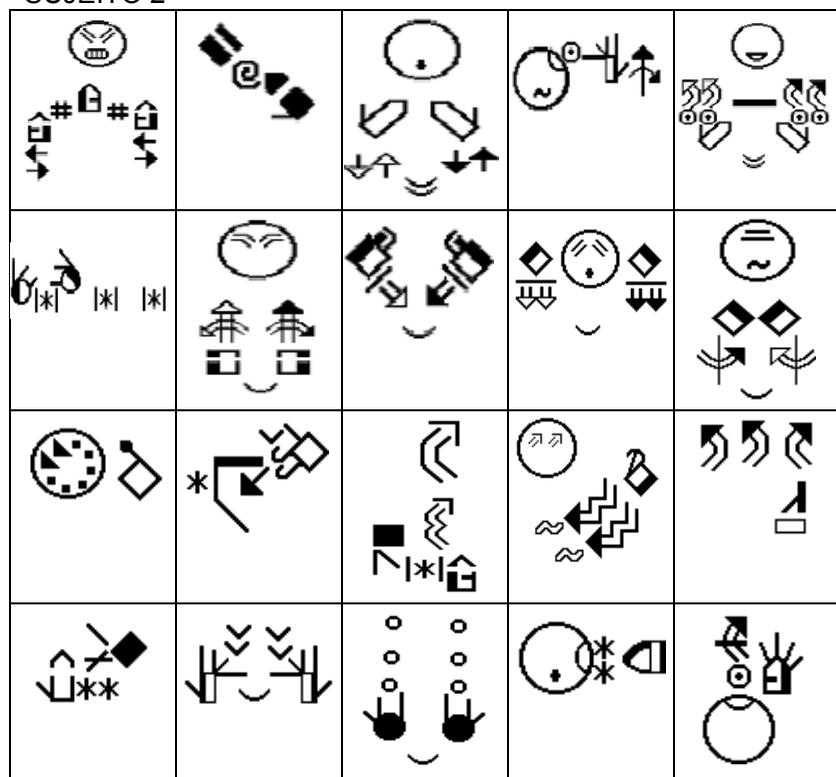
APÊNDICE D – Quadro modelo

1- Bater	2- Conversar	3- Bater-papo	4- Não-saber	5-Alegre
6-Contexto	7-Esforço	8-Possível	9-Chapéu	10-Impossível
11- Hora	12- Injeção (vacina)	13-Galopar e saltar	14-Pipa (brincar)	15-Distribuir
16-Verdade	17-Namorar	18-Especial	19-Beijos (rosto)	20-Bombeiro

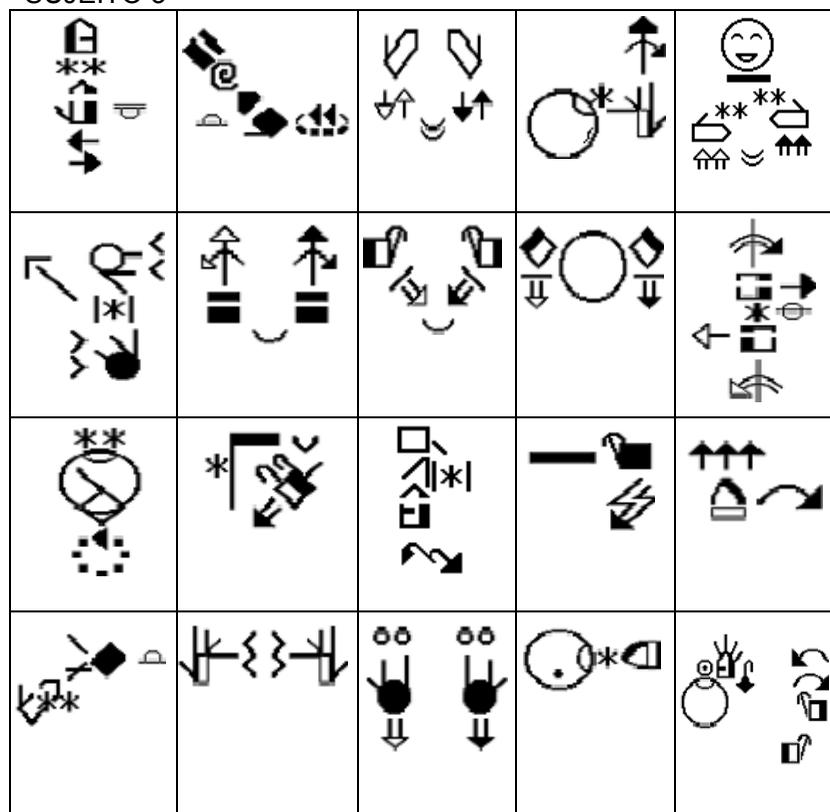
APÊNDICE E – Produções escritas

SUJEITO 1

SUJEITO 2



SUJEITO 3



SUJEITO 4

